UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia

Carolina Alves de Jongh

Por trás de cada pessoa existe uma história: lideranças, relações
solidárias e reconhecimento como base para transformações
psíquicas e sociais

São Paulo

2018

CAROLINA ALVES DE JONGH

**Por trás de cada pessoa existe uma história: lideranças, relações
solidárias e reconhecimento como base para transformações psíquicas
e sociais**

(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para obtenção
do título de mestre.

Área de concentração: Psicologia
Social

Orientador: Prof. Dr. Luis Guilherme
Galeão da Silva

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO IMPRESSO OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jongh, Carolina Alves de

Por trás de cada pessoa existe uma história: lideranças,
relações solidárias e reconhecimento como base para transformações
psíquicas e sociais. / Carolina Alves de Jongh; Orientador Luis
Guilherme Galeão da Silva -- São Paulo, 2018

137 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em
Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho).
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

1. Liderança Comunitária 2. Teoria do Reconhecimento 3.
Economia Solidária 4. Desigualdade de Gênero 5. Psicologia
Social I. Guilherme Galeão Silva, Luis, orientador. II. Título

Carolina Alves de Jongh

Por trás de cada pessoa existe uma história: lideranças, relações solidárias e reconhecimento como base para transformações psíquicas e sociais

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: Luis Guilherme Galeão da Silva (Orientador)

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura:_____

Prof. Dr.: Bernardo Parodi Svartman

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura:_____

Prof. Dr.: Egeu Gomez Esteves

Instituição: Universidade Federal de São Paulo Assinatura:_____

Profa. Dra.: Zilma Borges de Souza

Instituição: Fundação Getulio Vargas Assinatura:_____

Dissertação Defendida em: 02/10/2018

Às cinco mulheres que permitiram que
essa pesquisa se concretizasse ao abrir
suas histórias, suas dores e seus sorrisos
para mim

Ao Erick Mello, por viver a aventura da
vida ao meu lado e me aceitar em todas
as minhas contradições e
transformações

Ao Lucas, por me fazer descobrir uma
nova mulher, pelas reviravoltas diárias e
por me fazer, todos os dias, ter vontade
de ser inteira

AGRADEÇO

À Betânia, Selvina, Sulália, Neide e Vera por terem aceitado entrar nessa empreitada e participar da pesquisa de uma forma aberta, transparente. Aceitaram minha presença sem ressalvas, falaram de suas vidas, dividiram momentos de alegria e tristeza e me permitiram perceber que a escuta é um instrumento valiosíssimo de transformação e aceitação.

À todas as pessoas do Ângela de Cara Limpa e da União Popular de Mulheres, pelo trabalho bonito e difícil que fazem para manter esses dois empreendimentos e por abrirem as portas para minha breve participação. Em especial, no Ângela de Cara Limpa, à Edinaura, pelo cuidado, espontaneidade e pelos almoços e à Judite pela participação nos encontros do Papel de Mulher. Na União Popular de Mulheres, ao Hamilton, pela recepção, apoio e pelas inúmeras trocas; à Rose, pelo resgate do histórico das iniciativas e a todas e todos os participantes das oficinas de planejamento.

Ao Luis Galeão por todo apoio, paciência e presença verdadeira durante meu processo de aprendizagem na Psicologia. A condução dos grupos de orientação e estudos, a abertura para mudanças ao longo do processo e as provocações em relação aos temas e ao texto me deram confiança para essa jornada intensa de aprendizados. Aos companheiros de grupo Brisa, Carlos, Diego, Ingrid, José Fernando, Pablo e Rosa, pelas reflexões nos mais diversos assuntos e por dividirem as angústias, dúvidas e prazeres do processo de pesquisa e escrita.

Ao Erick, meu companheiro de alma, pela sua existência e sensibilidade. Por seguir comigo nesse percurso de vida, sem julgamento e com muita aceitação. Pela disponibilidade e alegria que deixam a vida mais leve e gostosa. Por simplesmente ser quem é e me inspirar nas mais diversas situações.

Ao Lucas, por ter chegado na minha vida no meio do processo. Por ter feito nascer em mim uma nova mulher e por ter me dado mais uma identidade, a de mãe. Identidade que mudou meu olhar sobre as mulheres-mães e ampliou minha perspectiva sobre as metamorfoses constantes da vida.

Ao Mario Aquino e Bernardo pela leitura atenta e contribuições na qualificação. Por se colocarem como parceiros de um processo de construção e por ampliar as perspectivas acadêmicas dessa pesquisa.

Ao Egeu Esteves pesquisa dos empreendimentos solidários da Zona Sul de São Paulo e pelas trocas ao longo da minha escrita. Pelas dicas metodológicas e pelas referências sobre Economia Solidária em uma perspectiva atual e realista.

Às companheiras de vida Mariana Nicolletti, Cristine Rosa, Mariana Falcão, Larissa Berbare, Emmanuelle Kalil pela sintonia de anos, por serem mulheres verdadeiras. Pela amizade, pela escuta e pelas trocas em momentos fáceis e difíceis. Por me fazerem ter a segurança que posso ser eu mesma e por crescermos juntas, cada uma em sua história.

Aos meus pais, Rose e Ronald, que me deram a vida e que me inspiraram a seguir meu caminho e fazer escolhas com o coração. Por serem essas duas pessoas tão únicas e especiais em minha vida, por terem dado muito amor e me fazerem ter vontade de ser uma pessoa melhor e ajudar a construir um mundo melhor.

Aos meus irmãos Christian e Milena, por estarem comigo mesmo quando não estão perto. Por fazerem eu sentir que posso contar com eles independente de qualquer coisa que aconteça. E pelos nossos laços que nos fazem nos entender com olhares e frases que são só nossos.

Ao Marcelo Ribeiro, Alessandro Silva, Eclea Bosi, Alessandro Santos, Gustavo Massola, Ana Maria Loffredo pelas aulas, recomendações de textos e pelas discussões que ampliaram meu repertório e me fazem querer continuar nessa jornada de aprendizado e pesquisa em Psicologia Social.

Ao Instituto Votorantim, que me permitiu conhecer uma série de realidades e iniciativas comunitárias pelo Brasil e despertou meu interesse para o tema da liderança comunitária, meu impulso inicial para a entrada no mestrado. Em especial à Ana Bonimani, Ligia Saad, Flora Cytrynowicz, Marcia Alexandre pelo companheirismo e amizade que ultrapassou os muros do ambiente de trabalho.

À Universidade de São Paulo e ao Instituto de Psicologia, por ser um mundo novo cheio de possibilidades de trocas e conhecimentos que se abre a cada dia. Também pelas inúmeras contradições que impulsionam novos estudos e iniciativas em busca de novas opções.

RESUMO

Com a intenção de contribuir para os estudos na temática da liderança sob a perspectiva das relações que se estabelecem em organizações sociais, essa pesquisa trata de transformações psíquicas e sociais a partir da lógica do cotidiano e das histórias cruzadas de pessoas que lidam diariamente com as consequências das desigualdades sociais em suas vidas.

Tendo como primeiro plano as histórias e perspectivas de cinco mulheres de dois empreendimentos solidários da cidade de São Paulo, o Ângela de Cara Limpa e a União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências, o processo foi sendo elaborado ao longo das interações que se estabeleceram entre nós. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas e observação participante e a perspectiva adotada na análise foi a das singularidades de cada história e de cada empreendimento. Essas histórias, ainda que únicas, permitem observar situações e sentimentos, bem como transformações e possibilidades de futuro, marcados por diversas contradições.

As reflexões tratam de quatro principais tópicos de análise: identidade, Economia Solidária, reconhecimento e liderança. A identidade é observada como um processo permanente de formação e transformação, a partir de condições materiais e históricas dadas. Nessas condições, desigualdade social e desigualdade de gênero são marcadores presentes, influenciando constantemente nas percepções individuais, coletivas e nas tomadas de decisão em relação a suas vidas. A Economia Solidária surge como uma alternativa à falta de emprego, renda e qualidade de vida. Embora a busca primeira a essas organizações seja pela renda, é a solidariedade que se mostra mais presente nas histórias. A solidariedade também é um dos muitos aspectos que favorece a luta pelo reconhecimento no processo de busca de pertencimento na sociedade. A reivindicação de direitos e sentir-se entre iguais, são alguns dos fatores que aparecem na luta por reconhecimento dessas mulheres. Por fim, as lideranças mostram-se não como a única fonte de inspiração e manutenção dessas iniciativas sociais, mas são fundamentais, deixando suas marcas e inspirações, e sendo marcadas e inspiradas por outros, num processo de construção constante.

Mais do que buscar direções únicas, essa pesquisa traz possibilidades e perspectivas para a atuação com comunidades e mulheres. As conclusões e recomendações para o campo apontam a perspectiva das relações e do compromisso na busca pela redução das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Liderança comunitária, Teoria do reconhecimento, Economia Solidária, Desigualdade de Gênero, Psicologia Social.

ABSTRACT

Seeking to contribute to studies on the leadership theme from the perspective of the relationships established in social organizations, this research deals with psychic and social transformations based on the logic of daily life and the cross stories of people who deal everyday with the consequences of social inequalities in their lives.

The interactions established among us made the process exclusive. The stories and perspectives are about five women from two solidarity economy enterprises in the city of São Paulo: 'Angela de Cara Limpa' and 'União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências'. The research took place from interviews and participant observations. The analysis adopted the perspective of the singularities of each story and each organization. These stories, although unique, allow us to observe situations and feelings, as well as transformations and possibilities of the future, marked by several contradictions.

The reflections deal with four main topics of analysis: identity, solidarity economy, recognition and leadership. Identity observed as a permanent process of formation and transformation, given material and historical conditions. Under these conditions, social inequality and gender inequality are present markers, constantly influencing individual, collective perceptions and life decision-makings. Solidarity economy emerges as an alternative to lack of employment, income or quality of life. Although the first search in these organizations is for income, solidarity is the main present aspect in the stories. Solidarity is also one of many aspects that favors the struggle for recognition in the process of seeking belonging in society. The claim of rights and feel equal, are some of the factors that appear in the struggle for recognition of these women. Finally, the leaderships are not the only source of inspiration and maintenance of these social initiatives. They are fundamental in leaving their marks and inspirations, and being marked and inspired by others, in a constant construction process.

More than seeking unique directions, this research offers possibilities and perspectives of working with communities and women. The conclusions and recommendations point to the perspective of relationships and commitment in the search for the reduction of social inequalities.

Keywords: Community leadership, Recognition theory, Solidarity Economy, Gender Inequality, Social Psychology.

Lista de Siglas

ACL	Programa de Educação e Defesa Ambiental Ângela de Cara Limpa
CAPS-AD	Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas
CCA	Centro para Crianças, Adolescentes e Jovens da Sociedade Santos Mártires
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
FEHIDRO	Fundo Estadual de Recursos Hídricos
FEMA	Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura do Município de São Paulo
FUNDUNESP	Fundação para o Desenvolvimento da UNESP – Universidade do Estado de São Paulo
FGV-EAESP	Escola de Administração de Empresas da Fundação Getulio Vargas
ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
ONU	Organização das Nações Unidas
POT	Programa Operação Trabalho
UPM	União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências
USP	Universidade de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1: (esquerda): Sede do Ângela de Cara Limpa.....	22
Figura 2 (direita): Travessa Maestro Massaíno, onde está localizada a Sede do Ângela de Cara Limpa	22
Figura 3 (esquerda): Casa da Mulher e da Criança, sede da União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências.....	25
Figura 4 (direita): Rua Zacarias Mazel, onde está localizada a sede da União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências.....	25
Figura 5 (esquerda): Betânia / Figura 6 (centro): Selvina / Figura 7 (direita) Vera	47
Figura 8 (esquerda): Sulália / Figura 9 (direita): Neide	67

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO	11
PRIMEIRA PARTE – Os empreendimentos solidários, participantes e lideranças.....	13
Capítulo 1 - Abordagem Metodológica	13
1.1. Justificativa	13
1.2. Desenho da Pesquisa	13
1.3. Trabalho de Campo	15
1.4. Metodologia de Análise	18
Capítulo 2 - O território e os empreendimentos	20
2.1. Zona Sul de São Paulo: Jardim Ângela e Campo Limpo	20
2.2. Ângela de Cara Limpa e Papel de Mulher	22
2.3. União Popular de Mulheres e Banco União Sampaio	25
2.4. História e organização formal	28
2.5. Chegada e permanência nos empreendimentos.....	34
2.6. Dificuldades financeiras.....	40
2.7. Os ganhos que os empreendimentos geram	43
Capítulo 3 - Participantes	47
3.1. Infância e chegada a São Paulo	48
3.2. Violência, religião e a escolarização	50
3.3. Relações com o empreendimento.....	57
3.4. Relações entre participantes: estar entre iguais	61
3.5. Os sonhos e as realidades	64
Capítulo 4 - Lideranças.....	66
4.1. História de vida	67
4.2. Motivações e as relações humanas	73
4.3. Os resultados: transformações na vida das pessoas.....	77
4.4. Compromisso com o empreendimento e com a comunidade.....	80
4.5. Rotina e (a falta de) equilíbrio.....	87
4.6. Inspiração	92
SEGUNDA PARTE – Reflexões sobre o contexto da pesquisa	94
Capítulo 5 - As mulheres da pesquisa	94
5.1. Identidade	94

5.2. Desigualdade de gênero e violência contra a mulher	96
5.3. Desigualdade de gênero e social	98
Capítulo 6 - Economia (ou relação) solidária.....	101
6.1. Trabalho e realização pessoal.....	101
6.2. Economia Solidária	103
6.3. Solidariedade.....	105
6.4. Autogestão.....	106
6.5. Repartição dos ganhos.....	107
Capítulo 7 – Relações e o reconhecimento	108
7.1. Luta por reconhecimento.....	109
7.2. Amor e autoconfiança	111
7.3. Direitos e autorrespeito	112
7.4. Comunidade e autoestima	115
Capítulo 8 - A liderança	117
8.1. Os processos de liderança	117
8.2. Responsabilidades: do individual para o coletivo	119
8.3. Liderança comunitária e seu papel político	121
8.4. Reconhecimento da liderança.....	124
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA O CAMPO	125
BIBLIOGRAFIA	133

APRESENTAÇÃO

O que a gente quer é alegria, é coisa linda, é você se doar. Para isso precisa sentido, você precisa cantar, sorrir. E a gente está em busca disso, em busca disso. (Neide, UPM¹)

Diversas são as abordagens e os contextos em que são realizados estudos sobre liderança. Poucos, entretanto, tratam da liderança do ponto de vista das pessoas que não estão exercendo a liderança especificamente. Em contextos que buscam reverter a lógica de desigualdades existentes, observar as relações de outros pontos de vista parece ser inevitável. A proposta deste trabalho é observar o papel que a liderança possui nos empreendimentos de Economia Solidária e como se estabelecem as relações entre as pessoas que exercem esse papel e os demais participantes do empreendimento. Da mesma forma, busca-se captar nuances nas relações e motivações das pessoas para continuar em suas rotinas e buscas pessoais e profissionais nesses empreendimentos.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira relata a pesquisa de campo realizada em dois empreendimentos de Economia Solidária da cidade de São Paulo. A segunda parte analisa os achados de aspectos relevantes da pesquisa de campo complementando-os a referências bibliográficas. Em todos os capítulos, as participantes da pesquisa são colocadas em primeiro plano. A busca aqui é que seja delas e para elas o resultado deste trabalho. Assim, ao longo de todo o texto, as temáticas são abordadas buscando trazer as percepções sobre os pontos de vista e experiências que elas me permitiram acessar.

O primeiro capítulo trata da abordagem metodológica escolhida para essa pesquisa. Ele relata a justificativa da pesquisa, o desenho, trabalho de campo e a metodologia de análise dos dados.

Em seguida, abordo o território e o histórico dos empreendimentos participantes da pesquisa. São abordadas as características da Zona Sul de São Paulo e como se deu a história e organização formal do Ângela de Cara Limpa e da União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências. Além disso, trago reflexões e falas sobre o processo de

¹ Citação de entrevistas realizadas em 27.02.2018 e 03.04.2018

chegada das participantes, sobre as dificuldades financeiras e sobre o papel destes empreendimentos nas transformações psíquicas e sociais de cada pessoa.

O capítulo sobre as participantes dos empreendimentos trata das principais questões trazidas pelas entrevistadas que não são as lideranças formais. Fala da infância e da chegada a São Paulo, das violências sofridas pelas mulheres, do papel da religião e escolarização em suas vidas e das relações que estabeleceram com o empreendimento e com outros participantes do empreendimento.

Em seguida, um capítulo fala das duas lideranças que participaram da pesquisa. Elas narram suas histórias, suas motivações e como as relações humanas tem papel relevante em suas vidas. Aborda também a visão que elas têm para os resultados e o compromisso que têm para com o empreendimento e a comunidade. Por fim, são trazidas as perspectivas da rotina, das múltiplas tarefas que assumem e suas fontes de inspiração.

Na segunda parte, os achados da pesquisa estão divididos em quatro temas que foram mais relevantes para a análise do conteúdo: (i) as mulheres da pesquisa e suas múltiplas identidades, (ii) a Economia Solidária e as dificuldades em adotar práticas diferentes da economia de mercado, (iii) o reconhecimento e três categorias de análise e (iv) os processos de liderança e os diferentes papéis assumidos.

Por fim, são trazidas as conclusões da pesquisa e algumas recomendações para o campo de atuação com comunidades, a partir das falas das participantes. Aqui o objetivo é que essa pesquisa tenha relevância não apenas para a academia, mas também para as comunidades que participam de pesquisas e iniciativas de desenvolvimento social.

INTRODUÇÃO

Difícil encontrar um único motivo que me levou a querer estudar lideranças comunitárias no contexto da Economia Solidária. Acredito que a história foi se tecendo na minha vida assim como meu papel no meu ambiente de trabalho e toda a trajetória de vida que me traz até aqui.

No ambiente universitário, o tema da Economia Solidária entrou na minha vida um pouco sem querer. Um grupo de amigos entre conversas e estudos sobre como contribuir para que o mundo funcione em outra lógica decidiu dar início a uma organização chamada Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), na Escola de Administração de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP). Por que tecnológica? O que define populares? Só cooperativas? Esses eram alguns dos temas de discussão daquela época em que tudo parecia um quadro branco a ser pintado com nossas ideias e ideais. Algumas perguntas ficaram sem respostas e outras foram continuamente debatidas nos nossos encontros.

Dessa forma, surgiram as formações em cooperativismo em parceria com a USP (Universidade de São Paulo) e posteriormente o trabalho no projeto com a prefeitura, em um programa de inclusão de uma comunidade no Jardim Ângela, na periferia da cidade de São Paulo. Tudo muito novo e muito interessante para mim, principalmente por ter esperança em um projeto de desenvolvimento que parecia fazer muito sentido.

Ao entrar no mercado de trabalho, após a formação universitária, não encontrei (ou talvez não tenha priorizado) uma trajetória de continuidade na Economia Solidária. Entrei no *mundo corporativo* e trabalhei durante algum tempo com planejamento estratégico em uma grande empresa brasileira. Em um determinado momento da minha carreira senti falta de significado, daqueles ideais que ficaram adormecidos e que agora pareciam ideologia estudantil. Motivada por esse ideal, decidi mudar de foco no trabalho e buscar algo que me trouxesse esse sentido que eu estava buscando. Nesse novo lugar, me deparei novamente com a perspectiva da Economia Solidária e com uma visão mais atualizada do que esse conceito se tornou.

Se em 2001, quando me dedicava à ITCP, os conceitos da Economia Solidária eram inovadores para o Brasil e prontos a serem testados, em 2012 eles já haviam entrado na pauta de políticas públicas de redução da pobreza. Nesse meu novo caminho em um

instituto empresarial que, dentre outras frentes de atuação, apoia empreendimentos de Economia Solidária, algumas das inquietações que antes pareciam tão bem resolvidas com as propostas da Economia Solidária se mostraram bem mais complexas do que eu imaginava.

Por que nem todos os empreendimentos conseguem atingir seus resultados de renda e satisfação com o trabalho? O que faz com que alguns tenham mais sucesso que os outros? Qual o papel desses empreendimentos no contexto da comunidade? Será que eles contribuem para o desenvolvimento local? Entre tantas inquietações, o que mais me chamou a atenção nos últimos quatro anos de atuação com esses grupos e nessas comunidades foi o papel que os líderes dos empreendimentos exercem no grupo e na comunidade. Comecei a pensar que eles eram a chave fundamental para o sucesso dos empreendimentos, pois são pessoas que normalmente agregam outras pessoas e que motivam sua comunidade e que, além disso, conseguem levar mais apoio para seu desenvolvimento.

Por outro lado, comecei a perceber como as iniciativas de apoio a empreendimentos solidários reforça e valoriza o papel da liderança, contribuindo para centralizações e excesso de trabalho que não necessariamente são positivos nem para as lideranças nem para os demais membros do grupo.

Foi sob essa ótica que nasceu a pesquisa que busca entender como se dão as relações entre lideranças e membros de empreendimentos solidários a partir da perspectiva dos participantes.

Ao longo da pesquisa de campo, vários aspectos da história individual de cada participante ou liderança foram ficando mais fortes. Além disso, elas trouxeram percepções muito claras sobre suas realidades e as necessidades de transformação que vislumbram. O conteúdo deste trabalho mudou muito durante todo o processo, pois fui tentando trazer luz para o que é mais relevante e o que mais apareceu para mim ao longo do tempo que pude acessar a realidade delas.

Tornou-se também uma pesquisa sobre relações solidárias e sobre as desigualdades relacionadas a gênero que são vividas pelas mulheres nos mais diferentes contextos de suas vidas.

PRIMEIRA PARTE – Os empreendimentos solidários, participantes e lideranças

Capítulo 1 - Abordagem Metodológica

1.1. Justificativa

O presente trabalho de pesquisa foi concebido a partir da proposta de construir uma argumentação sobre o papel da liderança nas relações vigentes em empreendimentos de Economia Solidária a partir da perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa. Ao contrário de confirmar hipóteses ou teorias, esperava-se captar percepções, nuances e perspectivas dos participantes da pesquisa, de modo a contribuir para a temática da liderança comunitária.

O objetivo da pesquisa é, portanto, investigar como se dão as relações entre líderes e participantes de empreendimentos de Economia Solidária, tendo como base a teoria do reconhecimento.

Em termos de objetivos específicos, espera-se contribuir para a literatura existente por meio de uma análise de como se dão as questões de gênero e classe social nessas relações, considerando o território e os empreendimentos em que foi realizada a pesquisa.

1.2. Desenho da Pesquisa

O ponto de partida para o desenho deste projeto foi a inquietação a respeito do papel das lideranças comunitárias e sua relação com as pessoas e o contexto em que estão inseridas. Sendo um estudo social, algumas premissas justificam a utilização de uma metodologia qualitativa (CEBRAP, 2016):

- O objetivo não é realizar um experimento que valide uma teoria ou que busque uma verdade única, considerando que é impossível isolar os fenômenos sociais.
- Dado que a relação entre a pesquisadora e as pessoas que participam da pesquisa é ativa e influenciadora de ambos os lados, quem participa da pesquisa tem sua postura alterada e influenciada pela presença e também pelos diálogos que ocorrem durante a pesquisa. Além disso, as pessoas que participam da pesquisa influenciam a pesquisadora ao longo do processo.

- A pesquisa interpreta a interpretação que os sujeitos produzem de sua prática.

Além da escolha pela metodologia qualitativa, a opção escolhida foi utilizar a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa. Realizar pesquisas em comunidades a partir do ponto de vista dos participantes faz parte de um processo metodológico que vem sendo expandido desde os anos 2000 (Almeida, Santos e Paiva, 2012). A argumentação técnica para essa metodologia é relacionada ao fato de que o incremento de participação comunitária ao longo da pesquisa produz decisões coletivas para as atividades que serão implantadas durante o processo e permite que essas ações tenham continuidade mesmo após o término da pesquisa em si. Do ponto de vista político, a participação da comunidade em projetos de pesquisa estimula o exercício de cidadania e, consequentemente, aumenta o potencial de regulação do poder público pela sociedade.

Dentre as metodologias existentes, a análise da trajetória de vida complementada pela observação participante, se mostraram as mais adequadas. A utilização de dois métodos em conjunto tem a vantagem da complementaridade nas abordagens e do aprofundamento de análises a partir de conteúdos distintos. A trajetória de vida consegue trazer profundidade e permite traçar um quadro vívido dos fenômenos sociais, reconstruindo a experiência subjetiva de processos e estruturas sociais. Por outro lado, a observação participante permite perceber nuances das interações sociais rotineiras, cotidianas, por meio da observação (CEBRAP, 2016).

A utilização da trajetória de vida foi escolhida como a principal metodologia do processo a partir da concepção de que o indivíduo narra a sua realidade em uma perspectiva e permite, a partir daí, apreender o contexto social, as práticas do sujeito e sua própria maneira de negociar a realidade onde está inserido (Barros, 2000). É esperado que essas narrativas tragam luz a uma memória social, considerando que a verdade social é parcial e relativa da validação social de uma teoria (Martín-Baró, 2009). A observação participante complementa essa memória social e traz luz às relações e ao contexto onde as narrativas se dão.

1.3. Trabalho de Campo

Após a escolha da abordagem metodológica, vem a definição de quem são os/as, protagonistas dessa pesquisa. A escolha da temática de Economia Solidária teve por base meu histórico profissional e acadêmico na área, motivadores da pergunta de pesquisa. Esse histórico permite que eu também traga contribuições por ter um olhar familiarizado com esse tipo de empreendimento e os conceitos de Economia Solidária. A partir daí, além das características sociais encontradas na região, considerando as práticas em pesquisas universitárias na Zona Sul da cidade de São Paulo, foram consultados três empreendimentos² solidários que fizeram parte da pesquisa Conexões da Zona Sul (Esteves, Silva, Spink, 2016). Desses, dois foram selecionados por possuírem uma dinâmica intensa de atividades com objetivo de geração de renda durante a pesquisa, além de terem demonstrado interesse em fazer parte do processo. Um deles é localizado no Jardim Ângela, o Ângela de Cara Limpa e Papel de Mulher, e o outro no Campo Limpo, a União Popular de Mulheres e Banco União Sampaio.

Para cada um dos empreendimentos, à pessoa que me recebeu foi apresentada a proposta de pesquisa e, a partir da aceitação da proposta, recebi a indicação de duas a três pessoas para fazerem parte da etapa de entrevistas. Além disso, cada um deles definiu um foco de interface para a observação participante, considerando que eu passaria um período de três a quatro horas na semana por lá.

Para a etapa de entrevistas, a proposta seria entrevistar uma liderança e uma não liderança, visando analisar as percepções do ponto de vista da posição ocupada na rotina e interface com o empreendimento e comunidade. No Ângela de Cara Limpa foi sugerido que eu conversasse com três pessoas, pois as três teriam contribuições relevantes. Concordei e ficamos com cinco entrevistadas, duas na União Popular de Mulheres e três no Ângela de Cara Limpa.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas: uma primeira entrevista com um roteiro que serviu de bússola, mas que não necessariamente foi totalmente seguido, já que o objetivo era que as pessoas falassem livremente sobre sua vida, o empreendimento e as

² Os empreendimentos solidários caracterizam-se por se basearem nos princípios e valores expressos na Carta de Princípios da Economia Solidária (<http://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria/>), dos quais se destacam o exercício da autogestão na sua organização interna e o fato de serem supra familiares com caráter de atividade econômica.

relações existentes nesse empreendimento. Após a transcrição e análise, foi realizada uma segunda entrevista, aproximadamente um mês após a primeira conversa, para expor o que eu considere sendo os principais trechos da entrevista e colher a percepção das entrevistadas sobre esses extratos, além de aprofundar o entendimento sobre determinadas falas.

A cada entrevista e ao longo de todo o processo, ficou claro que seria muito rico se pudessem ter sido feitas mais entrevistas para compor o material de análise. Cada história é única, complexa e todas elas foram complementando, negando ou reafirmando percepções prévias às conversas e ao convívio com as pessoas daqueles empreendimentos. Da mesma forma, seria interessante ter uma interface ampliada com os grupos para além de encontros semanais, já que na dinâmica do dia-a-dia algumas sutilezas das relações entre as pessoas ficam mais claras. Ainda assim, a quantidade de entrevistas somada às interações semanais com os dois grupos, mostrou-se adequada para trazer luz a uma série de descobertas que, somadas à bibliografia existente, permitem atingir o objetivo dessa pesquisa.

Como base do método e das técnicas utilizadas, a pesquisa utilizou os princípios propostos por Montero (2006) para o campo da psicologia comunitária. São princípios diversos e abrangentes que precisam fazer parte da relação que se estabelece ao longo da pesquisa. Conhecimento, igualdade, consciência, diversidade, respeito, liberdade, caráter ativo e criador das pessoas como parte da forma de perceber as pessoas que estão participando da pesquisa. Poder e controle na comunidade, participação e compromisso e transformação social são objetivos a serem alcançados a partir da interação realizada ao longo da pesquisa. E bem-estar pessoal e libertação podem ser enxergados como resultados provenientes dessa interação, considerando a maneira como os indivíduos participantes percebem e internalizam a experiência.

São princípios baseados em valores que regem a relação entre os agentes externos, os profissionais que vão trabalhar com a comunidade e internos, os líderes e pessoas interessadas que pertencem à comunidade no trabalho comunitário. Dessa forma, as relações foram se modelando na prática ao longo dos encontros.

Nessa lógica e buscando realmente a participação, o compromisso e a manutenção do poder e controle na comunidade, minha presença em campo foi negociada como uma contrapartida à participação na pesquisa. Cada empreendimento definiu que contribuição

minha presença poderia dar para o empreendimento e ficou definido que faríamos oficinas e diálogos sobre planejamento (dada minha experiência no tema). Essas conversas foram a base dos nossos encontros semanais, que ocorreram ao longo de quatro meses.

No Ângela de Cara Limpa, a interface semanal ocorreu focada em um dos núcleos do empreendimento, o Papel de Mulher, contando com a participação das três membras. Essa escolha se deu porque duas das entrevistadas são desse núcleo e estavam ansiosas por colocar em prática uma mudança de foco que haviam definido poucos meses antes do início da pesquisa, em dezembro de 2017. O trabalho realizado foi uma avaliação da situação em relação às vendas e um planejamento de curto prazo sobre como aumentar as vendas considerando o novo foco de atuação. Além disso, foi realizada uma análise de custos e de receitas, com objetivo de ajuda-las a precificar os serviços oferecidos. Sempre que possível fiquei para o almoço.

Foram quatro meses de convivência semanal que, embora pouco tempo, permitiu uma observação das relações para além das entrevistas realizadas. Principalmente antes e depois das nossas conversas, durante os almoços, foi possível conhecer e entender um pouco mais das questões levantadas nas entrevistas. Ao longo do processo, as características de cada uma foram ficando mais nítidas para mim e consegui ir formulando o que chamarei aqui de achados da pesquisa. Além disso, passei a ter um carinho e admiração pelas mulheres com quem convivi. Elas me ensinaram muito sobre as relações e sobre o cuidado entre semelhantes que possuem características e histórias pessoais tão distintas.

Na União Popular de Mulheres a interação se deu de forma distinta. A principal interface na União Popular de Mulheres foi um trabalhador voluntário que estava responsável pelas atividades do Banco Comunitário União Sampaio, um dos núcleos da UPM. De acordo com o planejamento prévio realizado no banco, combinamos que eu iria ministrar oficinas de planejamento e empreendedorismo³ solidário para potenciais clientes do banco (essa era uma das linhas de serviço que o banco gostaria de oferecer

³ A palavra empreendedorismo e os termos relacionados a ela apareceram com frequência na pesquisa. Esse termo é amplamente difundido considerando características individuais relacionadas às capacidades de iniciar ou gerenciar negócios por meio de capacidades adaptativas. O termo empreendedorismo solidário tenta aproximar o trabalho coletivo e a solidariedade, tirando o viés individualista e de responsabilidade pessoal sobre os processos de gestão. Na fala das entrevistadas e no convívio semanal, entretanto, nem sempre ambos os conceitos apareceram juntos e em diversos momentos ficou marcada a autocobrança e a percepção de que os indivíduos devem desenvolver capacidades empreendedoras. Para mais informações sobre esse conceito, o artigo “O diferencial do empreendedorismo solidário” (GAIGER e CORREA, 2011) aborda a necessidade de revisão do conceito de empreendedorismo, principalmente em organizações de pequeno porte.

com mais frequência à comunidade). Foram realizadas então cinco oficinas e, após o término das mesmas, ajudei o empreendimento na escrita de projetos para captação de recursos, uma necessidade latente da UPM.

A convivência na UPM foi um pouco menos intensa em termos de entendimento organizacional, já que o meu principal ponto de contato não era uma das membras e que o empreendimento possui unidades localizadas em espaços distintos da sede. Ainda assim, foi possível captar nuances nas relações e no convívio entre as pessoas que fazem parte daquela rotina. Da mesma forma que no Ângela de Cara Limpa, sempre que possível cheguei antes para um café e fiquei para o almoço. Lá também as conversas informais se mostraram muito ricas e me permitiram entender melhor as relações existentes, além de me proporcionarem muitos ensinamentos sobre persistência e compromisso com a comunidade.

Durante todo o trabalho de campo foi ficando claro que as organizações passaram por ciclos positivos e negativos no quesito relações humanas e aspectos financeiros. Na época da pesquisa de campo ambas passavam por dificuldades financeiras e isso foi bastante discutido tanto nas entrevistas quanto no convívio semanal. Em ambas, as relações humanas em cada um dos espaços foi ponto importante para a manutenção do espaço de trabalho comunitário e para a permanência dos membros ao longo dos anos.

1.4. Metodologia de Análise

A análise da pesquisa foi realizada seguindo o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2006): preparação do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Para a preparação do material, todas as entrevistas foram transcritas incluindo informações linguísticas (totalidade da fala) e paralinguísticas (silêncios, onomatopeias, perturbações, aspectos emocionais). Todos os encontros foram registrados em um diário de campo em que foram anotados os acontecimentos, algumas falas mais marcantes e minhas principais percepções sobre aquele encontro. Essa preparação de material foi ocorrendo ao longo do trabalho de campo, o que permitiu que alguns *insights* viessem enquanto estávamos convivendo e possibilitando algumas checagens de percepções ou

colocação das inquietações que eu vinha tendo nas minhas análises para que as participantes fizessem considerações.

No tratamento dos resultados, foi escolhida a análise temática, em que o conjunto de entrevistas e material produzido são recortados através de um grupo de categorias projetado no conteúdo. Essa escolha teve por base a existência de dois tipos de material para análise que se complementam: a transcrição das entrevistas e o diário de campo. Ainda assim, considerando a riqueza e abrangência do material das entrevistas, elas foram a principal fonte de conteúdo trazida para essa dissertação.

Para a análise, foram escolhidos recortes relevantes para atingir o objetivo da pesquisa: (i) território e os empreendimentos, (ii) participantes e (iii) lideranças. Dentro de cada tema, algumas categorias de análise foram definidas para agrupamento do material. Para cada uma, há uma parte descritiva e as análises do conteúdo.

A partir da pesquisa de campo, quatro foram as categorias que mostraram maior relevância: (i) identidade e desigualdade de gênero, (ii) economia e relações solidárias, (iii) relações à luz da teoria do reconhecimento e (iv) liderança como processo. Cada uma dessas categorias é abrangente e tem vida por si só. Por isso, a partir da análise do conteúdo de campo, a organização dos capítulos e revisão bibliográfica foi pautada nesses temas.

Há temas que não foram tratados nas entrevistas e nas conversas e que, portanto, não aparecem destacados neste trabalho. Isso não significa que eles não existem: pode ser que não existam e pode ser que a relação foi demasiadamente curta para que tivessem espaço para aparecer.

Ao final, somando o material de campo e a análise da bibliografia existente, tem-se as conclusões dessa pesquisa e recomendações para o campo, que pode ser apenas um começo para mais descobertas que contribuam para a academia e para a prática nessas temáticas.

Capítulo 2 - O território e os empreendimentos

2.1. Zona Sul de São Paulo: Jardim Ângela e Campo Limpo

Porque pela ONU naquela época nós fomos considerados o bairro mais violento, o Jardim Ângela. E também éramos chamados de triângulo da morte. Jardim Ângela, Capão Redondo e São Luís. E a gente não queria isso, a gente queria algo diferente. (Sulália, ACL⁴)

E meu pai voltou a ser o agricultor que ele era quando criança. E veio para essa região onde estou aqui. Pegou esse caminhão onde eu circulo hoje. Por isso que eu preciso contar isso, porque está muito forte a minha ligação. E aqui para frente, uns 5 quilômetros, daqui uns 5 mil metros, foi onde ele conseguiu uma terra e começou a desbravar. Ele mesmo. E a plantar. E a gente passou uns três anos comendo só o que a terra plantava. Passamos muita necessidade. Muita. E a necessidade tanto do alimento, quanto a necessidade do conhecimento. (Neide, UPM)

Os dois distritos da cidade de São Paulo onde se dá a pesquisa - Jardim Ângela e Campo Limpo - são parte de um grupo de bairros localizados na Zona Sul do município de São Paulo com uma história e uma dinâmica socioeconômica similares. A ocupação desta parte da Zona Sul para fins de moradia começou às margens da Represa Guarapiranga e do Rio Pinheiros. Até os anos 1950 a região teve vocação principalmente agrícola e também de lazer. Entre os anos 1960 e 1970, acompanhando o ciclo de expansão industrial do distrito de Santo Amaro, esses distritos (e outros distritos vizinhos) tornaram-se opção de moradia popular e receberam uma forte onda migratória de pessoas trabalhadoras provenientes de outras regiões do país e do estado (ESTEVES, SILVA, SPINK, 2016). Essa expansão populacional, entretanto, não foi acompanhada por investimentos públicos em infraestrutura e equipamentos.

Essa dinâmica de expansão periférica também pode ser entendida como sinal de autonomia popular ou, ao menos, de resistência às forças de uma “ordem excludente”. Sem recursos e à margem da regularidade e de legalidade uma população pobre e

⁴ Citação de entrevistas realizadas em 22.02.2018 e 16.03.2018

trabalhadora transformou o cenário em que se encontrava. Conforme apontado no relatório Conexões da Zona Sul (ESTEVEES, SILVA, SPINK, 2016), “a ocupação não trouxe pessoas abstratas, números transportados passivamente para um destino precário. A ocupação trouxe pessoas reais com necessidades concretas e reivindicações”. E assim vieram com elas ações de caráter social, político e cultural.

Ao longo dos anos, uma série de lutas sociais teve espaço na região. Começando pela luta por moradia digna, incluindo regularização fundiária, saneamento básico e instalação de equipamentos públicos. A essas reivindicações somaram-se lutas por direito ao trabalho e assistência social, principalmente a partir da década de 90, com a crise econômica que aumentou os níveis de desemprego e violência, principalmente nas periferias.

Embora muitas conquistas tenham ocorrido como consequência da articulação da população e acompanhamento de políticas públicas, as dificuldades perduram até hoje. Esses bairros continuam a aparecer com destaque em indicadores de violência, falta de infraestrutura, dentre outros.

Segundo o Mapa da Desigualdade (NOSSA SÃO PAULO, 2017), a expectativa de vida de quem vive no Campo Limpo (60,9) e Jardim Ângela (54,7) é de 19 e 25 anos a menos do que o bairro com maior expectativa de vida de São Paulo (Alto de Pinheiros, 79,7). Essa disparidade é reflexo de uma série de déficits em investimento e infraestrutura em áreas como educação, saúde e transporte.

É nesse cenário que surgem empreendimentos comunitários que buscam ser uma alternativa à situação vigente nesses territórios. Por meio de movimentos e de instituições formais, essas organizações definem uma causa e passam (ou continuam) a mobilizar a comunidade para atingir melhorias para as pessoas da região. Assim surgem, portanto, o Ângela de Cara Limpa (no Jardim Ângela), e a União Popular de Mulheres (no Campo Limpo).

2.2. Ângela de Cara Limpa e Papel de Mulher

Figura 1: (esquerda): Sede do Ângela de Cara Limpa

Figura 2 (direita): Travessa Maestro Massaino, onde está localizada a Sede do Ângela de Cara Limpa

O Programa de Educação e Defesa Ambiental Ângela de Cara Limpa (ACL), surgiu como um dos resultados das oficinas sobre cidadania, recursos naturais, organização social, legislação ambiental e elaboração de projetos promovido pela Sociedade Santos Mártires⁵ no ano de 1996. Neste ano, o Jardim Ângela, e o Capão Redondo, foram considerados pela ONU como os bairros mais violentos do mundo, motivando a Sociedade Santos Mártires a iniciar um processo de construção coletiva de um plano de desenvolvimento da região.

Em 2001, no escopo de um projeto estadual de identificação e formação de lideranças ambientais na bacia do Guarapiranga, com recursos do FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos), foi construído o galpão para a Cooperativa de Reciclagem de Resíduos Sólidos na área cedida pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo.

Originalmente o ACL se formalizou como uma associação, constituiu um corpo diretivo e desenvolveu atividades principalmente ligadas à triagem de resíduos sólidos. Entretanto, nos primeiros anos houve dificuldades para a manutenção de um grupo coeso

⁵ A Sociedade Santos Mártires é uma associação civil e beneficente, sem fins lucrativos que atua na região do M'Boi Mirim (Jd. Ângela e Jd. São Luís) há 30 anos. Tem por finalidade a promoção humana por meio de serviços comunitários e programas específicos de atendimento à infância, adolescência, juventude, adultos, idosos, famílias e pessoas com deficiências. (<http://www.santosmartires.org.br/>)

e o empreendimento acabou centrado em membros de uma única família. Essa família não conseguiu garantir seu sustento econômico nem a manutenção do espaço. A associação foi desfeita e o empreendimento passou a ser um projeto da Sociedade Santos Mártires.

A partir de 2005 houve uma reorganização do empreendimento, puxada pela Sociedade Santos Mártires e trazendo novamente a liderança que estava no surgimento do ACL. Houve então uma nova elaboração de projeto para a FEHIDRO e uma aproximação com o CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas) e com a Casa Sofia (que acolhe mulheres vítimas de violência). Em 2006 foi realizado o Seminário Educonservação Ambiental, que contou com a participação de aproximadamente 300 pessoas e culminou em uma diversificação nas atividades, com manutenção do foco na área ambiental.

Como continuidade do seminário, foram oferecidos três cursos para a comunidade: um sobre reciclagem, outro sobre fabricação de papel reciclado e o terceiro sobre agricultura urbana. Após o término do curso, os participantes que desejassem poderiam continuar no espaço e conduzindo atividades com objetivo de geração de renda com foco em cada um dos temas dos cursos. Em 2007 formou-se o grupo que deu origem ao Papel de Mulher, e houve a retomada de atividades do Reciclângela e da Agricultura Urbana. Foi um período com grande quantidade de membros no empreendimento e muita expectativa em relação à viabilidade econômica e solidária.

Entre 2007 e 2008 o ACL realizou parcerias com o Instituto Camargo Correa, para realização de capacitações, e com o Programa Operação Trabalho (POT), que forneceu bolsas. As parcerias, entretanto, não foram aprovadas na mesma época conforme o planejado e, em 2009, após o término das bolsas, muitos participantes saíram do empreendimento sem ter tido oportunidade de finalizar as capacitações e contribuir para a viabilidade econômica dos empreendimentos.

De 2010 a 2017, o ACL enfrenta então uma redução no número e fluxo de participantes. Gabriel Menezes, um dos parceiros que participou desde a retomada do projeto, deixou de acompanhar o ACL com a mesma frequência e proximidade. Na mesma época, o CAPS-AD deixa de ser da gestão da Sociedade Santos Mártires. Atualmente o empreendimento conta com oito a dez participantes, distribuídos nos diferentes núcleos.

O espaço de mais de cinco mil m², fica em uma travessa pouco movimentada da Estrada do M'Boi Mirim. O ACL posiciona-se como uma plataforma de projetos e iniciativas socioambientais que apoia a implantação e fortalecimento de empreendimentos populares solidários que articulam educação ambiental, gestão de resíduos, reciclagem e agroecologia. No período da pesquisa eram quatro as principais iniciativas.

- ReciclÂngela, que faz triagem e venda de material reciclável doado;
- Papel de Mulher, que faz oficinas de educação socioambiental, incluindo experiência prática de produção de papel reciclado;
- Horta Comunitária, que produz e vende produtos de agricultura orgânica;
- Colméia, objeto multifuncional para crianças foi concebido por dois moradores da região que estudaram na USP

Das iniciativas existentes, o Papel de Mulher foi o foco dessa pesquisa. No período em que foi realizada a pesquisa, contava com a atuação de três mulheres que lá estavam desde o curso de papel reciclado artesanal, em 2007. Ao longo dos mais de dez anos de existência, o empreendimento produziu e vendeu cadernos e outros produtos de materiais reciclados. Entendendo que os produtos artesanais possuem difícil aceitação no mercado, revisaram sua estratégia no final de 2017 e passaram a posicionar-se como um negócio social de educação humana e ambiental. Com o objetivo despertar o olhar das pessoas para suas atitudes no tocante ao uso e ao descarte de coisas, buscando instigar-lhes mudanças concretas em relação a si, ao outro e ao meio ambiente, oferece oficinas e cursos em diferentes espaços do estado de São Paulo.

Entre ações para captação de recursos por meio de editais e a venda dos produtos dos núcleos existentes, o Ângela de Cara Limpa busca ser uma referência para a temática ambiental e social na região. Além da atuação dos núcleos, promove também feiras na vizinhança para aproximar o empreendimento da comunidade do entorno.

2.3. União Popular de Mulheres e Banco União Sampaio

Figura 3 (esquerda): Casa da Mulher e da Criança, sede da União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências.

Figura 4 (direita): Rua Zacarias Mazel, onde está localizada a sede da União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências

A União Popular de Mulheres, ou UPM, surge da mobilização de um grupo de mulheres de diversos bairros da região que se organizou para reivindicar do poder público a atenção para os graves problemas como verminoses, desnutrição, mortalidade infantil, etc. Embora já houvesse conseguido uma série de conquistas como movimento social não formalizado, a constituição de uma entidade com estrutura jurídica de associação foi necessária para ter reconhecimento público e poder demandar recursos públicos e privados. Fundada em 1987, a União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências foi ao encontro das necessidades das mulheres que buscavam seus direitos e de suas famílias.

Atualmente a UPM desenvolve um amplo leque atividades e iniciativas visando a emancipação da mulher, a igualdade nas relações sociais e de gênero, e a plena realização dos direitos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais. As atividades da UPM se desenvolvem em seis locais:

- A “Casa da Mulher e da Criança” (Jd. Maria Sampaio – Campo Limpo): é a sede da UPM e abriga turmas do MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos e ações educativas e de articulação social e comunitária. Nesse espaço está também o Banco União Sampaio, o Bazar, a Padaria Comunitária, Oficinas de Costura e a Horta Comunitária.

- Centro de Defesa e Convivência da Mulher – CDCM “Mulheres Vivas” (Vila Pirajussara – Campo Limpo)
- Três Núcleos de Convivência de Idosos: o NCI “Vida Ativa” (Jd. Lídia – Capão Redondo), o NCI “Vitória” (Jd. Ana Maria – Campo Limpo), e o NCI “Alegria Pura” (Jd. Rebouças – Campo Limpo)
- Casa de Acolhimento Provisório, na Casa Rosângela Rigo (Jardim Sampaio - Zona Norte)

Atualmente a maior parte dos núcleos da UPM são organizados em torno de parcerias com o poder público para a realização de ações para a valorização da mulher e do idoso por meio de atendimento, cuidado, referência, atenção e convívio. Exceção a essa regra é o Banco União Sampaio e a Padaria Comunitária, que estão sediados na Casa da Mulher e da Criança e que não tem relação direta com políticas públicas.

O Banco surge em 2009 depois de aproximadamente um ano de conversas com estudantes e professores membros da ITCP-USP (Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo). Atraídos pelas feiras solidárias que a UPM promovia na comunidade, os estudantes e professores da USP propuseram a criação de um banco comunitário que facilitasse e melhorasse as condições financeiras da comunidade. Ocorreu então a formação de um Conselho de Análise de Crédito (CAC), para oferecer crédito à comunidade do Jardim Maria Sampaio, Campo Limpo e adjacências.

É um projeto de finanças solidárias que tem por objetivo reorganizar o consumo e a produção da comunidade, dinamizando a economia local por meio da democratização dos serviços financeiros. O banco foi criado para promover a geração de trabalho e renda numa perspectiva da Economia Solidária e desenvolvimento local, atuando por meio da prestação de serviços financeiros buscando integrar crédito, produção, comércio e consumo com participação da comunidade e interação solidária. Para facilitar as interações solidárias o banco criou e utiliza a moeda social “Sampaio”, que é aceita por alguns comerciantes locais conveniados ao banco.

Alinhados às políticas federais de apoio à Economia Solidária, de 2012 a 2016 dois projetos tiveram bastante repercussão nas atividades da UPM: o Redes e o Ações Integradas. O projeto Rede de Empreendimentos Culturais Solidários da Periferia Urbana da Zona Sul da Cidade de São Paulo foi fruto de um convênio firmado com a prefeitura

do município de São Paulo e as SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) que se iniciou em 2012. Este projeto tinha por objetivo articular e promover ações de integração de empreendimentos culturais solidários na região como forma de ressignificação do trabalho para a juventude. Ao longo de quatro anos, foram realizados planos de viabilidade para empreendimentos locais, além de promoção de festivais, exposições, saraus e debates sobre temas relevantes para o território.

Com o término do Redes, teve início o projeto Ações Integradas (também em convênio com a prefeitura e a SENAES), que realizou a formação de educadores e jovens de 72 centros de juventude da cidade de São Paulo. Em 2012 foi também criada a Agência Popular Solano Trindade, empreendimento cultural que nasceu com o papel de articular o arranjo produtivo da cultura local. Em 2016 a Agência Popular Solano Trindade se desvinculou das atividades da UPM.

Em 2017 a UPM foi selecionada em um edital para formar a Casa de Acolhimento Provisório, a primeira do estado. Esta casa está prevista nas diretrizes nacionais de abrigo de mulheres em situação de risco e violência⁶. Trata-se de mais uma iniciativa do empreendimento de proteção às mulheres e promoção de ações para equidade de gênero.

A Padaria Comunitária surgiu como um dos empreendimentos de empréstimo do banco. O início ocorreu em 2014, quando um grupo de três mulheres procurou o banco para dar início à produção e começou a vender pão, utilizando a cozinha da sede da UPM. Depois de um tempo, com dificuldades financeiras, deixaram de produzir e cada uma foi tentar outras formas de sustento financeiro. No final de 2017 uma das mulheres, com apoio das pessoas da UPM e do Banco, voltou a fazer a produção. Na época em que foi realizada esta pesquisa estavam em três pessoas, produzindo e vendendo principalmente para os outros núcleos da UPM.

⁶ Trata-se de um conjunto de diretrizes estabelecido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres, da Presidência da República. O documento tem por objetivos resgatar a Casa-Abrigo como espaço de segurança, proteção, (re) construção da cidadania, resgate da autoestima e empoderamento das mulheres, a partir de valores feministas. Além disso, após a sanção da Lei Maria da Penha, foi fundamental e necessário redefinir o atendimento nas Casas-Abrigo. As diretrizes também ampliam o conceito de 'abrigo', incluindo outros tipos de violência contra as mulheres (como por exemplo, o tráfico de mulheres) – e suas interfaces com a violência urbana (p.e., mulheres em situação de violência envolvidas com homens ligados ao tráfico de entorpecentes). Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/diretrizes-nacionais-para-o-abrigo-de-mulheres-em-situacao-de-risco-e-de-violencia>. Acesso em 02.08.2018.

É nesse leque de iniciativas diversas e inter-relacionadas que se dão as atividades da UPM, buscando impactar positivamente a comunidade do entorno ao mesmo tempo em que busca sustentabilidade financeira para dar continuidade a essas ações.

2.4. História e organização formal

A história dos empreendimentos é recheada de lutas e busca por melhorias na vida da comunidade. É fonte e resultado de conquistas que muitas vezes não são percebidas em uma observação rasa de uma visita, mas aparece em uma conversa um pouco mais demorada ou na terceira ou quarta pausa para um café. Aparece muito mais nas pessoas do que nas paredes que dão forma ao empreendimento. Neide fala desse início e de como as conquistas foram contribuindo para que o empreendimento se tornasse o que é hoje.

N: E a gente começou a se engajar com as mulheres né? As lutas pequenininhas. Não tem sala de aula pro meu filho, vamos lá falar com a diretora, vamos na delegacia de ensino. A gente juntou um grupinho, vamos lá. Que isso tendo alguém que tem liderança, a mulherada vai. Vai e gosta né? Porque vai resolver o problema do meu filho né? E quando organizamos essa entidade foi assim: alugamos o barracão, depois outra casinha, depois outra casinha. E aqui viemos em 2006.

E: Para esse lugar?

N: É, aqui não era assim. Era ruim, mas a gente arrumou né? Com ajuda de um, de outro, com coisa do ferro velho e não sei mais da onde. Esses detalhes são demorados e se ficar falando aqui vai longe! (Neide, UPM)

Ela fala das transformações realizadas em etapas e com ajuda das pessoas. Destaca a importância das “lutas pequenininhas” e da liderança que estimula as outras pessoas a agirem para reivindicar seus direitos.

Os empreendimentos de Economia Solidária são em sua maioria, uma organização de grupos informais visando a realização de atividades produtivas e associativas (Gaiger, 2007). Muitas vezes os trabalhadores constituem associações, cooperativas ou mesmo empresas limitadas como modalidades de empreendimentos autogeridos. É frequente que a formalização ocorra por exigência externa, normalmente como condicionante para receber recursos financeiros. Do ponto de vista comercial, a formalização garante principalmente emissão de nota fiscal ou aluguel de instalações, máquinas e

equipamentos; do ponto de vista de agentes públicos, permite a inclusão como beneficiários de políticas públicas e do ponto de vista de apoiadores, permite acesso a doações e outros apoios diversos. Essa motivação exógena foi responsável pela formalização dos dois empreendimentos participantes da pesquisa.

A União Popular de Mulheres era um movimento que, a partir da formalização, conseguiu realizar convênios e parcerias para captação de recursos. Como movimento social já tinha conseguido realizar uma série de conquistas para a comunidade, mas a organização formal permitiu uma expansão de suas atividades.

Eu estava trabalhando e saí do hospital para trabalhar na saúde, mas assim, numa clínica onde eu pudesse trabalhar com grupos, nos bairros. E comecei a trabalhar nessa região sul né? Lá no Jardim Ângela, Parelheiros, Grajaú. Com grupos de saúde. Num tempo que não tinha canalização de esgoto, então a gente fez bastante trabalho para lutar por isso, pela água, que não tinha água. Nos poços que davam pedra⁷. E eu vim morar, sempre morei nessa região. Na minha casa também era aqui poço. E a gente se juntou àqueles que lutavam contra a carestia, luta por creche. E aí organizamos essa entidade em 1987, registrada. Porque antes era só movimento. Mas a gente está no movimento muitos anos né? E aí organizamos uma entidade com identificação para gente ter recursos. (Neide, UPM).

De uma forma um pouco diferente, já que não era um movimento anterior à formalização, o Ângela de Cara Limpa conseguiu recursos de um fundo de uma universidade estadual para a construção de um galpão. Para dar continuidade às ações previstas no projeto aprovado, criou uma associação. A associação ficou vigente durante alguns anos, mas depois deixou de existir formalmente e o Ângela de Cara Limpa passou a ser um projeto da Sociedade Santos Mártires.

Mas a Fundunesp⁸ foi quem veio com a proposta, construiu um galpão e a gente começou a desenvolver um trabalho aqui (...). Então em 2004, ia acabar o projeto Ângela de Cara Limpa que tinha CNPJ, tinha tudo. Nós achamos melhor pegar e passar para a Sociedade Santos Mártires. Pra não morrer todo o sonho, o projeto. Porque era um dos parceiros que tava na região e é um parceiro

⁷ Ela utiliza esse termo para dizer que os poços eram secos, não davam água.

⁸ Fundunesp: Fundação para o Desenvolvimento da UNESP – Universidade do Estado de São Paulo

muito forte. Então parou de existir o CNPJ do Ângela de Cara Limpa, e passou a ser um programa da Sociedade Santos Mártires. Então a Sociedade Santos Mártires tem seu CNPJ e todos os outros núcleos tem uma extensão do CNPJ. (Sulália, ACL)

A importância de ter um parceiro forte na região é citada como aspecto essencial para a manutenção das atividades do Ângela de Cara Limpa ao longo dos anos. Ainda que hoje o ACL seja formalmente vinculado como projeto à Sociedade Santos Mártires, é na figura de parceria que se dá a relação entre as duas organizações.

A proposta do nome Ângela de Cara Limpa surgiu na intenção de mudar a imagem que o bairro tinha na época e dar oportunidade para uma transformação e para resultados das lutas começarem a aparecer.

Porque o nome ele é identidade. Né? Então assim, a gente queria algo diferente. (...). Então falei Ângela de Cara Limpa porque tudo tem outra cara. Então o Jardim Ângela também tinha outra cara. Não só esse lado ruim, mas tinha o lado de movimento, de lideranças, de pessoas, de trabalhadores, e de luta e resistência. Sabe? Então a gente queria mostrar sabe? (Sulália, ACL)

Sulália fala da importância do nome como identidade, no sentido de que ter escolhido o nome Ângela de Cara Limpa ajudava a mostrar o lado bom do Jardim Ângela, o lado das pessoas que contribuem para melhorias positivas na comunidade.

Assim como a formalização, a temática da Economia Solidária também surgiu por uma motivação externa nos dois empreendimentos. Seus princípios não estão presentes como um todo em cada organização. Alguns princípios aparecem em determinados núcleos ou em ações específicas desses empreendimentos. Pode-se dizer que eles são um misto de empreendimentos solidários e organizações da sociedade civil organizada para captação de projetos.

Tendo como princípios a autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autossustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social (GAIGER, 2004), a Economia Solidária tem como premissa a valorização do território e a compreensão da participação do âmbito local no mercado intrarregional. Ela busca o uso do capital natural de forma compatível com a qualidade de vida da população, sendo

vetor de um desenvolvimento endógeno e sustentável. Nesse sentido, esses projetos exógenos muito provavelmente partiram da premissa que, se as potencialidades locais fossem estimuladas por meio das práticas de Economia Solidária, poderia ocorrer o crescimento local e sustentável. Foi nessa lógica de olhar para o território que surgiu o Ângela de Cara Limpa, conforme relato abaixo.

S: Aí comecei a trabalhar com projetos mesmo. Aí teve uma época, especificamente o Ângela de Cara Limpa, aí o Padre Jaime pegou, me chamou e falou, “olha, tem um pessoal aí que está procurando lideranças na região para desenvolver um trabalho sobre a questão ambiental. E eu tô indicando alguns nomes e eu gostaria de indicar você”. Porque eu já conhecia bem a região e praticamente já vim para cá aos 8 anos de vida. Aí todo o processo. Aí eu falei vamos, eu topo. Aí eu acabei ficando mesmo para coordenar esse trabalho aqui. Eu e mais dois colegas da região. Aí nós começamos a desenvolver esse trabalho. Na época eu levei eles para vários pontos e aí foi tirado lideranças da região para fazer um curso de capacitação em lideranças. Foi aí que nasceu o Ângela de Cara Limpa.

E: Ah, então foi num curso?

S: Foi, num curso de formação para lideranças. Interessante porque eles não queriam algo já pronto. Queriam que algo saísse de dentro da região. Então foi mais ou menos umas 40 pessoas, de cada bairro foi um. (Sulália, ACL)

O conhecimento da região foi importante para que Sulália fosse indicada para dar início ao empreendimento, mesmo que não soubesse naquela época que esse seria um dos resultados do processo. Interessante também observar que a proposta era que fosse algo elaborado por pessoas da região com a perspectiva dos interesses da região.

A temática da Economia Solidária surge na retomada das atividades do empreendimento, com a volta da liderança que deu origem às ações e com o apoio de um estudante da USP.

Aí eu estava voltando e o Jaime me apresentou um jovem, o Gabriel. Aí ele falou, esse jovem trabalha, estuda na USP e vem com várias ideias sobre Economia Solidária, comercio justo. E ele estava tentando trabalhar já com o pessoal que estava aqui, mas não rolou. (Sulália, ACL)

O estudante da USP tinha propostas inovadoras para a região, mas precisava que as pessoas que viessem a construir as iniciativas com ele tivessem interesse e conseguissem dar continuidade às ações. Sulália viu nessa proposta uma oportunidade e iniciou o trabalho com ele.

Conceitos teóricos, como os princípios da Economia Solidária, muitas vezes são colocados em prática em situações em que não há outra alternativa. Esses empreendimentos surgiram em contextos de extrema escassez de recursos e de muita necessidade de apoio. No caso da UPM, já ocorriam práticas de feiras solidárias que motivaram a “oferta” do banco pelos professores e estudantes da Universidade de São Paulo.

Fizemos uma feira de vender e de apresentar também erva medicinal, tudo que a gente pudesse né? E trouxemos os outros núcleos que nós temos né? Nem falei dos outros núcleos. Os outros núcleos são interessantes, tem 3 de idosos, uma casa de mulheres que a gente atende. Era legal você ir lá. A gente atende, elas fazem muitas oficinas. Tem travestis. Aí começamos, esses núcleos vieram com suas apresentações. Eles dançam, brincam, fazem artes. Artesanato. Aí o pessoal da USP se encantou e começou a vir aqui oferecer o banco. Aí a gente estudou quase um ano e a gente aceitou o banco para começar. Ele teve um momento bem forte, depois teve dificuldade. Tem muita dificuldade ainda. Muita. Precisamos muito de ajuda, muito muito. Porque todo dia vem gente pedir. Não é assim. É pedir às vezes um botijão de gás, pedir para comprar um remédio pro filho. E vem os que precisam, dentro da entidade, nós temos gente que fica sem receber porque hoje não é todos os projetos que estão pagando, que tão em ordem. Então a gente precisa de dinheiro para transporte também. Faz um bem bolado aí. E o dinheiro é fundamental e não tem. Tem muito pouco. (Neide, UPM)

No relato da Neide, fica clara a oscilação entre a temática da Economia Solidária (que possui a sustentabilidade financeira como um dos seus pilares) e a captação de recursos por meio de projetos e editais. Esse fato ocorre também no Ângela de Cara Limpa.

S: Porque num momento você escreveu tantos projetos e você conseguiu uma, veio um recurso razoável. Mas ele não foi aplicado como deveria ter sido. Foi aplicado no propósito do que ele veio, mas em momentos diferentes. Então não surtiu todo o efeito que

precisava. E agora que, a gente tava em 2006 e estamos em 2018 e com uma puta duma estrutura que é essa aqui mas que demanda também muitos gastos. E que a gente não consegue. Porque às vezes é difícil conseguir verba para colocar melhoria dentro do próprio espaço. Né? Você não consegue verba para pagar coordenação. As pessoas que vão tocar o trabalho. Sabe? Você consegue verba para fazer um curso, você vai dar uma atividade, para capacitar pessoas, você tem que chamar os profissionais. Então nós estamos precisando de outras coisas, no momento, então fica difícil.

E: E a ideia de vocês é sempre tocar projetos?

S: Então, eu acho que o edital ajuda porque vem a verba, mas o foco não é esse. Na verdade, é para contribuir, para ajudar. Mas a ideia é que os empreendimentos eles consigam eles mesmos se bancarem. O projeto vem para contribuir, para dar aquele respiro. Porque quando você está com o seu garantido um pouco, ou uma parte, você tem ânimo para buscar forças para tocar o seu trabalho. Agora quando você não tem nada como você vai buscar esse ânimo? Da onde que vem isso né? (Sulália, ACL)

A captação de recursos por meio de projetos possui seus desafios. Como relata Sulália, a chegada de verba com destinação para linhas específicas e o período de tempo para a chegada dos recursos dificulta a execução de planejamentos em busca da sustentabilidade financeira. Por outro lado, esses editais são um meio importante para garantir recursos para estruturação do empreendimento.

A Economia Solidária aparece como um conceito que agrada os participantes, mas que pressupõe uma construção de objetivo comum e um trabalho coletivo que demanda tempo. Em contrapartida, em alguns casos, a existência do empreendimento solidário ajuda na solução objetiva de problemas imediatos, conforme relato da Vera:

E: Depois você pegou um empréstimo.

V: Isso, a gente pegou um empréstimo, que eu tava com outra pessoa no começo, para gente poder iniciar. E foi aí que não deu certo e a gente ficou dois anos junto.

E: E esse empréstimo vocês conseguiram pagar?

V: Sim, centavo por centavo.

E: E por que vocês não foram em outro banco?

V: Porque assim, o meu nome estava sujo, não vou mentir. E o juro aqui né? Facilitou bastante. Que às vezes a gente pega dinheiro emprestado até com uma pessoa e ela quer cobrar um juro que vai muito além né? E aqui o que nos facilitou foi a moeda, que a gente conseguia comprar em alguns empreendimentos que tem por aqui

né? Então às vezes a gente precisava de frango para poder rechear pão, carne. E tem um açougue ali que trabalha né? Com esse dinheiro. Então foi uma ajuda de início. Foi um capital que facilitou bastante. Pela forma de pagamento. (Vera, UPM⁹)

Não foi tanto a questão da solidariedade nesse caso, que atraiu Vera para o pedido de empréstimo no banco, mas as condições mais favoráveis do que outros bancos, que permitiram que ela desse início à padaria comunitária.

Então ambos os empreendimentos se mostram adeptos à Economia Solidária de maneira parcial. Trata-se de empreendimentos que se sustentam, ou tentam se sustentar, financeiramente por meio de projetos e parcerias públicas e privadas e não necessariamente exclusivamente por meio de atividades econômicas inseridas no mercado. Assim como ocorre em tantos outros, eles somam essa proposta à necessidade ou contexto anterior presente no empreendimento, e também as expectativas e opções com as quais se deparam no momento presente.

Para entender porque eles optaram (se é que é uma opção) por seguir essa linha de atuação, vale observar de onde chegam e quais as motivações dos participantes desses empreendimentos.

2.5. Chegada e permanência nos empreendimentos

A importância do ecossistema¹⁰ local para a estruturação desses empreendimentos mostrou-se um fator relevante em muitas falas. Por isso, abordarei o processo de chegada e permanência dos participantes a partir de alguns princípios da psicologia comunitária a partir da perspectiva ecológica. Essa perspectiva demonstra que a comunidade se configura como uma rede de sistemas que possui uma relação entre si. Antonia Fernandes (2000) observa as intervenções na comunidade a partir de quatro princípios derivados da ecologia: (i) interdependência: a mudança de um componente num ecossistema produz mudanças em todos os outros componentes. (ii) ciclicidade de recursos: recursos

⁹ Citação de entrevistas realizadas em 27.02.2018 e 03.04.2018

¹⁰ Ecossistema pode ser definido como a aplicação conceitual da teoria geral dos sistemas, à ecologia. A Teoria Geral dos Sistemas surgiu por volta de 1950, a partir dos trabalhos de Ludwin Von Bertalanffy. Ele afirmou que ao analisar um problema deve-se considerar todas as variáveis envolvidas e as inter-relações entre elas. (MOTTA; VASCONCELOS, 2008)

humanos, tecnológicos e econômicos são distribuídos, utilizados e transferidos, (iii) adaptação: os organismos variam os seus hábitos ou características para fazer face aos condicionamentos e às transformações do ambiente, (iv) sucessão: o ambiente social possui propriedades dinâmicas e é necessário conhecer quais as direções das mutações em curso. Assumidos no seu conjunto, estes quatro princípios permitem descodificar os mecanismos de influência recíproca entre ambiente, grupos e indivíduos.

Uma das cenas que se repete em todas as entrevistas, é o relato de como as entrevistadas chegam aos empreendimentos. Todas chegam por meio de projetos relacionados ao empreendimento ou projetos do próprio empreendimento. O ecossistema local e as inter-relações entre iniciativas parecem ser fundamentais para a existência e perenidade dessas iniciativas locais. As mulheres entrevistadas participavam de projetos da comunidade religiosa ou equipamentos assistência social que tinham alguma relação com o empreendimento (atendimento a mulheres vítimas de violência, entrega de leite via programa do governo estadual, etc.). A partir dessas iniciativas, tiveram conhecimento e participaram de atividades promovidas para o início das atividades. Da mesma forma, pessoas que chegaram aos empreendimentos ampliam sua relação com as iniciativas locais, pois passam a acessar aquelas que estão relacionadas de alguma forma ao empreendimento.

Como o Ângela de Cara Limpa foi apoiado pela Sociedade Santos Mártires, que apoia uma série de projetos de cunho social e religioso, as participantes relatam sua chegada a partir desses projetos. Betânia frequentava um núcleo de apoio a mulheres vítimas de violência e decidiu participar do curso que originou o empreendimento. Ela buscava uma forma de ter uma atividade que a distraísse e ajudasse no processo depressivo pelo qual vinha passando.

E: O que fez você querer participar?

B: Ah, era procurar um motivo, alguma coisa para mim fazer. Porque eu tava em casa e não tinha nada. Um objetivo na vida. Porque eu sempre trabalhei né? Cuidava dos filhos. E eles estavam grandes e a única coisa que eu cuidava era a roupa. A roupa e a alimentação, que eu deixava pronta para eles. Agora eles já tavam tendo vida própria. Então eu sabia que ia ter que ter um objetivo, ter uma razão. Se você não tem lugar para ir, para você produzir alguma coisa né? Você fica vegetando né? Para ter um... Né? Deve ser alguma coisa, um curso. Fiquei curiosa, porque eu não conhecia

nada de papel, de reciclagem, nada. Eu tinha assim, ideia assim, de separar o lixo. Agora assim, de pôr a mão na massa, não. (Betânia, ACL¹¹)

Selvina participava de um núcleo religioso relacionado à Sociedade Santos Mártires. Assim como para Betânia, para ela, a chegada ao empreendimento ocorreu de maneira não intencional. Ela estava desempregada e buscava formas de conseguir uma renda.

Aí eu vim aqui para mostrar o que eu tava fazendo. Eu já tinha vindo aqui uma outra vez quando eu tava trabalhando num núcleo socioeducativo da Santos Mártires que hoje é CCA¹². E eu trabalhei durante um tempo e aí eu vim aqui visitar com uma colega minha. E aí eu conheci o espaço. Mas nesse dia eu vim aqui para mostrar o que eu tava fazendo. Eu queria na verdade era vender para ela né? E aí ela viu. Eu tava desempregada né? Quer dizer, nesse meio tempo eu fiz jornalismo né? E aí cheguei a me empregar num jornal mas não era o que eu desejava. Trabalhei durante sete anos e pouco como funcionária pública no palácio do governo, na assessoria técnica do governo, nesse meio tempo que eu fazia faculdade. Então, e aí, a Sulália falou, eu tinha vindo aqui no dia de segunda. E a Sulália falou assim, “Olha, quarta feira, (eu tava desempregada), quarta-feira vai começar um curso de papel reciclado, se você quiser participar. Vai ser todas as quartas e sábados”. E aí eu fiquei em casa: “vou, não vou, vou, não vou, vou, não vou”. Quer saber? Tô desempregada mesmo né? Foi um curso de 3 meses, começou em outubro de 2007, vieram pessoas de vários projetos da Santos Mártires. Pessoas inclusive que têm dificuldade, que eram analfabetas, que vieram da Casa Sofia, que a Betânia já deve ter comentado. Então vieram várias pessoas. (Selvina, ACL¹³)

Enquanto a chegada de Betânia tinha um foco maior em garantir uma ocupação diária e uma distração que a ajudasse em seu processo pessoal, para Selvina a busca era mais direcionada para uma alternativa ao desemprego. Ela tinha iniciado a produção artesanato utilizando papel reciclado em casa e achou que poderia vender para o Ângela de Cara Limpa. Foi o início do processo para posteriormente liderar o núcleo relacionado ao papel reciclado no ACL.

¹¹ Citação de entrevistas realizadas em 15.02.2018 e 16.03.2018

¹² CCA: Centro para Crianças, Adolescentes e Jovens da Sociedade Santos Mártires

¹³ Citação de entrevistas realizadas em 15.02.2018 e 19.03.2018.

Sobre a chegada no Banco União Sampaio e posteriormente na padaria comunitária, Vera relata que teve contato com o banco e a UPM na retirada de leite na sede da UPM, projeto em parceria com o Governo do Estado de São Paulo.

Aí eu conheci a casa, a União Popular de Mulheres, no leite. Que eu comecei a pegar leite do governo. Que eu tinha minha mãe idosa e eu fiz a inscrição no nome dela. Aí eu comecei a pegar o leite e conheci a casa. Aí eu comecei a fazer uns trabalhos voluntários. Aí eu conheci a casa, muitas coisas sem fazer. Já tava meio depressiva. Porque a essas alturas do campeonato o relacionamento já não tava dando certo... O casamento, né? Aí eu comecei a me encontrar de novo aqui. (Vera, UPM)

Similar ao discurso de Betânia, Vera fala de um processo depressivo por conta de problemas no relacionamento conjugal. E os trabalhos voluntários que começou a fazer na UPM, além do acesso a iniciativas de apoio às mulheres vítimas de violência, ajudaram-na a superar as dificuldades que vinha enfrentando na vida pessoal.

Cada participante chega ao empreendimento muito focada em sua história e atraída pela possibilidade de uma mudança, de um novo significado financeiro ou psicológico para si. Ao longo das conversas durante os encontros da pesquisa, aparece a perspectiva de que essa é uma situação que se repete não apenas entre as entrevistadas, mas também entre os demais participantes do empreendimento. Os projetos e as propostas de Economia Solidária atraíram as pessoas a participarem dos encontros ou atividades que foram promovidos e trouxeram os mais diversos significados para essa participação.

Ainda assim, o longo dos anos, muitos participantes saíram dos empreendimentos. As motivações reais muito provavelmente só eles poderiam relatar, mas surgiram comentários nas entrevistas sobre as possíveis causas. No caso do Ângela de Cara Limpa, os relatos falam da necessidade de estruturar o empreendimento.

B: Que depois foi mudando, foi chegando mais gente... E depois foi diminuindo as pessoas também, porque no curso veio 20, 22 ou 23 mulheres. E só veio mulher.

E: Por que será?

B: Acho que foi o que chamou atenção né? E aí começamos a fazer o curso e aí veio a Sulália e o Gabriel chegou e perguntou se a gente

não queria continuar. “Olha o curso acabou, mas se vocês quiserem continuar como empreendimento, vocês vão ter todo o apoio”. E ela fala que nem ela sabia direito o que era esse empreendimento. E ela entrou de cabeça. E a gente entrou. Nós tava em 10, alguns já tinha saído. Que tem essa... Né? Alguns se interessam, outros arrumam outras coisas para fazer. E nós aceitamos. (Betânia, ACL)

Betânia fala de como a temática do artesanato atraiu um público feminino. Ela fala também da proposta de ficar para estruturar o empreendimento, do apoio que teriam se ficassem e da opção que ela e mais algumas mulheres fizeram por ficar. Ela também dá a entender que as pessoas que saíram encontraram outras atividades para si.

Sulália, ao falar da permanência ou não dos membros no Ângela de Cara Limpa é bastante enfática sobre as escolhas (ou falta de escolhas) daqueles que ficam.

É isso, ninguém está aqui porque gosta não. Eles tão aqui porque não tem muita opção lá fora não. Pelo menos eu vejo dessa forma. Porque aqueles que saíram foi porque tem uma opção lá fora, no mercado. (Sulália, ACL)

Segundo sua percepção, as pessoas que saíram do empreendimento encontraram uma opção melhor “no mercado”.

Em outra perspectiva, sair do empreendimento não significa estar permanentemente com uma opção melhor. O relato de Vera sobre a padaria aponta para um vai e vem que ocorre nos empreendimentos. As pessoas saem à procura de uma situação melhor, mas por vezes ou não encontram ou não permanecem nessa outra situação, e acabam voltando ao empreendimento para tentar novamente.

V: Mas tem uns 4 anos que a gente começou lá atrás, aí paramos, não deu certo, porque eu fiquei sozinha. E agora a gente está retomando de novo, tem uns 5 meses que a gente retomou de novo. Aí távamos em 3 e aí a menina foi embora em dezembro. Ai ficou só eu e ela por enquanto. E o Hamilton. E tamos lutando.

(...)

E: Mas você disse que antes teve um monte de problema e que acabou. E agora está voltando. Naquela época o que fez acabar?

V: O meu empreendimento? As pessoas que trabalhavam comigo né? Que a gente não tinha uma boa comunicação. Aí você sabe né? Que quando começa a entrar dinheiro... essas coisas, né? Negócio

de início nunca dá lucro. Né? Então acaba criando. A gente tentou se levantar junto, mas... Acho que foi essas coisinhas né? Aí quando vimos tava cada uma para um lado. (Vera, UPM)

A oscilação de pessoas, segundo Vera, ocorreu por problemas na comunicação e também pela falta de retiradas financeiras para as participantes. Como não estava entrando dinheiro suficiente para pagar as atividades da padaria e também proporcionar uma retirada financeira para as participantes, as outras mulheres desistiram do empreendimento. Vera também desistiu e foi atrás de outras possibilidades de sustento. A retomada das atividades se deu quando foi oferecida novamente ajuda do pessoal da UPM e do banco.

Em diferentes estágios de desenvolvimento e maturidade, os empreendimentos passaram por altos e baixos em termos de financeiros, organização interna e motivações pessoais. Os processos de continuidade ou de mudança para o futuro sofrem influência das experiências passadas. Por isso, Sulália relata certo incômodo com situações que desvalorizam o histórico dos empreendimentos principalmente pela dificuldade de as pessoas entenderem as tentativas já realizadas para que os empreendimentos deem certo.

E: Você falou bastante do pessoal antigo. Como que é isso? Tem diferença do pessoal antigo e do pessoal que chega agora?

S: Ah tem muita diferença. Os mais antigos, na verdade, a gente está sofrendo. A gente sofre junto. É um sofrimento isso aqui, você nem sabe! (Risos) É prazeroso, mas ao mesmo tempo que é prazeroso é um sofrimento. E as vezes a pessoa não conhece a história, então ela chega... isso é normal. Porque um navio quando sai ele sai com tripulantes, com as pessoas, e no meio do caminho descem algumas e sobem outras. E assim por diante até chegar em terra, não é? Então assim, tem várias mudanças. Mas pessoas que estão mais antigas, eles viveram o processo, eles sabem de tudo. E a outra pessoa que chegou no meio do caminho muitas vezes não quer saber o que aconteceu, até aquele momento. E começa a contar a partir de então. Então às vezes vem muita crítica. “Ah, mas vocês podiam ter feito...” Mas ele sabe se a gente não fez? Então assim, há uma diferença. E os que estão chegando vão está ainda. Nós vamos estar aprendendo com eles e eles assimilando ainda, porque eles têm muitas coisas legais também. Porque a gente estaciona no tempo, a gente vem num processo e chegou aqui e ah, já está todo mundo aqui. Ah, não aguenta mais. Então esses que estão chegando agora, eles têm um pique que pode contribuir muito. Mas desde que não desvalorize o histórico”. (Sulália, ACL)

Na sua fala, ela cita a importância de olhar para o caminho percorrido e a história do empreendimento para chegar até o momento presente. Utilizando a metáfora do navio em que pessoas entram e saem de locais e em momentos distintos, ela reforça a importância de perceber a situação como um momento. Ao mesmo tempo, ela reflete sobre o cansaço por algumas tentativas que não surtem o efeito desejado para o empreendimento, valorizando a importância da chegada de pessoas com mais “pique”, energia para contribuir.

A motivação para chegada e permanência das participantes nos empreendimentos é, portanto, reflexo da história que elas tiveram antes da sua chegada e da experiência que possuem nesses espaços. Soma-se a isso as expectativas e opções que vislumbram fora deles.

2.6. Dificuldades financeiras

Ainda que em teoria os empreendimentos solidários tenham por princípio o combate à pobreza e uma nova forma de economia frente ao modelo capitalista de acumulação de dinheiro, é fato que muitos enfrentam dificuldades financeiras que impedem de atingir os seus objetivos de criação. O levantamento nacional de informações em Economia Solidária (Gaiger e Grupo Ecosol, 2014), mostra que a maioria dos empreendimentos solidários atua no Nordeste e Norte (55,6%), as regiões mais pobres do país, sendo que a minoria das organizações é cooperativa: apenas 9,7%. A necessidade de construir uma alternativa ao desemprego é a principal motivação para a criação dos empreendimentos (30,9%) e 29,9% não possuem faturamento algum.

No desenho da pesquisa, a questão financeira não era uma temática a ser aprofundada, seria mais um pano de fundo por se tratarem de empreendimentos de Economia Solidária. Entretanto, nos dois empreendimentos, as participantes abordaram diversas vezes ao longo das entrevistas e ao longo das interações semanais, as possíveis causas e consequências das dificuldades financeiras. Trata-se de um ponto de tensão na rotina das pessoas que convivem nesses espaços.

Para Selvina, as dificuldades financeiras dos empreendimentos refletem a falta de preparo da periferia para assumir o papel de empreendedora, de dona do negócio e responsável pela comercialização de seus produtos e serviços.

S: Nenhum de nós, eu me incluo nessa; nós não somos preparados, até hoje, nós não somos preparados nas escolas das periferias para sermos empreendedores. Se a gente fosse preparado, a gente teria uma bagagem maior, né. (...). O mais que eu sei de, é, como se dizer, de economia, essas coisas, é da casa mesmo, é, informação de casa. Nós enquanto seres humanos da periferia nós não temos esse conhecimento. Não temos. E quem tem uma dificuldade maior de convivência na sociedade, menos ainda. Quem tem uma, um conhecimento, é, como se diz, um conhecimento... é... oficial, digamos assim, menos ainda. Se a pessoa tem baixa autoestima, eu me coloco aí nesse... nesse patamar, ela não consegue se ver como líder de alguma coisa. Embora eu me veja líder. (Selvina, ACL)

Selvina pondera que parte da dificuldade de se ver como empreendedora deve-se ao fato de não ter tido preparo na escola. Ela coloca a perspectiva de que as escolas da periferia não ensinam essas questões. Para ela, conhecimento formal sobre economia e empreendedorismo faz diferença e poderia ampliar a autoestima das pessoas. Ela fala também de um paradoxo que percebe entre autoestima e liderança: ela não acredita que as pessoas com baixa autoestima possam se considerar líderes, mas diz que se vê como líder tendo baixa autoestima.

Sulália, por outro lado, relaciona a questão financeira à falta de disponibilidade de recursos de maneira consolidada, que garanta a implantação de um planejamento do começo ao fim em todas as suas áreas. Para ela, a obtenção de recursos de fontes de investimento diferentes e em espaços de tempo distintos não permite a implantação de um plano de sustentabilidade perene. Essa dificuldade é também, para ela, o principal motivo para oscilação de participantes do empreendimento.

S: Foi, 2007, 2008. Alguma coisa assim. Então nós fizemos projetos, tanto pro instituto¹⁴, quanto pro FEMA¹⁵. A nossa dificuldade era assim. Nós esperávamos que os projetos dessem certo e que saísse a verba junto com a bolsa. Mas não aconteceu

¹⁴ Instituto Camargo Correa

¹⁵ FEMA: Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura do Município de São Paulo

isso. Um saiu num tempo e outro no outro. Então isso quebrou um pouquinho a nossa estratégia. Porque se saísse junto a gente tinha capacitado eles ao mesmo tempo que eles recebiam a bolsa e que iriam desenvolvendo o trabalho deles. Mas isso não aconteceu. Então muita coisa assim, muitos falaram, ah, a bolsa veio... Então muitos ficaram lá... Então eu acho assim, acho que foi muito importante. Porque as pessoas que receberam a bolsa foram pessoas que realmente trabalharam. E pessoas que necessitavam. Então é muito fácil eu que não preciso, dizer: ah não, a bolsa veio e eles receberam de boa e foram embora. Não, eles foram embora porque eles precisam pagar suas contas, eles precisam comer. Como você vai ficar num espaço onde você não vai ganhar nada. Não existe isso. Né? Então é muito fácil às vezes eu abrir a boca e ficar criticando. Mas não, foi bom, foi importante. Foi um momento, ótimo. Só que não conseguimos trabalhar eles juntos.

E: E depois que acabou a bolsa muita gente foi embora.

S: Muita gente foi embora. Porque aí é realmente a realidade. Vem as dificuldades. A realidade com todas as dificuldades. E que eu entendo. Que é a realidade. Gente, eu vivo isso todos os dias. Imagina eles que têm um pouco mais de necessidade do que eu. Porque a mesma necessidade que eles têm eu tenho. Nós temos aqui, a mesma luta que o pessoal tem, nós temos aqui. Porque a gente vai todos os dias buscar o nosso né? (Sulália, ACL)

Nessa fala, Sulália cita um dos períodos em que o Ângela de Cara Limpa conseguiu duas fontes de financiamento e que teve esperança de conseguir consolidar seu projeto de sustento financeiro. A proposta era casar uma bolsa com uma capacitação para as pessoas que estavam no empreendimento. Após o término da bolsa e da capacitação, as pessoas estariam prontas para exercer suas atividades, vender os produtos e serviços e serem remuneradas via empreendimento. Entretanto como o recurso da bolsa veio antes da capacitação, muitas pessoas foram embora em busca de dinheiro para pagar suas contas. Não tinham condições de esperar o dinheiro vir via empreendimento e enquanto isso ficar sem ganhar nada.

Com uma perspectiva complementar, Neide diz que o fato de existirem muitos problemas sociais e muitas dificuldades da comunidade, faz com que o empreendimento precise abarcar as mais diversas causas. Nesse sentido, a estrutura da UPM foi montada para atender diferentes públicos e também arrecada recursos de maneiras distintas. O equilíbrio entre os problemas e a arrecadação de recursos financeiros é tarefa difícil, seja

pela dificuldade de arrecadar fundos ou pelo alto custo das instalações e da operação diária das atividades.

Aqui, por exemplo amanhã é dia de pagar aluguel. Nós ainda não temos tudo. Tem uma outra casa que vence no dia 10. Também lá é mais caro que aqui. E as outras tem uma parte da prefeitura e uma parte nossa. E eles proíbem arrecadar assim, dentro. Então aqui pode arrecadar. Então a gente tem a pechincha. A gente fez um bazarão uma vez por mês. Que põe todas as roupinhas ali e vem gente comprar. E é um dinheiro livre porque não paga nada. Mas nem sempre dá, dá uns 300 reais, 200 reais. Aí tem água, luz, telefone. Então aqui é um lugar que precisa muito de ajuda. Todos nós precisamos muito de ajuda. A Vera que está aí fazendo pão tem dois filhos sozinha. E ela não está conseguindo tirar do pão o que ela precisa para sobrevivência. Porque a gente ainda não conseguiu vender quantos pães precisa. (Neide, UPM)

Para ela, o empreendimento é um lugar de busca de apoio para geração de renda e também apoio emocional. As dificuldades financeiras mais latentes são as contas que precisam ser pagas todo mês (aluguel, água, luz, telefone) e que não podem ser pagas com recursos das parcerias vigentes. Com dificuldades de pagar essas contas, algumas pessoas não conseguem remuneração suficiente para pagar suas contas pessoais pelas atividades no empreendimento.

As dificuldades financeiras passam, permeiam aspectos de solução complexa. Passam pela falta de capacidades empreendedoras dos participantes, as dificuldades nas fontes de financiamento, a forma de alocação de recursos captados e ao alto custo devido ao tamanho dos empreendimentos. Em um cenário de tantas dificuldades financeiras e sabendo que muitas das motivações para chegada no empreendimento são justamente a busca de alternativas financeiras, fica então a questão de entender então que tipo ganhos esses empreendimentos provocam na vida das pessoas que lá permanecem.

2.7. Os ganhos que os empreendimentos geram

As pessoas que lá chegam estão em busca de ocupação e recursos financeiros. Entretanto, dadas as dificuldades financeiras observadas em ambos os empreendimentos

pesquisados, os ganhos relatados pelas participantes estão muito mais ligados a transformações psíquicas e sociais.

Os relatos de baixa autoestima e depressão são acompanhados de sentimentos de ajuda e de apoio para superar essas dificuldades psíquicas. Betânia fala bastante de como o empreendimento ajudou seu processo após o tratamento da depressão.

E: Por que você aceitou [continuar no empreendimento]?

B: Porque eu gostava de fazer. Porque ali você cria, você usa a cabeça, a imaginação, a criatividade que você tem né? Ajuda. Me ajudou muito durante o curso... Porque depressão é difícil... Leva tempo para superar. E eu não tomava remédio mais. Frequentava a Casa Sofia e fazia o curso. Aí começamos o empreendimento. Aí começamos a... a... né? Aí... teve apoio. Só que é difícil né? E aí a gente está até hoje! (Betânia, ACL)

Ela chegou ao empreendimento com objetivo de buscar uma ocupação e também porque não vislumbrava alternativas de emprego na época. Quis continuar porque com o apoio e com o curso que deu início às atividades do empreendimento, sentiu que usava “a cabeça, a imaginação e a criatividade”.

Sulália comenta que o objetivo do Ângela de Cara Limpa era oferecer uma alternativa às opções de emprego disponíveis para a comunidade. A dificuldade de locomoção para o centro de São Paulo faz com que muitas pessoas do bairro passem de quatro a seis horas do dia no transporte para seus empregos. Somando a isso trabalhos de oito a dez horas, o resultado é nenhum tempo para conviver com familiares e para ter atividades para além da rotina casa-trabalho-casa. A proposta de uma opção no bairro é justamente permitir uma melhor qualidade de vida aos moradores da região.

Então todos os empreendimentos que estão aqui, foi algo que nasceu daqui mesmo né? Nasceu da comunidade, nasceu da população. E a gente viu que era possível, né? Através de um apoio, que isso vire realidade. Que as pessoas possam ter o direito delas de trabalhar e tirar seu sustento do local onde elas vivem. Do local onde elas moram, entendeu? E que se elas quiserem ir ou não pro outro lado da ponte, ficar 2, 3 horas dentro do ônibus, que seja opção da pessoa também né? Porque a gente não tem opção. A gente procura nosso trabalho, a gente tem que ir pro outro lado.

Então se a gente consegue fazer acontecer aqui na região, para gente é muito melhor. (Sulália, ACL)

Ela evidencia a relação entre o local e o direito ao próprio sustento. A importância de “fazer acontecer” na região passa pelas melhorias da comunidade e também pelas melhorias da vida das pessoas que participam desse movimento.

Além da questão do transporte, o tipo de trabalho realizado também é algo que transforma o significado que ele tem na vida das pessoas. Em todos os relatos, o trabalho de doméstica é recorrente, seja na história das entrevistadas, seja na de suas mães. Trata-se da talvez uma das únicas opções que elas têm, considerando sua trajetória de vida.

V: Que até então eu só trabalhava de doméstica. Porque para mim foi o melhor caminho que eu achei para poder coincidir as duas coisas né? Filho, casa, e uma renda. Aí quando eu engravidei do meu segundo filho, eu já tava parada, não tava trabalhando, porque eu engravidei. E aí, como eu tava com o pai dele. Aí eu não tava trabalhando, aí não teve como.

(...)

E: E quais os ganhos que você vê no seu empreendimento?

V: Primeiro, eu adoro o que eu faço. Então para mim foi minha autoestima. Eu não imaginava. Trabalhando de doméstica, direto. Fazia um arroz, um feijão. Então para mim o meu maior ganho é eu conseguir fazer um pãozinho, bonitinho. Todo mundo olha e fala nossa, que legal. está bonito, está gostoso. Então para mim eu acho que esse é o maior ganho. (Vera, UPM)

O relato da Vera é interessante porque em outro momento da entrevista ela relata que gosta de fazer o trabalho de doméstica. Não se trata, portanto, de menosprezar esse trabalho, mas de ter opções e de poder se ver fazendo mais do que uma única atividade. Os empreendimentos aparecem então como um espaço para transformar e ressignificar o entendimento das participantes em relação a si mesmas e a seu espaço em sociedade.

Betânia também fala do trabalho de ensinar como uma oportunidade, a de ensinar sobre uma temática que considera relevante para a vida. Na sua fala, o trabalho doméstico aparece como o que ela sempre fez; e a atividade de ensinar, dar curso, aparece quase que como uma conquista e como um espaço de relevância e contribuição para a sociedade.

A essa perspectiva vale acrescentar o fato de que o trabalho doméstico é socialmente menosprezado. O trabalho doméstico é alimentado pela desigualdade e pela dinâmica social criada principalmente após a abolição da escravidão no Brasil (WENTZEL, 2018). Considerando dados de 2017, o Brasil emprega cerca de sete milhões de pessoas no trabalho doméstico - o maior grupo no mundo. A partir de dados do IPEA, percebe-se um perfil predominante feminino, afrodescendente e de baixa escolaridade.

É importante para as mulheres perceberem a possibilidade de realizar outras atividades profissionais das quais possam se orgulhar. A realização por esse outro tipo de trabalho merece importância porque lhes dá uma perspectiva de serem mais valorizadas.

E: Eu queria saber como você se sente quando você está dando curso.

B: Ah, eu me sinto realizada.

E: É? Por que?

B: Porque eu tô ensinando alguma coisa que eu sei, né? Porque, eu sempre assim, cuidei bem de casa, quando eu fui trabalhar era cuidar de casa também, de criança que eu já cuidava, que eu ajudei a cuidar meus sobrinhos, olhar, né, meus sobrinhos, meus filhos, o filho de uma vizinha lá... Perto de casa, quando os meninos eram pequenos eu não podia ficar saindo para trabalhar... (Betânia, ACL)

Ela tem carinho pelo trabalho doméstico e de cuidado com as crianças. Mas considera ensinar educação ambiental uma atividade de maior valor.

B: E agora não, agora é diferente, eu tô ensinando outra coisa, ensinando o que eu sei. Que é diferente de cuidar, que é bom também, mas...

E: É outra história...

B: É diferente, né. Eu me sinto realizada de ensinar o que eu sei e é uma coisa boa. Não ensinando... né, uma coisa à toa, uma coisa importante, eu acho. Que é uma coisa, vida né? Porque sem o meio ambiente não tem vida. (Betânia, ACL)

Nota-se a inclusão de um discurso social sobre a sustentabilidade ambiental. A percepção da importância da questão ambiental está presente na fala da Betânia e das outras mulheres do Ângela de Cara Limpa. Um reflexo de que a temática de trabalho na área ambiental está presente e é valorizada por elas. É um tema abordado desde o seminário

que deu origem ao empreendimento e que continuou sendo trabalhado ao longo dos anos por elas.

Os ganhos nos empreendimentos passam pela ajuda psicológica em casos de depressão e baixa autoestima, passam pelo ressignificado do trabalho e das habilidades profissionais das mulheres, e garantem também maior qualidade de vida social, ao proporcionar flexibilidade em relação aos horários de trabalho e diminuir o tempo que seria gasto em transporte caso fosse localizado no centro da cidade. Essas oportunidades e transformações somam-se às histórias de vida das pessoas e de alguma forma faz com que estabeleçam uma relação de transformação com o espaço. Ao narrarem suas vidas, parte da narrativa contém sentimentos para com o empreendimento e com as pessoas que participam dele, mas não apenas. São histórias de muita luta, sofrimento e também de alegrias e conquistas.

Capítulo 3 - Participantes

Aqui falaremos de três mulheres: Betânia, Selvina e Vera. Embora também sejam participantes, como existe um capítulo específico para as lideranças, esse capítulo abordará as informações das participantes que não são as lideranças formais dos empreendimentos. Betânia adora rock, tem 63 anos, veio de Minas Gerais aos 11 anos, tem três filhos, é separada e mora sozinha. Selvina escreve poesias, tem 49 anos, veio do Piauí aos quatro anos, é formada em jornalismo, é solteira e mora com os pais. Vera gosta de dançar, veio do Paraná aos quatro anos, tem 45 anos, é divorciada e mora com os dois filhos, um neto e com a mãe.

Figura 5 (esquerda): Betânia / Figura 6 (centro): Selvina / Figura 7 (direita) Vera

3.1. Infância e chegada a São Paulo

As três entrevistadas vieram para São Paulo na infância. As motivações para chegada são distintas, assim como sua trajetória na cidade, até o empreendimento e até o momento da entrevista. São três mulheres que relatam dificuldades de relacionamento e também financeiras ao longo da vida. Elas falam de suas famílias com carinho e com ressalvas. Cada uma tem suas dificuldades e suas conquistas pessoais e familiares.

A chegada de Betânia em São Paulo ocorreu após a morte da mãe. Ela veio morar com uma irmã e ficou responsável por cuidar da casa e de seus sobrinhos. O trabalho doméstico surge nessa fase da vida dela, no cuidado com familiares.

B: Eu nasci no interior de Minas, né? Campanha, que não fica muito longe daqui. E eu vivi lá até os 11 anos. Quando minha mãe morreu, eu tinha uma minha irmã mais que morava aqui e ela me trouxe. Porque meu pai já era velho e eu era menina, e ela me trouxe para cá. Mas não foi tanto pra... Queria mais é alguém para ficar trabalhar na casa dela e não precisar pagar.

E: Para ficar na casa dela?

B: É, ela tinha 3 crianças pequenas né? Então... Foi bem difícil... E... Aí com 19 anos eu não aguentei e fui trabalhar no interior. Fui, deixei... Porque ela implicava com onde eu dormia. Se era na sala era na sala, se era no quarto era no quarto. Eu não aguentei mais né? E eu não podia sair. Estudar não deixou. Então resolvi ir pro interior para trabalhar porque melhor do que aqui em São Paulo né? E eu trabalhei um tempo no interior. (Betânia, ACL)

Betânia veio para São Paulo por uma rede familiar para cuidar dos sobrinhos. Ainda criança, aos onze anos, após a morte da mãe e com o pai já idoso, ela dá a entender que poderia ter sido cuidada pela irmã ao vir para São Paulo. Entretanto a irmã queria mesmo era alguém para “trabalhar na casa dela e não precisar pagar”. E mesmo morando na casa da irmã, não tinha liberdade para sair, estudar ou mesmo ficar em qualquer cômodo da casa. Diz que não aguentou a ‘implicância’ da irmã e mudou-se para o interior do estado.

Já Selvina veio do Piauí com a família toda. Se mudaram para a Zona Leste e depois de oito anos mudaram-se para a Zona Sul, por ser mais próxima do local de trabalho do seu pai. Na segunda entrevista pergunto porque vieram para São Paulo.

E: E porque que vocês vieram para cá?

S: Ahm, para melhorar de vida.

E: Tá, seu pai e sua mãe vieram tentar a vida aqui em São Paulo.

S: Sim, para melhorar de vida. Meu pai, ele sempre foi um cara muito sonhador, muito batalhador. E, e ele já tinha vindo, ele veio primeiramente para Brasília, quando era solteiro, né? E aí ficou durante um tempo em Brasília, trabalhando, na segunda fase da construção de Brasília e, e depois, ele voltou e... é... veio trabalhar em São Paulo e aí depois... Porque, assim, ele queria, ele queria novidade, né? Meu pai não queria... ele trabalhava desde criança, desde os cinco anos de idade que ele trabalhava, na roça, e desde os doze que ele lidava com trabalhadores, era líder dos trabalhadores na roça do pai dele, meu avô. Então ele queria melhorar de vida. Então ele veio prá pensando nisso, primeiro enquanto solteiro, depois ele foi para lá, se casou, ficou durante esses quatro anos e meio, mais ou menos, depois resolveram vir para cá, para ver se as coisas melhoravam, né. (Selvina, ACL)

Ela veio para São Paulo na segunda tentativa do pai de morar em outro estado além do Piauí. Ele trabalhava na roça desde cedo e liderava a equipe que trabalhava para seu pai, avô de Selvina. Fez uma primeira tentativa de mudança, para Brasília e decidiu voltar para o Piauí após de um tempo. Depois de casar-se com a mãe dela e de ter os três filhos, veio para São Paulo com a família toda.

Vera é proveniente do Paraná. Veio para São Paulo com quatro, cinco anos de idade, como ela mesma relata. Sua infância é marcada por brincadeiras até os dez anos de idade.

V: Aí eu sei que eu brincava muito na chuva. Tinha um riozinho perto que era um córrego, a gente brincava, a água ainda era limpa. Então eu brinquei bastante, até os meus 10 anos. Aí com 10 anos eu comecei a trabalhar. Cuidava de outra criança. Aí de lá para cá fui ficando mais adulta, né.

E: Com 10 anos você já começou.

V: Com 10 anos. Comecei a trabalhar porque, até então... meu pai abandonou minha casa eu tinha 9 anos.

E: Ah é?

V: É. Quando ele saiu de casa. Aí eu fiquei... naquele ano eu vi toda a dificuldade. Porque tinha que ficar no pé dele para comprar meio quilo de arroz, sabe? Às vezes só tinha arroz em casa para comer. Aí eu ia para escola, só que mal tinha caderno. Naquele tempo tinha que comprar tudo, né? Não tinha caderno, não tinha lápis, falei “caramba, né”. Aí quando eu fiz 10 anos eu passei para quinta série e falei “não vou mais estudar, né? Não tenho caderno”.

Aí eu comecei a trabalhar. Aí de lá para cá já comecei a ser adulta.
(Vera, UPM)

Em seu relato, Vera fala da falta de condições para estudar e da passagem precoce da infância para a vida adulta. Após o pai ter abandonado a casa ela começou a ver a dificuldade, com a falta de comida e materiais para estudar. Ela diz que foi ficando mais adulta ao cuidar de seus irmãos e parar de estudar.

Nos relatos das três membras aparecem situações distintas. Vera e Betânia relatam o trabalho desde a infância após terem perdido um dos elos da família e terem precisado se responsabilizar por afazeres domésticos ou por obter recursos. Além disso, ao longo das entrevistas, alguns temas se repetem ou ficam mais marcados: a religião, os estudos e a violência. A religião e os estudos aparecem na fala das três mulheres, e duas delas relatam terem passado por relacionamentos violentos com os pais dos seus filhos. Esses temas serão apresentados a seguir.

3.2. Violência, religião e a escolarização

Betânia e Vera relatam terem sofrido violência de seus maridos. As duas falam de violência física e emocional. As duas relatam também o processo depressivo que as acompanhou durante e após o término desses relacionamentos.

Betânia relata que foi com a ajuda de um local de apoio a mulheres vítimas de violência que conseguiu se recuperar. Nesse espaço, além do apoio profissional de psicólogas, ela conta que foi ao encontrar e conversar com mulheres em situações parecidas que conseguiu melhorar.

B: Teve um dia que ele saiu num feriado e eu fui falar com ele para brigar. Ele me deu um murro na boca... E como eu tava falando, não pegou os lábios, só os dentes. E o dente amoleceu. E eu nunca consegui recuperar... E ele fez violência psicológica também. Ele falava que eu tinha inveja da mulher, por isso que eu implicava com ela porque ele não tinha nada. E sabendo que ele ligava na minha frente, que ele conversava pela janela. E ele falava que eu tava era louca. Você sabe né? A gente vai ficando frágil e você não consegue lidar com essa situação e vai ficando muito difícil. Aí eu fiz ele sair. Ele alugou uma casa não muito longe e isso já tem dez anos viu? (Risos)

E: O tempo passa né?

B: Graças a Deus! E então a Josefa falou da Casa Sofia que cuida de mulheres vítimas de violência doméstica e eu comecei a frequentar. E aí foi o que me levantou. O que me ajudou também. A gente tinha terapia em grupo. E aí tinha muitas situações, nenhuma igual, mas muitas parecidas. Todas com violência, traição... e é tudo o que derruba uma mulher. Te fragiliza demais. (Betânia, ACL)

O auxílio da Casa Sofia foi muito importante para o processo de Betânia. Ela conta em diferentes momentos de sua entrevista como sofria no casamento com seu antigo companheiro. Não entra em detalhes sobre violência física, mas fala bastante de violência psicológica (por meio de agressões verbais e mentiras) e da distribuição desigual de responsabilidades na sua casa.

Não sendo um tema confortável para quem sofreu com esse processo, as duas mulheres que declararam terem sofrido violência física e emocional de seus ex-companheiros, não falam muito sobre isso. Segundo o Dossiê Violência Contra as Mulheres, do Instituto Patrícia Galvão (2015), as violências contra as mulheres são muito comuns e são um reflexo das desigualdades historicamente construídas, que vigoram, com pequenas variações, nos campos social, político, cultural e econômico da maioria absoluta das sociedades e culturas. Essa afirmação corrobora com aspectos observados nas falas das entrevistadas no que tange as responsabilidades diversas atribuídas às mulheres e aos homens em seus cotidianos.

Após a separação, Betânia continuou como responsável pelos cuidados dos filhos. Ela já era a responsável pelo sustento da casa e, com a saída do marido de casa, isso se manteve. Foi na Casa Sofia que, além do apoio psicológico, ela conseguiu apoio jurídico para garantir que seu ex-marido contribuísse financeiramente com os cuidados com os filhos.

E: Você ficou com eles né? Quando seu ex-marido saiu, eles ficaram em casa.

B: Ficaram em casa. Porque ele não ia querer sair e levar filho né? Porque ele queria vida de solteiro. E se ele queria vida de solteiro tinha que sair mesmo. E eles ficaram. Fiquei numa situação difícil né? Eles assumiram a casa. Porque fazia pouco tempo que estavam trabalhando. Já tinham começado a trabalhar. Foi difícil, mesmo assim eles bancaram a casa. Eu fui pedir ajuda para ele e ele não quis, aí eu falei na Casa Sofia e a dona Sandra que era a advogada

da casa Sofia me perguntou se eu queria né... por ele no pau. E eu quis, porque eu tinha 54 anos, não tinha como. (Betânia, ACL)

Ela justifica a necessidade de exigir que o ex-companheiro contribua com o sustento de seus filhos por sua idade e pela dificuldade de encontrar um emprego. Embora em diversos pontos da sua fala ela tenha clareza de seus direitos, a dependência financeira aparece como um tema difícil para ela.

Vera se casou duas vezes. Ela fala mais do segundo casamento e de como ele foi mudando e ficando pior. Para ela, o sonho de casar e ter um casamento ideal foi o que manteve o casamento por mais tempo. Com o passar dos anos, ela decidiu separar-se. Foi na terapia em grupo que ela conseguiu falar sobre e mudar a situação.

V: Tinha na minha cabeça que para mim ia ser o último casamento, né. Que a minha vida inteira eu sonhei com o casamento ideal, né? Casou, para o resto da vida. E depois eu vi que não é nada daquilo. Quer dizer, eu sempre fui uma pessoa que era muito chata. Para mim ou era tudo muito certo, ou não era. E aí começou com mentiras, o relacionamento. Pegava uma coisinha aqui, outra coisinha ali. É... como se fala. Aí não era só nós dois. De quebra ainda tinha a minha mãe e meu outro filho, né. Aí você vai pegando umas coisinhas aqui, uma falta de respeito ali, sabe? Aí foi acabando. Aí a gente começou a brigar muito, né. Daí era agressão, porque eu acabava agredindo ele em palavras, ele me agredia. Chegou a me... me pegar forte no braço, me empurrar. Isso, para mim, tudo isso é agressão, né. (Vera, UPM)

Ela narra a idealização da relação matrimonial, e como a falta de sinceridade do companheiro foi minando a relação. Sentia-se pressionada a não romper a relação pois, além dos filhos desta relação tinha ainda um filho da primeira relação e sua mãe que moravam na sua casa. Mesmo assim as brigas foram se tornando mais intensas. Embora ela soubesse que não fazia mais sentido continuar, ela não conseguia mudar a situação.

V: Então eu não... eu sabia que a gente não ia conseguir continuar vivendo junto e ao mesmo tempo não conseguia abrir mão daquilo.
E: Por causa do sonho.

V: Isso. Então foi uma briga muito feia, né. Mas graças a Deus eu superei. Foi quando eu conheci aqui o pessoal, aí comecei a conversar com as meninas, né, a psicóloga, todo mundo. Aí eu comecei a me abrir, porque até então eu não conseguia, né. Falar nada. Nem comentar. (Vera, UPM)

Aparece em sua fala a ambivalência diante do desejo de manter a relação e a realidade de agressões. A idealização do casamento e a perspectiva de que deveria durar a vida toda, faziam com que ela continuasse a conviver nessa relação que não lhe fazia bem. Foi ao conhecer um dos projetos da UPM que ela conseguiu sair dessa situação. Ela diz que passou a ter apoio para superar essa situação. Assim como a fala de Betânia, ela fala da importância de conversar e de falar sobre o assunto. O apoio psicológico também é colocado de maneira importante.

E: Você ficava lidando com aquilo tudo sozinha.

V: Isso. Então e, para mim, assim, porque a nossa consciência fica, porque você tem uma criação. Porque o bom ou ruim, desde pequeninha, eu fui criada na igreja. A vizinha me levava para escola bíblica, essas coisas, né. Então a gente tem aquele conceito, né, de família, de tudo certinho. Então você... de um casamento, de ser submissa, né, de você ter que mudar tudo, né. e não a pessoa que está do seu lado de ter que mudar alguma coisa. Então tudo cai em cima da mulher. E aqui eu aprendi que não, né. Aprendi a ser eu mesma. (Vera, UPM)

No relato da Vera a religião aparece como um fator que pautou a forma como ela aceitava as coisas que ocorriam em sua vida. Ela tinha a percepção de que precisava ser submissa e aceitar uma situação ruim para manter a família.

A religião aparece também em outros momentos da entrevista dela e das outras entrevistas. Trata-se de um componente importante, presente na vida das entrevistadas, e nos relatos aparecem influências positivas e negativas em suas decisões e autopercepção. Dependendo da forma como lidam com os ensinamentos religiosos e das pessoas com quem elas convivem nos espaços religiosos, elas podem aceitar determinadas situações negativas ou interrompê-las.

Nas entrevistas e na apresentação das conclusões da pesquisa para elas, ficou evidente a diferença na percepção do papel da religião. Enquanto algumas mulheres disseram que a religião pode colocar a mulher em uma posição de submissão, outras disseram que não percebem esse fator em suas vidas e que a religião teve mais um papel de libertação.

Selvina fala de um curso na igreja que foi um divisor de águas na sua vida. Para ela, esse curso permitiu uma ampliação da sua visão de mundo, e também permitiu uma liberdade que ela só conseguiu por ser uma atividade relacionada à igreja, o que lhe dava

respaldo e confiança perante seus pais. Para além da questão moral e de educação religiosa, a religião exerceu o papel de aumentar o repertório de experiências da vida dela.

E: Porque que ele foi esse divisor de águas?

S: Ah. Por vários motivos, né. É... o curso de verão, ele me deu uma amplitude de visão de mundo, de Brasil, de mundo e de... é... de quebra de preconceitos. Eu, nesse curso, eu aprendi a lidar com outras igrejas, com outras religiões, aprendi a respeitar e eu aprendi a perceber que as pessoas, elas têm, é... escolhas. Ou, ou que Deus se manifesta das mais diversas formas e cada pessoa entende que é aquela forma é o jeito que Deus está se manifestando para ela. Então não existe religião certa, não existe religião errada. É Deus se manifestando diferente. Então, é, isso eu não tinha como visão. Eu tinha muito preconceito e tal. É, esse foi uma das coisas. E porque ali, me deu a identidade que eu nunca tinha tido, nunca tinha experimentado. (Selvina, ACL)

Ela narra um encontro em que alguns valores religiosos como respeito, alteridade ao perceber que as pessoas têm escolhas e que não existe religião certa ou errada. Esses valores fizeram com que ela pensasse sobre alguns preconceitos que tinha na época.

Eu devia ter uns 18 anos ou um pouco mais e eu tinha começado a participar como liderança dos grupos de jovens aqui da igreja. Aqui mesmo, né. E lá, é que eu não tinha, nunca tive muita liberdade pra... é... meus pais sempre, claro, né, sair de casa... E quando você está com o público da igreja é um pouco mais, assim, aceitável. São um pouco mais aceitáveis certas coisas, né. E aí, como por exemplo, um dia que a gente tinha... sempre teve forró, né, isso era uma coisa básica. E a gente, tinha um forró que a gente planejava que era no primeiro sábado do curso de verão. Parou 15 dias, tinha dois sábados, o segundo sábado era o último dia, mas o sábado do meio a gente sempre planejava um forró, na Vila Remo, aqui pertinho. E aí, no salão do Vila Remo. E aí a gente chamava as pessoas que geralmente estavam hospedadas por aqui. Tinha muita gente nessa região, ficava gente acampada e tal. E a gente ia. E passava a madrugada. E como era a gente que tava organizando, os jovens, “ah mãe, eu tenho que ficar lá a noite inteira”. (Selvina, ACL)

Ela tinha mais autonomia como adolescente no curso na igreja do que em outras situações com sua família ou vizinhança. Interessante que ela pondera que as coisas quando aconteciam com o público da igreja eram mais “aceitáveis”. A religião lhe deu mais liberdade na adolescência, e permitiu que ela pudesse sair mais de casa e conviver com outros jovens, coisa que seus pais não permitiam em outros contextos.

Betânia é espírita e fala da religião para a ajuda do processo depressivo pelo qual vinha passando no fim do seu casamento.

B: Religião também, que ajuda muito também, né?

E: É. Você se apegou à religião depois que vocês separaram? Ou...

B: Já, eu já frequentava já.

E: Já frequentava.

B: Já frequentava. Só quando eu fiquei doente que eu não tinha como ir, né. Ai, estranha a depressão, nossa. É espiritual. (...) Eu não conseguia fazer. Aí, é, eu pedi muito, muito, mas muito na igreja, depois de pedir muito, eu sonhei. É, sabe quando você vai limpar... tinha uma pessoa me segurando aqui. (...) Eu acho que Deus mostrou que que a... quem... é... porque que eu tava daquele jeito. Não conseguia. Eu ia pro fogão, cozinhar, né, depois que eu... me dava um calafrio, eu não conseguia chegar no fogão. Eu ia para pia, eu não conseguia... (...) Foi difícil. Nossa! Mas depois passou. Na época. Eu tô lembrando, mas passou.

E: Ainda bem, né. Que bom. Que bom que passou.

B: E é bom, a gente lembrar para dar valor ao pouquinho que a gente tem. (Betânia, ACL)

Para Betânia, a religião contribuiu num processo de cura de uma doença que ela considera espiritual. Ela diz que a depressão era espiritual, como se tivesse alguém segurando ela, e que a cura veio após muitos pedidos na igreja. Nesse sentido a religião assume um papel essencial de cura para ela. E, ao relembrar o sofrimento pelo qual passou, ela fala de dar valor por estar em uma situação melhor do que aquela.

A religião se manifesta de maneiras distintas no cotidiano delas e faz parte do quadro que compõe sua história. São religiões distintas e experiências também distintas que permitiram às mulheres observar pontos positivos e negativos desse aspecto de suas vidas.

Outro tema que aparece em todas as entrevistas é o ensino formal. Elas percebem o ensino formal como sendo importante. Duas delas associam o fato de não terem completado o ensino formal como uma possível causa para as dificuldades financeiras pelas quais elas passam.

Betânia fala da volta aos estudos depois de morar um tempo em São Paulo na casa da sua irmã. Ela havia morado um tempo com a irmã e depois decidiu sair e ir trabalhar em outra cidade porque o relacionamento das duas era difícil. Na segunda entrevista

pergunto sobre a fala dela de volta aos estudos e ela comenta tanto sobre o gosto (ou falta de gosto) pelos estudos e das escolhas que teve que fazer em detrimento dos estudos.

E: E depois ela falou para você voltar.

B: Sim, os meus sobrinhos, minhas sobrinhas também. Porque eu cresci junto com eles, até uma certa idade né?

E: Aí você falou que voltou a estudar né?

B: É, voltei a estudar

E: Porque você tinha parado de estudar?

B: Porque eu só trabalhava. Só. E porque eu não gostava muito na verdade. (Risos). Uma pena né? Se tivesse estudado, tava melhor.

E: Mas aí você voltou a estudar.

B: Voltei, quando eu vim para cá. Vim passear, aí meus sobrinhos pediram para eu ficar, ela também. Aí voltei a estudar e aí que conheci meu ex marido. Começamos a namorar.

E: E aí você parou de estudar de novo.

B: Sim, eu parei porque eu engravidei, eu tava esperando a Bruna. E a gente tava junto. (Betânia, ACL)

Inicialmente ela comenta que “só” trabalhava e não estudava porque não gostava muito de estudar. Na segunda tentativa, quando volta para São Paulo a pedido dos sobrinhos, ela para de estudar após engravidar. Nesse relato, a escola não parece ser muito atrativa para ela e também não parece ser muito uma opção. Nota-se o peso da gravidez sobre a interrupção dos estudos e a percepção de que se tivesse estudado estaria em condições melhores.

Selvina é a única com curso superior dentre as três. Ela fala do quanto considera que o ensino formal permite mais oportunidades para as pessoas. Um exemplo é a diferença de apoio que os grupos do Ângela de Cara Limpa obtiveram no início da estruturação do empreendimento. O grupo com pessoas com menos ensino formal precisou de mais apoio.

Então eles têm muita coisa, tanto é que eles tinham educador antes. Eles chegaram a ter educador. Mas é aquilo que eu falo. E não é. É porque nós não fomos educados para isso. Então nós do Papel de Mulher, a gente faz alguma coisinha porque a gente tem um pouco mais de conhecimento. De conhecimento teórico mesmo, de escola. E as pessoas que vem pro Reciclângela são pessoas mais simples, inclusive pessoas dependentes de drogas, e tal.

Selvina fala de como o ensino formal permite um pouco mais de autonomia às pessoas. As pessoas do ReciclÂngela em sua maioria não possuem ensino formal e por isso precisaram ter um educador acompanhando suas atividades no início do empreendimento.

Ao mesmo tempo que a afirmação de que os estudos garantiriam uma vida melhor, Selvina não se sente com uma vida melhor por esse fato. Ao contrário, ela se cobra pelo fato de não ter conseguido ter sucesso financeiro na vida até hoje. É como se o curso universitário viesse com a cobrança adicional de conseguir uma renda ou conquistas materiais. Essa cobrança aparece várias vezes na fala dela ao longo das entrevistas.

Mas eu me sinto mal. Me sinto mal perante a família, me sinto mal. Porque uma pessoa de 50 anos que não fez a vida. Eu tenho 49 né? Então em setembro eu completo 50 anos. Aí o que eu tenho para comemorar em termos de conquistas palpáveis? Conquistas palpáveis eu tenho muito pouco. Tenho uma coisinha ou outra que estão na minha casa. Tenho minha família maravilhosa. Mas isso não fui eu que conquistei, foi Deus que me deu. Então tenho... Não tenho uma casa. Eu queria construir uma casa, mas não tenho terreno. Como é que vou fazer? Não é barato. E assim, recomeçar agora aos 50 anos. Vou começar de onde? (Selvina, ACL)

A família não é uma conquista própria para ela, foi Deus quem deu. E aos 50 anos, ela sente que precisaria ter algum bem ou ganho material que pudesse ser fruto de seu trabalho. Ela sente o peso da idade quando pensa em recomeçar a busca pelas conquistas da vida.

Com angústias e experiências diversas, percebendo necessidades não supridas em suas vidas, essas mulheres chegaram e permaneceram nos empreendimentos. Cada uma com suas crenças e com seus anseios, colocando no empreendimento expectativas para um presente e um futuro melhores.

3.3. Relações com o empreendimento

Cada entrevistada, e cada participante, chega no empreendimento com uma motivação. Elas, e todas as outras pessoas, buscaram ter uma atividade ou uma renda. Além de falarem de sua história pessoal, elas contam também sobre as outras pessoas.

Falam de como chegam, porque ficam e porque saem dos empreendimentos. Falam das relações que se estabelecem por lá.

Betânia relata a oscilação de participantes e fala principalmente da necessidade de pagar as contas como a motivação para as pessoas saírem.

E: Vocês fizeram o curso em 20 pessoas e estão 3 né? Há quanto tempo estão vocês 3?

B: Há uns 9 anos, desde o comecinho se não me engano. Porque logo depois que ficou como empreendimento as pessoas viram as dificuldades e saíram. Porque as contas chegam. Tem umas que é sozinhas em casa, as pessoas saem para procurar emprego. Eu tinha filhos que me ajudaram e que me ajudam ainda. (...)

E: Você já pensou em sair?

B: Já já... Não saí ainda não, mas pensei algumas vezes. Porque desanima, né? Porque não é um alimento. Alimento você tem que comprar, de algum jeito. Caderno, papel não.

E: É difícil de vender.

B: É difícil, mesmo sabendo que foi reaproveitado. Quantas árvores deixou de morrer né? Mas é difícil, porque acaba ficando caro. Não é barato, é uma coisa artesanal, é um por um que faz. Às vezes a pessoa até gosta, quer, mas num... É difícil! Nem a gente consegue comprar. (...) Eu tenho 63 anos, né? A gente não sabe o dia de amanhã, então eu posso ir embora e o Papel de Mulher continuar com outras pessoas. É isso que eu tento me desapegar. Papel de Mulher é um nome forte, então você quer ficar e não pode. Eu não quero ser assim, ficar com aquele apego. A gente não deve se apegar a nada nesse mundo. Apesar que filho e neto não tem jeito. (Risos) Mas eu quero dizer bem material. É difícil, mas tem que ser assim. (Betânia, ACL)

Betânia pondera que as dificuldades de vendas ocorrem devido ao tipo de produto vendido. Para ela, as dificuldades de vendas dos cadernos de papel reciclado estão principalmente no fato do produto não ser um alimento (bem que todos precisam comprar) e no preço (alto por se tratar de um produto artesanal). Ao falar de suas dúvidas entre ficar e sair, ela fala da força do nome Papel de Mulher e de como tenta não se apegar demais a ele. Diz que não se deve apegar a nenhum bem material (que nesse caso, inclui o empreendimento). Ela estabeleceu uma relação em que se identifica com a força do nome do empreendimento e ao mesmo tempo percebe as dificuldades de futuro deste empreendimento.

A possibilidade de sair aparece na fala tanto da Betânia quanto da Selvina. Ambas questionam sua continuidade no empreendimento. Selvina fala de tudo o que viveram desde o início do empreendimento. Ela comenta que foi um processo de cura que para ela

e para as demais participantes. E também comenta sobre o objetivo não concretizado de gerar renda para seus participantes.

Eu te digo seriamente, eu só não saí do Papel de Mulher ainda porque eu não sei o que eu vou fazer. Eu me sinto bem com as pessoas. Esse lado, a Sulália diz, a Sulália falava isso no início: nós estamos aqui para nos curarmos. E de fato, na questão humana eu acho que a gente aprendeu muito. A gente se, entre aspas, se curou. Na questão humana. Mas a gente não se curou do bolso. Então o bolso está vazio ainda. Então a proposta que era ser empreendimento. De ser um negócio próprio, isso não virou. (Selvina, ACL)

A palavra “cura” aparece em diversas falas da entrevista de Selvina. Para ela, o processo de participação no Ângela de Cara Limpa ajudou na cura de estágios diversos de baixa autoestima. Ela diz que não apenas ela, mas muitas pessoas que passaram por lá, conseguiram mudar a condição psicológica em que se encontravam. Muitas pessoas chegaram com uma baixa-autoestima e em estados depressivos. Após muito trabalho e convívio, encontram-se melhores do que naquele início.

Além do processo de “cura” pelo qual passou no empreendimento, Selvina diz sentir-se bem com as pessoas. Isso, e também o fato de não saber bem o que poderia fazer fora do empreendimento, são algumas das razões para ela continuar ali. Por outro lado, existe a contradição de estar num empreendimento que possui objetivo de gerar renda e essa renda não ter se concretizado. Ainda que não tenha conseguido a renda desejada, ela estabeleceu uma relação psicológica com o empreendimento em que se sente fortalecida como indivíduo.

Betânia, que chega ao empreendimento principalmente com a motivação de ter uma atividade que a ajudasse no tratamento da depressão, fala também das dificuldades de encontrar um emprego formal. Ela possuía um emprego em que cuidava de uma criança e de uma casa, mas após um episódio em que teve um “apagão” e o diagnóstico do quadro depressivo, perdeu o emprego e não se viu mais em condições de procurar novamente.

Então ela sempre confiou em mim, mas depois que eu fiquei doente, então... e eu já tinha mais de cinquenta anos, eu ia arrumar emprego aonde? Quem que ia me... Né? Sem ter profissão direito. Não tinha mais condições. Com essa idade você não tem mais condições de, de assumir... A tua casa tudo bem, você faz quando dá jeito, né? (Betânia, ACL)

Relatando a falta de opções, ela comenta que não tinha “profissão direito”, sinalizando um pouco da percepção que o trabalho doméstico e de cuidado com crianças tem para si. Esse fato, somado à sua idade, dificultam a existência de opções para ela.

No caso de Vera, o empreendimento tem gerado alguma renda. Isso também aparece como um fator decisório para ficar, embora não seja o primeiro ponto que surge na fala dela. Além da renda, ela cita o ambiente e o acolhimento como fatores importantes na sua rotina.

E: E o que te faz, o que te motiva a ficar aqui?

V: É esse apego mesmo com as pessoas. Porque aqui eu me sinto bem, me sinto em casa. Adoro, gosto de todo mundo. E assim, né? Eu acho aqui muito acolhedor né? Porque se a gente realmente às vezes chega um pouco preocupada, está com uma cara de triste, aí vem alguém e te anima. Então às vezes a gente acaba se levantando. Então acho que esse é o primeiro motivo. E o segundo acho que é a ajuda que o pessoal está dando pro nosso empreendimento. Porque hoje a minha renda está sendo disso, né? Então é um incentivo também. (Vera, UPM)

Ela deixa claro que o primeiro motivo é o apego com as pessoas e o apoio em dias em que está triste ou com alguma dificuldade. Ela diz que se sente em casa e se levanta ao conviver com as pessoas da UPM. E o segundo motivo, a renda, aparece como um incentivo a mais.

Na segunda entrevista a Vera fala da flexibilidade em relação aos horários e à rotina que demanda sua presença no cuidado da mãe.

V: Mas já é um dinheiro a mais que entra. E agora eu não tô conseguindo trabalhar direto fora, por causa da minha mãe, né?

E: Ah tá.

V: Que nem eu te falei, agora eu não consigo mais trazer ela comigo, né. Aí...

E: E ela está te demandando mais tempo?

V: Isso. Aí fica difícil para mim arrumar alguma coisa fixa agora. Aí eu prefiro me... me... deixar um tempo aqui no pão, eu sei que não são aquelas vendas normal, né, mas eu sei que é um dinheirinho que entrar para ajudar.
E: Também então pela rotina que você consegue ter aqui.
V: Isso.
E: Que é mais... acho que você falou né, que é mais...
V: Flexível.
E: Que consegue organizar melhor seu horário.
V: É, que se eu tô aqui, se eu tenho uma encomenda para agora ou para amanhã, eu faço agora. Mas aí se alguém me liga. fala “ó, tal, acontecendo isso e isso”, dá para mim ir em casa e depois eu volto.
(Vera, UPM)

Nessa fala, fica claro que a flexibilidade é importante para ela e também o fato de estar perto de casa e poder, em caso de necessidade, ir para casa resolver alguma questão com sua mãe e voltar com facilidade.

A fala da Vera nessa segunda entrevista corrobora com uma fala dos potenciais empreendedores dos encontros de empreendedorismo realizados no Banco União Sampaio. Em uma das oficinas de planejamento oferecidas por mim, os participantes responderam qual era o principal motivo pelo qual gostariam de começar seu negócio. Tirando uma participante, que falou da dificuldade de encontrar um emprego, todos falaram que gostariam de ter flexibilidade em relação a horários e rotina, tempo para fazer suas atividades além do trabalho.

Essas falas trazem luz às necessidades dos participantes que vão muito além da questão financeira, mas também a incluem. Trata-se das necessidades mais diversas que fazem com que a relação com os empreendimentos seja muito mais do que uma relação financeira ou mecânica, torna-se uma relação também emocional. As contradições entre os aspectos financeiros e interacionais estão presentes e também fazem parte das relações emocionais, justificam a oscilação entre a vontade de sair e de permanecer.

3.4. Relações entre participantes: estar entre iguais

Uma das falas mais emblemáticas das entrevistas sobre a felicidade de estar entre iguais é a de Selvina. Ela fala de uma situação em que não se imaginaria e que não lhe

parecia agradável à primeira vista, mas na qual se sentiu bem e feliz. O motivo nada mais é do que estar entre o que ela chamou de seus iguais, apesar das aparentes diferenças.

Como é que separando plástico eu tô me sentindo feliz? Mas eu acho que eu sabia. Primeiro, eu tava sendo aceita. Segundo, eu tava num grupo que tava falando sobre seus problemas. Eu mal falava dos meus. Porque assim, eu sou solteira, não sou casada, não tenho filhos, moro com meus pais. Então teoricamente eu não teria problemas. Mas eu ouvia. (...) Porque eu tenho muito baixa autoestima. As pessoas têm, as pessoas do grupo tinham muito baixa autoestima, então não é à toa que eu me sentia bem, eu estava, digamos, entre os meus. Eram pessoas muito afetadas internamente, muito magoadas internamente e tal. E eu embora graças a Deus não tivesse passado por nada daquilo, mas eu tinha minhas sensações de incapacidade, de inferioridade. (Selvina, ACL).

Selvina fala de autoestima e do processo de estar entre pessoas que considera seus iguais. Ela deixa claro que não passou pelas mesmas situações que eram relatadas pelas pessoas do grupo, mas pelo fato de terem todos baixa autoestima, ela se identificou e se sentiu pertencendo àquele grupo.

Vera fala também da autoestima e de gostar do que faz, mas fala também de um ressignificado do cuidado e da rotina que tinha com sua mãe. Suas atividades contribuíram para uma transformação na forma com que ela lida com a mãe e ela passa a perceber o valor das ações que realiza no seu dia a dia.

E: Quando começou esse processo?

V: Acho que foi lá no início, que eu comecei a pegar o leite, a trabalhar com os idosos. Até então eu já cuidava da minha mãe né? Mas, assim, eu não tinha aquela noção né? A gente cuida... Então hoje eu já sei o valor que eu tenho na boca, na sua boca, na boca de outra pessoa, pelo que eu cuido. Então hoje eu entendo. Assim, hoje eu sei que o que eu fiz por ela não foi qualquer coisa. Né? Porque eu não cuidei dela. Eu comecei a trabalhar com pessoas idosas e eu comecei a ver o bem que eu podia fazer, que eu fiz para ela esse tempo todo. Porque antes de conhecer, para mim, era normal. Depois que eu comecei a ver. Aí eu falei, é, realmente, às vezes a gente acha que é grossa né? Mas não é, ali no dia a dia a gente tem a nossa postura. Então meu maior ganho foi esse, foi ter mais carinho pela minha mãe, pelas pessoas idosas. Então acho que esse

foi o maior ganho que eu tive assim, em tudo né? Aí minha autoestima veio de lá né? Que eu comecei a entender. Que você sabe né? Que nem eu te falei, que meu casamento tava no final né? Então quando eu cheguei aqui eu cheguei triste, cabisbaixa. E já comecei a conversar com as pessoas, já comecei a ver a vida com outro olhar né? E tô aí né? (Vera, UPM)

Do empreendimento, Vera fala da autoestima vinda a partir da produção de pães que são elogiados, ficam bonitos e gostosos. Além disso, ela comenta que aumentou pelo carinho que tem pela mãe ao trabalhar também com idosos em um dos projetos da UPM.

Betânia fala da autoestima e das amizades construídas nos anos de convivência. Para ela, é isso o que motiva a continuar no empreendimento. O que ela descreve é uma sensação de estar em comunidade, de poder contar com as pessoas que estão ali convivendo com ela.

E: O que faz você ficar no Papel de Mulher?

B: Eu me sinto bem. Me sinto bem das amizades. Que uma pode contar com a outra. Pode brigar, tudo, mas precisou, está doente, precisa de alguma coisa e está ali uma ajudando a outra.

E: Isso faz muita diferença.

B: É, isso dinheiro nenhum paga. Você está bem de vida e quem está a sua volta é tudo falsidade e você não consegue conviver. A gente convive muito. (Betânia, ACL)

Betânia fala de como as amizades e o respeito fazem com que ela escolha ficar no empreendimento. Contrapõe essa situação de apoio mesmo sem dinheiro à “falsidade” que pode existir quando se está “bem de vida” e que dificulta a convivência entre as pessoas. Ela usa a palavra conviver para sinalizar essa situação de ajuda e de poder contar com as pessoas.

Em outra parte de sua fala, Betânia cita inclusive o apoio para solucionar questões relacionadas aos direitos e possibilidades de mudar a situação pessoal em casa. Ela exemplifica com a história de uma participante do empreendimento que está obtendo apoio da rede de contatos do empreendimento para dar andamento em seu divórcio.

B: Porque ela está passando coisa com o marido dela. O ex-marido. E, aí ela viu que a gente tava aí, aí ela pegou, também saiu, né. Porque ele arrumava... tem família fora. Tem outra família. Tem filhos da idade dos filho dela. (Risos). Entendeu? E ela sabe, era...

entendeu? Foi... como ela foi criada, né? É diferente. Tinha os filho também. Aí ela aqui, conversando, ela foi ficando esperta, né.

E: Aham. Viu que dava para fazer diferente...

B: Aí, há um tempo atrás eu falei... aí ela falou o que tava passando, eu falei “vai na Casa Sofia, pede ajuda, né”. Já vai se divorciar. Hoje ela foi lá no Fórum, né, ver como é que está a situação dela.

E: É agora isso, então?

B: É.

E: Que bom.

B: Tem um tempo que...

E: Demora, né.

B: Demora, porque você passou... Você viveu a vida toda, né, passando pelo que ela passou, não é dum dia pro outro que vai resolver, as pessoas não tem, né É aos poucos, né. Que bom, né?

B: Então cê vê, a convivência, né. Uma vai...

E: Uma vai ajudando a outra. (Betânia, ACL)

É talvez nesse lugar de cuidado e de apoio que os empreendimentos tenham mais ganho para as participantes. Elas acabam permanecendo e se ajudando mutuamente pois encontram situações e sentimentos muito semelhantes aos que elas mesmas vivem ou viveram. Ao longo do tempo, constroem relações de amizade e respeito que fazem com que se sintam bem em ficar e tentar alternativas às dificuldades que permanecem em suas vidas.

3.5. Os sonhos e as realidades

Ao olhar para o futuro, elas pensam e falam sobre o que sonham e como irão viver o futuro. Falam de família e de conquistas. Dizer quais são seus sonhos em alguns momentos soou estranho para elas, exigiu pararem e refletirem um pouco. Ao longo das falas, a elaboração dos enunciados dos sonhos foi construída.

Betânia fala de viajar e, depois de pensar um pouco, fala em ter saúde para viver bem e poder continuar a trabalhar ou ter uma atividade e não precisar ficar em casa.

Meu sonho... Meu sonho é viver bem... Eu queria ter um pouco mais de dinheiro para viajar... Mas a situação. Mas envelhecer com saúde. Eu poderia continuar trabalhando. Porque ficar em casa agora sozinha olhando pras paredes não dá né? E o que eu gosto

muito do Papel de Mulher, do que eu faço. Então eu queria envelhecer com saúde e ver meus filhos, amigos, todos bem. Porque você vendo os filhos e amigos todos bem. Porque todos estando bem a gente fica bem. Porque se você desejar o mal vem o mal para você, então tem que desejar o bem. (Betânia, ACL)

Ela fala de envelhecer com saúde e de ver sua família bem. Também fala de uma crença de que ao desejar o bem para o outro, consegue também o bem para si mesma.

Vera vai na mesma linha, ela fala de ter uma casa e depois fala de ver os filhos bem, ter saúde. Fala em cuidar das pessoas próximas e de ter o suficiente para sobreviver.

Ah, meus sonhos. Assim, eu não tenho muita coisa não. Às vezes eu penso assim, ah, se eu tivesse uma casinha, um dia, se eu conseguir, vai ser melhor. Mas eu amo meu apartamento. Então assim, meu sonho é ver meus filhos bem, instruídos, trabalhando, pessoas responsáveis. E tentar ser feliz a cada dia. Saúde, Deus abençoando. Enquanto eu tiver forças para continuar na minha batalha, que não é fácil né? Que nem eu falei para você, a gente está aqui todo dia mas ta sempre remanejando, porque tem médico, tem tudo essas coisas. Então enquanto Deus estiver me dando força para cuidar daqueles que ele colocou na minha mão. Tendo o suficiente para sobreviver. O suficiente basta. (Versa, UPM)

Além de ter os filhos bem, trabalhando, com saúde, Vera fala de ter “o suficiente” para continuar a cuidar das pessoas que estão em sua vida.

Ambas falam de sonhos concretos, palpáveis, entendendo que é o que precisam para (sobre)viver. Ao mesmo tempo possuem no imaginário aqueles sonhos de viajar e ter uma casa.

Já Selvina quando fala de sonho começa na busca de um sentido na sua existência, e fala na questão financeira, no sonho de ter dinheiro para poder dar orgulho aos pais. Ela é atualmente sustentada pelos pais e gostaria de ter independência financeira e profissional.

Pois é, tô em busca deles. Acho que tô em busca de descobrir de fato para que que eu vim aqui. Tenho muitos sonhos. Por exemplo

o sonho de ter dinheiro no bolso. Sonho de... Acho que meu maior sonho ultimamente é, senhor eu te peço, não me deixe morrer, não deixe meus pais morrerem, antes que eles tenham orgulho de mim... Financeiramente falando. Porque eu sei que eles têm orgulho de mim por eu ser a pessoa que eu sou, apesar de todos os meus erros, dos meus defeitos, eu tenho certeza que eles me amam. Mas eu lembro que quando eu trabalhava como jornalista, meu pai falava orgulhoso: minha filha é jornalista, minha filha é jornalista. Hoje eles não sabem nem o que dizer de mim. Não sabem nem dizer se eu trabalho. E eu também, porque quando você trabalha você recebe né? Agora trabalhar sem receber... Então eu fico envergonhada, quando eu vou dizer o que é que eu faço. Eu tento falar de uma maneira positiva e para cima para ver se surte efeito em algum lugar, mas eu me sinto sempre para baixo. Porque quando você não tem dinheiro no bolso é assim que você fica. (Selvina, UPM)

Há na fala de Selvina um orgulho de no passado ser jornalista e uma vergonha de hoje não receber pelo trabalho. Ela tenta ver ‘de uma maneira positiva’, mas se sente triste e frustrada.

Esses sonhos ocupam então um lugar de vontade de estar bem. E nesse lugar aparece a família e a saúde, que são as necessidades e cuidados básicos para essas mulheres. É delas e para elas que esses sonhos falam.

Essa reflexão fecha o capítulo sobre as membras dos empreendimentos e nos dá espaço para pensar nas semelhanças e nas diferenças entre a história e as reflexões das que são membros e das que são membros e também lideranças desses espaços e de projetos junto à comunidade.

Capítulo 4 - Lideranças

As duas lideranças que aparecem nesse capítulo são as duas mulheres que representam os empreendimentos Ângela de Cara Limpa e União Popular de Mulheres. Sulália tem 46 anos, veio da Bahia aos quatro anos, é casada e tem um filho. Ela é, segundo suas palavras, mulher negra, guerreira, dinâmica e observadora. Neide tem 79 anos, é filha de portugueses que se mudaram para o Brasil na infância e aqui se conheceram. Ela tem três filhos, é casada, adora música e crianças. Para abordar suas

entrevistas, é importante conhecer sua história específica e o caminho que percorreram para chegar na posição e local em que estão hoje.

Figura 8 (esquerda): Sulália / Figura 9 (direita): Neide

4.1. História de vida

Sulália nasceu na Bahia e veio para São Paulo ainda criança junto com sua família. Logo de início ela fala das dificuldades que sua família passava e da necessidade de interromper os estudos para trabalhar desde cedo.

“Nasci lá na Bahia, num povoado chamado São José do Paiaí. Pai e mãe lavradores, né? Eles trabalhavam na roça. Quando eu tinha 4 anos minha mãe conseguiu vim para São Paulo junto com meu pai. Meu pai já vinha antes trabalhar para poder nos sustentar, levar recurso. Até quando ele conseguiu vim, arrumou um serviço fixo e acabou trazendo a gente. Com 4 anos de idade eu cheguei em São Paulo, junto com meus irmãos. Uma dificuldade muito grande, fomos morar de favor na casa da minha avó né? Moramos também de aluguel. E sempre uma luta né? Minha mãe trabalhou muito em casa de família. E meu pai aqui, pedreiro. (Sulália, ACL)

Ela descreve a vinda para São Paulo com os pais, que vieram tentar uma vida com melhores condições financeiras e tinham profissões de empregada doméstica e pedreiro.

Fui para escola até... Estudei até o sétimo ano, por conta de várias dificuldades. Porque tive que trabalhar muito cedo. Desde a idade de 11 anos né? Eu trabalho... Cuidando de criança, levando criança para escola. Aos 14 anos eu entrei na minha primeira firma, empresa. Com meu primeiro registro de carteira né? Foi uma experiência muito boa. Todo mundo falava. Não, você é a mascote,

não vai conseguir. Que eu era a mais nova do grupo né? Eu, minhas irmãs e amigas. Elas com 16 anos, eu com 14. E ficou eu a de 14 e eles tudo foi dispensados. (Sulália, ACL)

Ela relata que começou a trabalhar cedo, conta com orgulho que logo foi registrada. Relembra os comentários das irmãs e amigas e de como esse episódio foi uma conquista.

Na segunda entrevista volto a abordar esse tema do primeiro emprego e essa fala de que ela ficou e os outros foram dispensados. Ela apresenta suas características pessoais que lhe proporcionaram conseguir esse emprego, mas também fala de outros fatores que também contribuíram para esse processo.

E: Porque você acha que você ficou e eles foram dispensados?

S: Então, eu sempre tive, sempre fui muito descontráida, na verdade né? Então além de eu perguntar muito eu me interessava muito pelas coisas. Eu sempre fui uma pessoa muito agitada, nunca fui aquela pessoa pacata. Então acho que isso foi um ponto positivo. Em vez de você esperar, você age. Então acho que eles veem tudo isso numa entrevista também né? Então acho que eles queriam uma pessoa dinâmica né? E eu sentia que algumas pessoas, minhas irmãs mesmo, algumas eram dinâmicas, né? Então não sei porque, talvez pelo número de vagas também. Porque no caso da minha irmã mais velha ela também era bem dinâmica, bem atuante. Então não sei. Além disso, talvez a sorte também me proporcionou isso. A idade também, talvez eles achando que eu por ser um pouco mais nova seria mais fácil deles lidarem também. Mas acho que uma coisa foi sempre ponto positivo foi eu ser muito dinâmica. Sabe? Muito observadora, fazer as coisas, procurar aprender muito rápido. (Sulália, ACL)

Ela acredita que foi o tanto seu dinamismo quanto sua sorte os fatores que a levaram a ficar no emprego enquanto que as irmãs e as amigas não foram contratadas.

Ela fala também das dificuldades na infância e sua memória desse período traz uma imagem que simboliza um pouco das dificuldades que passavam para conseguir complementar a renda da família e lidar com o frio da cidade de São Paulo. E junto com a lembrança das dificuldades, vem a lembrança de um lar amoroso.

E eu lembro que minha mãe, ela trazia lá das casas que ela limpava, ela trazia jornal. Que na época lá no começo tinha muita granja, de galinha. Então o jornal eles enrolavam né? Eles matavam a galinha na hora e enrolavam. Então se você trouxesse jornal eles compravam, você abria o jornal do jeito que eles queriam para

facilitar e então eles pagavam bem melhor. Aí minha mãe trazia muito jornal e a gente saía vendendo nas granjas. (Sulália, ACL)

A família fazia arranjos para gerar renda com os recursos possíveis. O jornal sem uso pelos patrões era revendido para granjas com a ajuda dos filhos. Esse mesmo jornal também era utilizado para aquecer as crianças nas noites mais frias.

E eu lembro que ela pegou um jornal. Isso faz parte da minha vida porque é muito forte. E ela enrolou nos meus pés e no dos meus irmãos. E colocou a meia, que a gente não tinha tanto cobertor assim. Então muito preocupada, no colchão, ela tirou lençol, colocou jornal embaixo, e depois colocou o lençolzinho e isso ajudava a gente a se aquecer. (Sulália, ACL)

A precariedade material não impediu que houvesse cuidado e carinho por parte da mãe. Esse carinho marcou sua infância e sua relação com as irmãs e o irmão.

Por que aí é isso, acho que o que eu mais lembro da minha infância é isso. E uma infância muito amorosa. Eu venho duma família que as minhas irmãs, por mais que a gente brigava... e a gente brigava mesmo, todo mundo com um gênio assim, terrível. Olhava um para cara do outro e assim, você acordou de ovo virado. O que você está olhando para mim? Então a gente... era porrada mesmo. Mas que é de um amor maravilhoso. Acho que depois de uns 11 anos, 12 anos, a gente parou, porque a gente foi ficando adolescente. E a gente não brigava mais. Mas assim, a gente sempre teve um carinho muito grande, sabe? Esse negócio de amor em família é muito enraizado assim dentro da gente. (Sulália, ACL)

Ela comenta que na infância havia brigas entre os irmãos e que essas brigas foram diminuindo com a chegada da adolescência. O amor e carinho permaneceram enraizados na família.

Ela voltou a estudar mais velha, quando uma tia indicou um curso oferecido pela igreja e que teria um formato diferente das escolas tradicionais.

Primeiro, formato de estudo numa sala de aula. Eu não conseguia me ver mais na sala de aula, ali sentada. Porque já era adulta também né? Tipo ouvindo uma pessoa falando sabe? Lendo algo de um livro e não provocando a sala, sabe? Na verdade, o formato de educação que eles traziam pra nós era algo diferente, era algo de

você poder compartilhar também. De você poder fazer parte da educação mesmo. (Sulália, ACL)

Ela fala de um formato de educação que funcionou para ela e que fez sentido para sua realidade pois ela podia ‘fazer parte’.

Neide tem 79 anos e vem de uma família de imigrantes de Portugal que já morava em São Paulo quando ela nasceu. Eles viviam em condições bem precárias e passaram pelas mais diversas necessidades. Logo no início da sua fala, ela conta como o trabalho comunitário sempre esteve presente na sua família. Ela conta que o pai percebia as necessidades da região e começava a se articular junto com a comunidade para conseguir as melhorias necessárias. A percepção da necessidade partia da família, mas ele trabalhava para conseguir as melhorias para o entorno todo.

Então ficamos sem escola e ele começou também a fazer esse trabalho de fazer um caminho para conseguir escola, conseguir melhorias, conseguir estrada. E aqui do lado tem uma estrada que ele abriu junto com todos os moradores, com aqueles peões da roça. E começou a plantar, ensinar a plantar. Ficou muito amigo daquele povo bem caboclo né? Foi um pouco isso. E passamos 7 anos aí. Com muita dificuldade. E aprendi muito. Porque tudo era feito em mutirão. E aí vieram os imigrantes japoneses e ele se tornou um líder no meio dos imigrantes japoneses, porque ele já conhecia a região e tudo o que eles plantavam era em mutirão.

Mas uma coisa que marcou na minha vida foi assim, um homem que nunca se preocupou só com o filho dele. Se a minha filha, ou meu filho não pode estudar, o do outro também tem que poder estudar. Então o vizinho queria poder colocar o filho na escola, então nossos filhos que estão sem escola. Então vamos juntos ver isso. Nossos filhos que tão sem, por exemplo, médico, sem recurso. E aí, sempre, e marcou muito isso. E minha mãe junto com ele. E a vizinhança passou a ter outra formação. (Neide, UPM)

Inspirada na família, desde pequena ela aprendeu a fazer as coisas coletivamente. A postura de seu pai e sua mãe, marcaram a formação dela e da comunidade, ao perceberem que iriam precisar se juntar e lutar para conseguir as melhorias que queriam ver em suas vidas.

Neide fala da fome e doenças sofridas na infância. Ela fala como programas como o Bolsa Família¹⁶ são necessários para garantir que as crianças estudem e consigam aprender. Porque com fome fica mais difícil aprender.

Eu fui morar com o avô e a madrasta da minha mãe, lá em Guaianazes. Mas não aprendi nada porque a vida era muito difícil na casa dos meus avós. A gente passava muita necessidade. A gente não tinha a comida necessária. Meus avós sofriam muito. Meus pais não tinham para dar. Era muito distante para dar o que a gente plantava. Depois de lá eu fiquei muito doente. Muito muito. Aí fui para casa de uma tia, mais para cá, aí na Zona Norte. E aconteceu a mesma coisa. Não consegui aprender porque ia para escola sempre com fome. Na escola não tinha... A merenda que tinha era pras crianças órfãs e a minha situação, eu tinha pai e mãe. Então os que tinham direito a sopa, precisavam ser órfãos. E eu não tinha moeda, então de novo eu não aprendia porque eu não comia. Por isso que eu dou muito valor para o Bolsa Família. Tem que ter o Bolsa Família. Porque se tivesse Bolsa Família talvez eu tivesse a moeda para comer a minha sopa. E aí tinha uma menina que sempre que ela pedia, ela escondia lá das professoras e dava a fichinha que ela tinha para eu comer a sopa no lugar dela porque não podia repartir lá. (Neide, UPM)

Ela dá valor ao Bolsa Família por ter passado fome. Naquela época as medidas assistenciais só para os órfãos não reduziam a fome e o sofrimento de quem tinha pai e mãe e não tinha o que comer.

Na história da Neide aparece também o trabalho desde muito cedo. Ela era responsável por comprar o pão para a família. Desde pequena ela tinha vontade de estudar, mas não podia. Também não podia fazer o que quisesse com o dinheiro que ganhava. E ficava revoltada, de acordo com suas palavras. Na própria entrevista ela se emociona ao lembrar essa fase da vida.

Eu tava com quase 14 anos e ele já tava muito doente. Ainda durou mais 2 anos, mas muito doente. Aí, com muita criança, muita. E eu

¹⁶ Bolsa Família é um programa do governo federal destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 154 mensais, que associa à transferência do benefício financeiro do acesso aos direitos sociais básicos - saúde, alimentação, educação e assistência social. Através do Bolsa Família, o governo federal concede mensalmente benefícios em dinheiro para famílias atendidas. <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>

trabalhava de doméstica. E aquele dinheiro que eu ganhava ia todinho para comprar pão. Pão. Só pão. Que era o pão da tarde e o pão da manhã. E nem sequer eu podia comprar nada para mim. Era só pro pão. Aí eu fiquei muito revoltada, comecei a brigar com as irmãs, duas menores que eu. Brigava, brigava mas era porque eu me sentia injustiçada, que eu que queria estudar. E foi conseguida uma bolsa em uma escola particular, uma bolsa. Mas meu pai, minha mãe falou: “tenha paciência porque o pão vai faltar aqui em casa. Então por enquanto é você que arrumou esse trabalho. Elas não arrumaram”. Então demorou para mim me convencer. Eu fui muito brava com as minhas irmãs. (Neide, UPM)

Ela não gostava do fato de ter que trabalhar porque as irmãs não conseguiam emprego e ela tinha que trabalhar ao invés de estudar. E trabalhar como doméstica parecia uma opção muito restrita para ela. Ela queria outras oportunidades.

Bom, na verdade eu continuei trabalhando, de doméstica, que eu não tinha outra profissão. E minha mãe não se conformava que eu devia ter uma outra profissão. E fui estudar, fui aprender a costurar sapato. Essa parte de cima do sapato. Fui para fábrica e lá eles me demitiram como menor de idade, mas (no Brás), mas eu costurava em casa. Meu pai comprou uma máquina usada, mas precisava comprar o motor e o dinheiro não dava e eu tinha que trabalhar. Aí todos os meus irmãos ajudavam no remate dos calçados, aí a gente ganhava um pouquinho mais para gente ter o que comer né? E com isso eu fui querendo estudar, tentando estudar, mas não conseguia porque tinha que costurar muito sapato, para carregar nas costas, até o Brás, as sacolas, para poder trazer. (Neide, UPM)

Com um pouco de estudo e capacitação, conseguiu uma alternativa ao trabalho como empregada doméstica. Sendo menor de idade, o caminho que encontraram na família foi o trabalho para terceiros, usando a própria casa como oficina. Ainda assim, sua vontade de estudar continuava frustrada pela realidade econômica e social da família.

Além das dificuldades para conseguir estudar, Neide relata assédios e violências que via sendo infringidas contra as mulheres com quem convivia. Ela relata também uma situação em que ela mesma sofreu assédio de um advogado que estava defendendo seu irmão após ele ter sido preso e torturado durante o regime militar. Essas situações marcaram sua história e contribuíram para o surgimento da pauta em favor das mulheres no trabalho que ela faria posteriormente.

E o advogado falou para minha irmã e para mim: “Olha, eu vou defender seu irmão, mas eu preciso dormir com vocês”. Nós éramos mulheres de 20 e poucos anos. E a gente sofreu demais, porque ele começou a seguir nós para dar a troca. Defender meu irmão. Foi muito difícil nossa vida, minha e da minha irmã. Muito. Mas nós conseguimos um pouco de dinheiro e pegamos um colega lá da turma para levar o dinheiro né? (Neide, UPM)

Quando conseguiram dinheiro, pagaram o advogado, mas possivelmente não havia condições para denunciá-lo por assédio naquela época.

Foi depois de um tempo tentando e trabalhando que Neide conseguiu estudar, na área da saúde, que era seu sonho.

Quando eu fui falar para ela que eu aceitava o outro ano, ela disse: “eu assumi que você vai e você vai”. Escola paga, cruz vermelha. Quando eu chego no fim do mês o dinheiro tava na minha conta. E eu não soube o curso inteiro quem pagou, fui saber só no final quem pagou. Eram oito dos meus colegas, que ela fez um coletivo. E eu, isso na minha vida, foi assim, me arreventou de alegria. Uma libertação que eu vou falar. Por isso que eu não posso viver sem um coletivo. (Neide, UPM)

Foi a partir da coletividade que ela pôde estudar, e isso só reforçou o exemplo que ela tinha em casa sobre a importância do coletivo.

São fragmentos de duas histórias de vida que contribuíram para que se tornassem lideranças e referências na comunidade em que vivem. As dificuldades que passaram na infância e as famílias amorosas apesar das adversidades ficam marcadas em suas narrativas. Elas têm motivações e um olhar para as pessoas que marca tanto quem convive com elas e quanto o espaço que elas ajudaram a construir. Os movimentos e empreendimentos que elas apoiaram passam por dificuldades e nem tudo aconteceu conforme planejaram, da mesma forma que em suas vidas.

4.2. Motivações e as relações humanas

As duas mulheres que aparecem aqui m posição de liderança tem a semelhança de marcarem as relações junto aos membros dos empreendimentos por um olhar para o lado humano das pessoas. Trata-se de uma sensibilidade que não é exclusiva e nem comum a todas as pessoas que exercem um papel de liderança, mas que aparece nessas duas histórias. Essa característica marca não apenas a fala e a história das pessoas que participam dos empreendimentos, mas seu olhar para o que importa e o que são os resultados nessa difícil tarefa que é tocar os empreendimentos.

Em nenhum momento das entrevistas pedi para que as entrevistadas falassem sobre as demais nem sobre as lideranças. Quando perguntadas sobre quem são suas fontes de inspiração, as participantes falaram de muitas pessoas. Em vários casos falaram da família e de pessoas que passaram pelas suas vidas. No caso de Vera, a primeira pessoa que vem à fala é a “Dona Neide”.

Ela tem uma força assim... eu costumo dizer que quando eu crescer eu quero ser igual a ela. Eu com 40 anos, se eu me esforçar o dia inteiro, chega a noite eu já tô toda doída. E ela eu não vejo parar. Isso que me incentiva. (...) a gente vê que ela entra na comunidade, ela vai atrás das mulheres, ela ajuda. Então isso para mim é uma inspiração de vida. Tem a família, muito bem-criada, instruída. A gente vê que dá para fazer em conjunto. E ajudar o próximo. É isso que a gente colhe aqui dentro. (Vera, UPM)

Ao citar Neide, ela fala da força que ela tem e de um ideal de família que lhe dá esperança, além da importância de ajudar o próximo e do trabalho coletivo.

As falas da Selvina e da Betânia sobre a Sulália também são simbólicas e reforçam o que aparece na história e na narrativa dela em relação ao cuidado com as pessoas. Betânia, quando fala do processo de ajuda que obteve no empreendimento, diz que a pessoa que mais ajudou foi a Sulália, pelo jeito humano de conversar.

E: Quem que você acha que são as pessoas que mais te ajudaram, assim?

B: Ah, eu acho que foi a Sulália.

E: Porque?

B: Porque ela é muito humana, sabe? Ela é muito humana. Foi assim, é... não chegamos, chegar, só pelo jeito de conversar. “Não,

já passou e não sei o quê”. Era assim, sabe? Me ajudou bastante. (Betânia, ACL)

Nota-se a importância do diálogo e do ‘jeito de conversar’, que ajudaram Betânia a passar pelo momento difícil que vinha tendo na vida pessoal.

Selvina também diz que o grande ensinamento que teve no empreendimento foi sobre o lado humano. Ela traz a mensagem de como aprendeu a respeitar as pessoas e suas histórias.

Porque de fato a Sulália, ela ensinou para gente essa coisa do humano. Que você, eu lembro quando ela falava, foi uma das primeiras falas, que eu ouvi dela com relação à Edinaura. Olha, uma pessoa assim, é o jeito dela. Respeitem o jeito dela. Ela aparentemente é carrancuda, aparentemente não sorri, e tal, mas é uma pessoa maravilhosa. (Selvina, ACL)

Nessa fala mostra um olhar para as diferenças e para o jeito de cada pessoa. Aparece a possibilidade de as pessoas serem maravilhosas mesmo sem serem simpáticas.

Sulália demonstra muito autoconhecimento e fala sobre seu lado humano e sobre essa característica pessoal de cuidado com as pessoas. A mesma coisa que aparece na fala da Selvina aparece na fala da Sulália, ela dá valor às pessoas e suas histórias e entende que só olhando e entendendo os outros é que consegue interagir e criar uma relação. E esse tipo de comportamento e respeito às pessoas fica claro ao longo das entrevistas e ao longo da convivência no empreendimento.

Porque às vezes a pessoa vem e ela fala: ah, mas essa pessoa está fazendo corpo mole. Eu falo não é não, gente, é porque às vezes a gente não conhece a realidade dela lá. Ela tem uma outra realidade. Atrás de cada realidade tem uma história. Então quando a gente não sabe o que quer e não conhece e dá a oportunidade de conhecer, então é muito mais fácil você julgar. Então no meu caso eu não consigo. Eu não estou querendo dizer que eu sou a melhor pessoa do mundo não. Mas eu tenho essa característica mesmo. Às vezes, às vezes eu sofro por isso. Às vezes, não, muitas vezes eu faço muita coisa errada por isso. Mas é uma característica que é minha, está dentro de mim isso. E sempre me, eu procuro sempre me

colocar no lado da outra pessoa. Porque né? O que que ela está passando, o que está sentindo. (Sulália, ACL)

Essa característica pessoal de se colocar no lugar da pessoa dá espaço para que a história de cada um seja respeitada e aceita. E a partir daí, fica mais fácil entender as realidades que se apresentam.

Mas tem pessoas que nem querem saber. Está ali e é mecânico, é mecânico, sabe? Só quero saber do meu trabalho, do meu salário e pronto. Eu só tenho tempo para minha vida, não tenho tempo para as outras pessoas, para saber o que você pensa, o que você sente. Mas eu não sinto. Por isso que as pessoas falam que eu sou intrometida. Às vezes eu sou muito intrometida nas pessoas, isso é algo meu. De lidar, de tentar compreender. Às vezes as pessoas falam aquela pessoa é chata. Mas você sabe porque que aquela pessoa é chata? Você sabe a história dessa pessoa? (Sulália, ACL)

Esse jeito de se posicionar contribui para que as relações deixem de ser mecânicas como poderiam ser em alguns ambientes de trabalho. O olhar para cada pessoa e suas histórias faz com que o julgamento sobre características pessoais de cada um tenha menos importância do que a história e as relações que se estabelecem no cotidiano.

No caso de Neide, além do olhar para as relações humanas, o cuidado especificamente com as mulheres é muito marcante. Ela fala que ao longo da sua vida e dos trabalhos que realizou, as mulheres eram quem mais sofriam e quem se responsabilizavam pelo cuidado das crianças. Ela fala de doação para os filhos e de como essa é uma característica de perseverança das mulheres.

Então, e aí, nesse trabalho, as mulheres é que tinham mais vermes. As mulheres, nos bairros aqui, é que choravam de ver o filho que não sarava e era verme. Então eu fui vendo assim, como a minha mãe, lá, depois fazendo a ligação, aquela mulher que faz xixi lá no canto, que vem pedir um negócio de comer e ela sempre mandando um pouco do que tinha. Pras mulheres “leva lá nessa casa, minha filha, vai lá levar”. Esse leite, esse ovo, sei lá, que dava no quintal, né. Eu, eu fiquei muito, assim, vendo. (...) Sempre era a mulher, está vendo? E quando eu comecei a estudar mais, aí participar, eu quando ia dar essas aulas pras mulheres, eu via elas preocupada

porque tinha só um pouquinho de arroz e eles ficava sem comer e dá tudo pros filhos. “Não precisa ficar sem comer”. “Não, eu prefiro ficar sem comer e dar para eles, eu aguento, eles não aguentam”. Então, a mulher, a mulher é uma coisa assim. (...) Mas cê pode ver, a mulher vai, vai até o fim com o filho, né. E agora quando você olha, assim, certos comportamentos da mulher que ela fica sozinha e o homem faz tudo errado e ela carrega as criança. (Neide, UPM)

Ao longo de sua vida, Neide presenciou muitas situações em que as mulheres tiveram que assumir a responsabilidade pelo sustento e criação dos filhos sozinhas. E também presenciou mães abrindo mão de alimentos para dar aos seus filhos. O papel do homem, nesses casos, aparece como omissor ou prejudicial à família. E dessa forma, ela percebe a importância de investir nas mulheres para que sejam mais fortes e que consigam continuar suas contribuições no mundo, principalmente quando se trata de mães.

O trabalho coletivo, o olhar para a história de cada um das relações humanas marcam as falas das duas mulheres e dão uma pista do que elas consideram como os ganhos dos empreendimentos. Os resultados, para elas, estão nas transformações na vida das pessoas que passaram por lá, ainda que essas transformações não garantam a sustentabilidade financeira tão necessária para essas pessoas.

4.3. Os resultados: transformações na vida das pessoas

É a partir do olhar para as relações humanas e para os indivíduos e suas trajetórias de vida que as duas lideranças dos empreendimentos posicionam o que elas consideram como sendo os resultados dos longos anos de trabalho.

Sulália tem consciência de que o trabalho gera resultados que por vezes podem parecer pequenos, mas que fazem a diferença para quem vive esses resultados.

O valor que isso tem principalmente para mim e para sociedade. Aquela gotinha no oceano. Eu acho que a gente conseguiu colocar aquela gotinha no oceano. Quando você vê o oceano, você fala, não vai fazer diferença, mas faz sim, tem uma gotinha a mais ali. (Sulália, ACL).

Essa metáfora da “gota no oceano” demonstra a importância que cada pessoa possui no empreendimento. E faz com que seja possível ver resultados mesmo num cenário com tantas dificuldades para a transformação do contexto.

Para ela, a diferença do empreendimento está no acolhimento e no olhar para as pessoas que chegam, principalmente para aquelas que vem do CAPS-AD, que em outros locais não teriam oportunidade para trabalhar.

E: E como se dá essa diferença que o Ângela de Cara Limpa na comunidade?

S: Para mim uma das principais diferenças é o acolhimento. É o olhar. É o olhar diferente para as pessoas. É poder ouvir as pessoas diferentes. Ouvido diferente com olhar diferente. Livre de tudo quanto é preconceito. Porque aqui, as pessoas que chegam até aqui, são as pessoas que realmente estão necessitadas, são pessoas que precisam. São pessoas que vem do CAPS-AD, faz tratamento de álcool e outras drogas. São pais e mães de família, ou jovens, adolescentes, que por causa da própria sociedade caiu no mundo do álcool e das drogas. Que é o que a sociedade oferece para gente. Né? Então assim, são pessoas maravilhosas que precisam de oportunidade. E a gente sabe que no mercado está difícil. está difícil para todos. para eles então é quase que impossível. Então não assim, dizer: vem que aqui tem um trabalho. Não, vem, que aqui vamos construir juntos. Então eu acho que a diferença está aí. Fazer com que as pessoas realmente consigam se valorizar. Consigam olhar para si de uma forma diferente e falar, “nossa, eu sou ser humano, eu tenho meu espaço, eu tenho meu lugar no mundo. Eu sou importante”. Porque todo mundo é importante. (Sulália, ACL)

Para ela, a diferença está em permitir que as pessoas consigam se valorizar, sentirem-se importantes e sentirem que possuem um lugar no mundo. É dar alternativas e oportunidades diferentes às que são oferecidas pela sociedade.

Em outro momento da entrevista, Sulália fala da necessidade de oportunidades e do papel do Estado. Para ela, se o Estado proporcionasse bases para que as pessoas tenham trabalho, elas conseguiriam trabalhar e garantir seu sustento sem necessidade de subsídios.

Porque o que mais a gente descobre é isso: todo mundo só quer ter uma oportunidade na vida. Dele mesmo poder levar o pão de cada dia para casa. Deu mesma poder alimentar o meu filho. Eu não preciso nada do Estado. Se o Estado ele puder proporcionar que eu mesma consiga trabalhar com meu próprio esforço, não preciso. (Sulália, ACL)

Ela fala de uma necessidade de que o Estado ofereça condições para que as pessoas possam ter renda para alimentar-se e garantir seu sustento mínimo. Não se trata de uma demanda por assistencialismo, mas sim, por oportunidades de fazer e realizar com seu próprio esforço.

Complementar a isso, Neide em sua fala reforça muito a importância do compromisso para que as transformações ocorram. Para ela o resultado do empreendimento são as transformações na vida das pessoas. E isso só é possível com compromisso.

Então esse negócio do compromisso, né, aqui, por exemplo, essa entidade enraizada, eu vou te contar uma coisa que eu fico surpresa, desde o início dessa entidade a gente só vê transformação. Que nem, a gente era um barracão e aí foi indo... Nesses mais de trinta e um anos eu vejo uma transformação pequenininha, outras muito difíceis, que dão um safanão, na gente, né... Aquela Casa da Passagem... então por isso, né, que a palavra, essa palavra que a gente se compromete com aquilo... Mas a gente também tem que segurar. A equipe e a diretoria, ó, não dá para passar daqui, vamo segurar aqui que se não a gente vai dar o passo maior que a perna. (Neide, UPM)

Na fala da Neide aparece a transformação das pessoas que passam pela UPM e também a preocupação com a manutenção das atividades do empreendimento e o sentido de responsabilidade para que as atividades permaneçam, mesmo com todas as dificuldades que surgem ao longo da rotina.

O olhar, tanto de Sulália quanto de Neide, para as transformações na vida das pessoas amplia a visão sobre os resultados dos empreendimentos. É claro que as dificuldades financeiras e a geração de renda são temas urgentes e complexos de serem resolvidos. Por isso, elas falam também de compromisso e de apoio do Estado para que as transformações aconteçam. E perceber que as transformações individuais permitem

que as pessoas tenham mais condições de reivindicar por seus direitos e aproveitar as oportunidades que surjam a partir daí, é um passo importante para os processos de transformação social e de liderança comunitária.

4.4. Compromisso com o empreendimento e com a comunidade

O compromisso com o empreendimento e com a comunidade é presente na fala das duas mulheres. As demais entrevistadas demonstram também uma preocupação com as pessoas que estão nos empreendimentos, mas não tanto no sentido da responsabilidade que existe na manutenção das atividades.

Essa preocupação aparece em diversos pontos da fala da Sulália. Em uma fase em que o empreendimento estava praticamente encerrando as atividades, foi esse olhar de compromisso com a continuidade que permitiu a retomada das atividades por meio de um projeto.

Aí ele falou para mim eu falei para ele, ah, mas eu queria escrever um projeto para Fehidro, mas não consegui dados. Aí eu disse, não, se você quer escrever para Fehidro dá para gente escrever né? No edital. Porque já estava vencendo o prazo. Mas ele falou assim: não, mas o pessoal não tem documento nenhum do Ângela. Falei: não..., mas assim... infelizmente quando eu voltei não sei porque não tinha documento, os documentos sumiram todos, todo o processo histórico sumiu. Eu falei, mas eu tenho na cabeça. Preciso de um dia para poder escrever isso, escrevo, escrevo. Vou escrevendo tudo como está na minha cabeça. Depois você vai alinhando as coisas. Foi o que aconteceu. Nós conseguimos escrever para Fehidro, porque o projeto que, o primeiro projeto era da Fehidro. Então depois de tantos anos eles verem que ainda existe o projeto, a possibilidade é ainda maior. Foi aí que a gente conseguiu uma verba. (Sulália, ACL)

Aqui aparece também a necessidade de concorrer a editais e de juntar as documentações e informações necessárias para aprovação. Ainda que exista a vontade de ser autossustentável financeiramente, uma série de questões dificultam essa conquista. A postura de Sulália de buscar esses editais e passar pelo difícil processo de submissão e aprovação, dá certo fôlego para continuar essa busca pela autossustentabilidade.

A preocupação com a comunidade e com a continuidade das atividades também aparece quando Sulália fala da parceria com o CAPS-AD. Ela já tinha trabalhado no CAPS-AD e viu uma oportunidade de fazer um trabalho complementar entre as duas organizações.

Então eu pensei só se a gente fizesse uma parceria com o CAPS-AD. Porque eu trabalhei no CAPS-AD. Na verdade, assim, eu ajudei a formar o CAPS-AD. Então eu sabia das necessidades que eles tinham, das pessoas que estavam ali. Pessoas maravilhosas, que precisavam de uma oportunidade. A oportunidade que eles estavam precisando lá era também a oportunidade que nós estávamos precisando aqui. E eu pensei, porque não juntar e colocar na grade de atividades? Foi quando chamei o Sérgio e o Luis que eram coordenadores do CAPS nessa época e nós fizemos uma parceria. E foi uma parceria que deu muito certo naquela época. Então ele colocou dentro da grade de atividades, porque existia uma moradia assistida, onde os pacientes que estavam mais debilitados ou precisavam de maior cuidado, eles eram tirados do convívio com a sociedade durante no mínimo 30 dias e colocados nessa casa para ficar com mais atenção. Então em vez deles ficarem lá sem fazer nada, vamos se dizer assim, eles vinham para cá. Trabalhavam na parte da agricultura urbana, cultivando. Lógico, tinha uma pessoa responsável da área da saúde, porque eles tinham toda a medicação, então o período não podia ser um período muito grande, no máximo duas horas de atividades. E que foi legal. E daí que surgiu essa outra parceria. Quando eles já tavam bem melhores e que tinham condições, eles eram indicados. “Então vocês vão lá no Ângela de Cara Limpa e vê se dá para vocês ficarem lá”. E a gente vinha com essa proposta: “olha, infelizmente é isso. Não tem salário, não tem nada, então vamos juntos buscar isso”? Então eles também precisavam disso. Porque muitos chegavam com esse discurso: eu preciso ocupar, preciso ocupar o meu tempo. (Sulália, ACL)

As parcerias entre instituições como o CAPS-AD e empreendimentos econômico solidários tenham feito parte de um movimento de união de duas políticas públicas (saúde e trabalho), a partir do ano 2004¹⁷. Esse trecho demonstra a escolha por colocar o

¹⁷ No primeiro ano do Governo Lula, em 2001, ocorreu o processo da reforma psiquiátrica das políticas públicas em nível nacional com o advento da Lei 10.216 em 2001. Esse movimento é muito semelhante ao ocorrido na Economia Solidária, com a constituição da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). O encontro formal em 2004 dessas duas políticas públicas (saúde e trabalho), é fruto de processos compartilhados, onde a mobilização social e a aliança com os diversos movimentos sociais e sindicais é sua característica fundamental (Cartilha Economia Solidária Social, 2017)

empreendimento a serviço da comunidade aproveitando a relação existente com o CAPS-AD, ainda que isso implicasse em não priorizar o foco em geração de renda, já que muitas pessoas iam até o Ângela de Cara Limpa porque precisavam “ocupar o tempo”.

Esse olhar para o outro e para os problemas da comunidade vai para além do empreendimento. Aparece uma preocupação com o contexto do país, da educação e da comunidade do entorno. Aparece também a necessidade de ter uma motivação para continuar e não desistir.

Então no momento em que estamos hoje. Brasil inteiro está nesse momento. Eu tô sofrendo muito, por conta que tudo o que vem acontecendo mas principalmente por conta dessa categoria que está passando o que está passando que é a categoria de professores e educadores nossos. Então isso é muito difícil para gente aceitar. Se fosse outro, não que a gente deva aceitar, mas quando é outra categoria, você ainda fala, tenta arrumar desculpa. Mas a categoria de educadores e professores, que o que eles têm foi conquistado por eles. Eles passaram a vida inteira dentro da nossa educação que a gente sabe que não é fácil. Buscando se aperfeiçoar, buscando sabe? Ter o conhecimento, né? Trabalharam muito para pagar isso o que eles têm hoje. E hoje serem chamados de vagabundos? É um absurdo né? (Sulália, ACL)

A entrevista ocorreu em um período em que professores das escolas municipais de São Paulo entraram em greve contra a reforma da previdência (que implicava em aumento da contribuição previdenciária por parte dos servidores, dentre outras alterações). Foi um período de muitas manifestações sociais contra e a favor da greve, incluindo comentários que pesavam contra a categoria dos professores e educadores, como cita Sulália ao longo da sua fala. Ela demonstra empatia também pelos professores e educadores, sinalizando a importância que dá para as conquistas sociais e para a educação.

Então eu tento de alguma forma trazer isso para minha vida, eu tento de alguma forma tentar passar. E aí a gente planta. Agora se essa semente vai surtir efeito, a gente não sabe. Mas eu acredito que muitas estão é surtindo efeito. Então eu acredito que é nesse sentido, num outro plano. Porque por mais difícil que seja, se a gente desistir é pior ainda. Muitos desistem, muitos desistiram, sabe? Aí eu vi em que pé deu. Onde estão essas pessoas? E muitas já nem estão mais aqui conosco. Que já passaram por aqui, mas que desistiram e que foram cedo demais embora. Então é só motivação

mesmo, é palavra. Mas é porque acredito. O que eu falo é o que eu trago para minha vida. Porque se não, eu desistiria. Eu tenho que falar aquilo o que eu acredito, porque é para mim também né? Para eu trabalhar isso. (Sulália, ACL)

Ela fala do seu trabalho como sendo o trabalho de plantar uma semente. Que implica na possibilidade de gerar frutos, mas também na incerteza se esses frutos vão ser mesmo gerados. E mesmo nessa incerteza, diz que é preciso se motivar e continuar. Para isso, olha para si e entende que precisa trabalhar em si as coisas que ela acredita.

Neide também olha para sua história e para o contexto da sua comunidade. Com o foco no trabalho com a mulher, fala das dificuldades sofridas pelas mulheres e de como é importante ter um trabalho que traga para elas uma outra perspectiva.

E como toda mulher, que a mulher ela é muito vulnerável porque foi muito desvalorizada e ainda é. Ela quando queria tomar uma decisão, voltava para trás. Que ainda é a situação de muitas mulheres de insegurança. E ela sofreu muito com isso. Porque ela era uma mulher cheia de carinho, amava crianças. E todo mundo vinha atrás dela, para orientar, para tudo. Ao ponto que minha mãe passou assim a ser uma mestra ali. (Neide, UPM)

Esse olhar surge no olhar que ela tem para a mãe, que ela considera um exemplo da vulnerabilidade e de como vivem as mulheres.

Além da temática sobre os direitos da mulher, Neide fala sobre o compromisso e sua importância no trabalho comunitário. Na primeira entrevista ela fala do encontro com o marido e de como se deu a ligação com ele: ao ver o compromisso e o carinho para com o irmão dela, e também com a comunidade.

Ajudou muito. Deu muito apoio. Para outros também né? Então a gente teve uma ligação nesse momento né? De ver o carinho e o compromisso. Isso é mais compromisso do que qualquer outra coisa né? (Neide, UPM)

Ao retomar essa fala, peço para ela falar mais um pouco sobre o compromisso no trabalho comunitário. Para ela o compromisso traz outras pessoas para darem

continuidade para os trabalhos. Mas compromisso também depende de ter um olhar e um preparo, é um estágio avançado do trabalho em grupo.

E: E aí que eu queria entender. para você assim, qual a importância do compromisso no trabalho comunitário? Porque, claro, as pessoas vão ajudando umas às outras, mas você falou que compromisso é uma palavra muito importante... Por quê?

N: Porque eu acho que quando você assume, você dá uma satisfação praquilo lá, você arrasta outras pessoas para entender aquilo. Se você não tiver isso o trabalho cai no vazio. Eu posso te dizer assim, por exemplo, quando aquela moça que está ali distribuindo o leite (...), ela veio muitos anos buscar leite para filha dela que hoje tem dez anos. Na época ela era bebê e ela veio muito destruída. Essa que faz os pães aqui... Veio aqui tampando a boca porque não tinha nenhum dente. E a gente descobriu porque ela não conseguia falar. Descobriu. E ela fazia assim, com um lenço cobrindo a boca, que ela tapava. E tinha esse sorriso nos olhos, se você olhar ela sorri com os olhos. Delícia, sorrir com os olhos, assim, sorri, inteira, né. (...). Mas não é todas as pessoas que já tão nesse preparo de perceber as outras pessoas. (...) De sentir as pessoas, isso já é um estágio de... Mais avançado de trabalhar em mim, de compromisso com o coletivo, assim, de ajudar, perceber o que que está acontecendo num grupo. Já é um nome que eu não tô conseguindo falar... (Risos).

E: Rs. É empatia, né.

N: Empatia. E ao mesmo tempo você começa a perceber quanto sofrimento tem aí, sabe? (Neide, UPM)

Neide associa a palavra compromisso ao conceito de perceber o outro e o grupo. Para ela, entender o contexto e o sofrimento existente em cada situação, fazem com que o trabalho possa ter um sentido e transformar a vida das pessoas. Para conseguir essa sensibilidade de perceber o que está acontecendo em um grupo, é preciso tempo e experiência.

Ao falar do futuro da UPM, Neide, assim como Sulália, traz a questão do contexto para problematizar as dificuldades da entidade. Para ela, o trabalho social está intrinsecamente ligado ao tipo de governo no qual está inserido. Ela comenta sobre mudanças de posicionamento e direcionamento ocorridas no governo estadual e municipal que afetaram negativamente a instituição.

E: Como você acha que vai ser, o que você acha que vai acontecer daqui para frente, com a UPM? Qual é o futuro da UPM?

N: Eu acho que é difícil. Muito difícil. Porque a gente depende do que acontece no país. Isso é muito profundo, o que eu tô falando.

Porque os trabalhos sociais dependem muito dos tipos de governo. E nós temos um governo muito individualista, muito voltado para ficar rico, quem governa tem que ter um compromisso de doação. Porque governar não é ser empresário, ser dono de empresa, governar é outra coisa, é governar um país. E eu acho que esse governo que está aí, se o povo não votar, se nós não ajudar o povo ver de botar aí alguém que tem compromisso... porque o Brasil é uma terra muito boa, muito boa. Tem muita coisa boa, a nossa juventude tem muita coisa boa. Tem muito gente boa, mas a gente precisava se unir mais. Eu acho que aqui, pode dar a volta por cima, ainda acho. Mas precisa de muita união nossa e ter pessoas assim, com outro olhar. O olhar de ver que tão vindo as crianças aí, tão vindo os jovens e tem que... mas está tudo no contexto. (Neide, UPM)

Para ela, o futuro é difícil, o contexto político não contribui para que as dificuldades diminuam. Utilizando o mesmo termo para a política, para ela falta “compromisso”. Para ela, a melhoria pode acontecer com união e espaço para os jovens.

Quando perguntadas sobre os sonhos, as lideranças falam dos sonhos para os empreendimentos. Neide fala do sonho de ganhar dinheiro para melhorar a situação financeira da entidade. Fala também de ter mais musicalidade.

Oh, mas que coisa linda. Eu ainda sonho. Eu sonho que a gente devia ter um pouco mais de recurso e aí meu marido fala, o Abel, vamos ganhar na loteria? Tudo o que a gente ganhar, compra a casa para não pagar aluguel. Então eu sonho com isso na parte material aqui de melhorar. Mas eu queria que aqui tivesse um coral de mulheres, que tivesse criança batendo instrumento musical. Queria achar uma professora de música para me ensinar a cantar. Eu queria muita música aqui. Está faltando. Está faltando isso. Nossa, um coral aqui dentro. As crianças. O pessoal batendo tambor. Ah como é gostoso. (Neide, UPM)

O aluguel é a principal preocupação financeira para Neide. Trata-se de um valor alto que todo mês precisam se desdobrar para pagar. É também o primeiro item que ela eliminaria se tivesse dinheiro. Interessante que ela compraria a casa se tivesse dinheiro, resolvendo a questão do aluguel definitivamente. Ela também fala de uma realização com a presença de crianças e de música no espaço.

Sobre os sonhos, Sulália também fala do empreendimento, que ele dê certo com um faturamento que garanta ampliar as atividades e divulgar o espaço.

Meus sonhos são tão simples. É que esse empreendimento realmente emplaque, que a gente siga esse empreendimento. Que eles tenham um rendimento de no mínimo 10 mil reais. Porque aí a gente sabe que, olha, a gente pode colocar nos 5 empreendimentos, que a gente montou aqui para ter 10 empreendimentos. Só que a gente não consegue fazer, tem que conseguir fortalecer os que já existem. Então se a gente tiver os 5 empreendimentos, cada um tendo uma renda de R\$ 10 mil, 15% de R\$ 50 mil é algo completamente diferente. Então eu acho que a gente consegue dar visibilidade pro empreendimento, buscar novos caminhos, novos parceiros, sabe? Respirar. As pessoas vão estar tirando seu salário, bonitinho né? Adequadamente. Não precisa ser muito mas também não tão pouco. Que vai dar pras pessoas realmente viverem, entendeu? Caminhar. Então meu sonho é isso. É que o Ângela de Cara Limpa dê certo. Para que as pessoas consigam viver bem nos empreendimentos. Para que a gente consiga trazer mais 5 empreendimentos. Porque só com a ajuda dos cinco empreendimentos é que a gente vai conseguir fortalecer e também trabalhar com os outro 5. Acho que é um ganho para a sociedade, para a região. A gente está trabalhando o mercado da região, as pessoas são da região, então acho que isso é importante, então meu sonho é isso. (Sulália, ACL)

Com uma visão de planejamento, ela diz quanto precisariam faturar para que o empreendimento seja sustentável financeiramente e que as pessoas consigam tirar dali seu sustento. Ela fala de um empreendimento que siga crescendo como empreendimento que contribui para a região e para as pessoas que fazem parte dele.

Esses sonhos fazem todo sentido para qualquer liderança que está envolvida com o empreendimento e que recebe uma pesquisadora para conceder uma entrevista. Ainda que seja uma entrevista sobre a história de vida, essas lideranças representam o empreendimento e se posicionam de forma que consigam impulsionar suas atividades e seus resultados.

4.5. Rotina e (a falta de) equilíbrio

Considerando o olhar para o compromisso e os resultados, as motivações nas relações humanas e as transformações como os verdadeiros resultados, fica nítida a sobrecarga e o excesso de trabalho na rotina dessas mulheres. Elas falam da dificuldade de dividir o trabalho com outras pessoas e, embora a questão da sucessão não apareça como uma preocupação nas narrativas, ambas falam que uma hora precisarão sair e não saberão como fazer.

Ao falar do seu dia-a-dia, Sulália explica que a rotina que tem hoje a impede de focar no que ela acha relevante para o empreendimento, que seria abrir portas, divulgar e captar recursos para o empreendimento.

Então, minha rotina aqui todo dia... É, então, na verdade não era para ser do jeito que é. Eu tenho que, eu tinha que focar. Que eu tenho que fazer, eu tenho que captar recursos. Eu tenho que abrir portas, eu tenho que abrir oportunidades para os empreendimentos. Eu tenho que focar nisso. Eu tenho que fazer projetos, eu tenho que escrever projetos. Eu tenho que ir nos locais, empresas ou institutos, organizações que eu sei que precisam da minha presença lá, que precisam que eu fale dos empreendimentos, dos projetos, para poder trazer recurso para dentro. Mas acaba, minha rotina aqui acaba virando completamente de ponta-cabeça. Então todo dia que eu chego aqui tem algo diferente. Porque toda hora eu tenho que ficar apagando incêndio. Então isso é complicado. Mas porque quem é a equipe? Sou eu. (Sulália, ACL)

Apagar incêndio é, para ela, ter que fazer uma série de atividades não previstas que são relevantes e não podem ser deixadas para depois. Essas atividades fazem parte do dia-a-dia de qualquer empreendimento, mas muitas vezes poderiam ser realizadas por outras pessoas além da liderança. E nesse apagar de incêndio ela deixa de realizar atividades que poderiam trazer mais recursos ou aumentar a visibilidade do Ângela de Cara Limpa.

Quando perguntada sobre como se sente em relação a essa rotina, ela fala da solidão e da sobrecarga por não conseguir dividir o trabalho com as demais pessoas da organização.

Ah, isso é horrível porque eu me sinto muito só e parece que você tem que fazer tudo, você tem que dar conta de tudo. E assim, quem são as pessoas, o meu recurso? São as pessoas do empreendimento aqui né? Que já estão sobrecarregadas e às vezes ficam mais sobrecarregadas ainda porque eu preciso da ajuda e contribuição deles. Porque é para ontem quando as coisas chegam. As oportunidades chegam, chegam oportunidades. Mas assim, é imediata. Então você tem que fazer. Do jeito, mesmo que não seja 100% adequado, mas você tem que fazer. Porque você não vai deixar essa oportunidade passar. Então aí você já... Tudo o que você ia fazer no outro dia, esquece. Ou você trabalha de madrugada, ou você faz aquilo, um pouquinho que a gente sempre faz. para poder manter sua agenda no outro dia. Né? Ou então você esquece, se enrola no meio do caminho, desmarca uma coisa, desmarca outra, para poder tentar outro... Então é difícil. E aqui é tudo. Às vezes do gás que você pediu e que não chega, porque a gente depende de outras pessoas que pagam o gás. Até a coisa mais... um projeto que você tem que mandar. Uma pequena coisa ao maior. É tudo. (Sulália, ACL)

Ela fala de como se sente só e de como é difícil sentir-se responsável sozinha pelo empreendimento todo. A sobrecarga está na sensação de precisar dar conta de tudo e de não perceber que existe espaço para pedir ajuda às outras pessoas do empreendimento, que também estão sobrecarregadas.

Dadas as dificuldades, Sulália por vezes pensa na opção entre ficar ou sair. Ela sabe que precisa pensar no que quer para si, mas também relata a preocupação com as pessoas que estão no empreendimento.

Então, antes era mais *light*, mas hoje aos 46 anos, pronta para fazer 47 anos em abril, eu já tenho outras prioridades. A gente vai cansando. E eu acho que eu tenho que olhar mais. Né? Para minha vida, pro meu trabalho, para minha família. E eu acho que tô nesse momento mesmo. No momento de parar, pensar no que eu realmente quero para minha vida. Não dá para ser só sonhadora. Não condiz mais, com o momento que eu tô passando e com o que eu tô fazendo. Então aí eu fico pensando em muitas coisas, fico pensando em todo mundo que está aqui. Mas assim, vai ter que ter um momento em que eu vou ter que fazer uma opção, e eu, felizmente ou infelizmente, eu sei que essa opção vai ter que ser por mim e pela minha família. Então isso eu já não tenho mais dúvida. Isso vai acontecer, vamos ver. Então 2018 agora tem que ser o ano. (Sulália, ACL)

Em seu momento de vida, ela não vê mais espaço para apostar e priorizar o trabalho em detrimento de si mesma e da sua família. Preocupada também com as pessoas que dependem do empreendimento, ela tem esperança que mudanças aconteçam no futuro próximo e mudem a difícil situação atual.

Neide também fala do excesso de atividades. Ela divide as atividades com outras mulheres da diretoria da UPM, mas o nível de dedicação não é o mesmo entre todas elas, já que nem todas são tão atuantes.

N: Somos várias mulheres na diretoria, mas nem todas atuantes assim. Mas é porque não tem tempo né? Não é todas que podem né? Eu tô aposentada e meus filhos todos cada um já na sua vida né? Então eu posso me dedicar um pouco mais. Tenho muito serviço. Muito. Hoje já fiz duas reuniões e ainda tenho outra agora. Porque? Para resolver as questões né? E um monte de demanda todo dia.

E: Quais são as principais dificuldades?

N: Financeiras. Porque nós temos 6 casas e 6 de aluguel. Essa aqui de aluguel, que não tem verba específica. Então a gente colhe, a gente faz bazar da pechincha. Esse mês vai ter um almoço no final. Almoço que a gente faz por cima de coisas doadas. E por exemplo, a gente ganhou no Natal uma boa quantidade de feijão e arroz. Nós estamos usando e nesse mês acabou tudo, porque esses meninos que vem aqui para horta, eles vêm com fome. Então nós damos comida. (Neide, UPM)

Neide fala da sobrecarga e também da dificuldade de dividir o trabalho com outras mulheres da diretoria. São muitas demandas. As principais vêm das dificuldades financeiras, pela necessidade de pagar aluguel, bem como de alimentos para participantes dos núcleos da UPM.

Ao falar da rotina do empreendimento, Neide fala da divisão de trabalho com as outras membras da diretoria e de como estão desgastadas considerando todos os anos de atividade na entidade. Ao falar dessas questões ela vai narrando algumas das atividades que as demais membras da diretoria realizam.

N: E nós estamos hoje num momento difícilimo. Que estamos bem desgastadas, assim.

E: Quantas são as mulheres da diretoria mais ativas?

N: Ó, poucas, viu. Nós somos em quatorze. As mais ativas somos cinco, seis. E assim mesmo elas não podem ficar ativa em tudo. Nós temos uma tesoureira que é uma coisa. Só que ela é deficiente. Tem cinco filhos que ela teve que assumir porque o marido se foi com outra e ele voltou ainda a explorar ela. E tem uma mais velha, é, surda-muda, que cola nela. Então ela trabalha de dia, de noite não dorme, porque a menina dorme o dia inteiro, fica sozinha e de noite não deixa ela sossegar um minuto de tanto que é apegada na mãe. Eu digo, aquela mulher é uma coisa, aquela história. Aí, se cada uma dessas coisas dava um filme, viu. Aquela, essa mulher, ela, hoje eles tão todos já alguns adolescentes, ela trabalha muito, e o sonho dela era ser fonoaudióloga. Começou pedagogia, interrompeu por causa dessa vida. Aí ganhou bolsa, interrompeu. Ela é fruto nosso, também. Aí ela deixou, sonha ainda terminar essa faculdade. Todo dia. Só que ela, professora de libras, nós tínhamos dois grupos, que ela era professora. Alfabetizava adultos. Tudo jovem, tudo juventude. Tiveram que parar. Porque ela conseguiu um trabalho de bancária. Que ganhava melhor, no Banco Santander, e lá ela tinha o caixa, porque para ganhar mais, para ajudar os filhos... uma outra vida, porque eles moravam pessimamente, né. Ela não se conformava e a gente sempre se apoiou muito, né. Hoje ela é uma baita líder da classe, foi eleita pro sindicato e depois, pro Febraban¹⁸, representando, esse povo do banco.

E: Uau, que legal.

N: Essa mulher acumula... foi aqui que ela nasceu. E canta e toca violão.

E: Ai, que lindo!

N: E é linda! Tem um olho azulzinho que é um negócio, uma vizinha... Você está com ela, você percebe. Sofre muito. Essas são as mulheres da diretoria. (Neide, UPM)

Cada história de cada mulher da diretoria ‘daria um filme’. E os desgastes vêm por dificuldades na vida familiar e por ter que abrir mão de trabalhar em favor sonhos por empregos que pagam melhor. O trabalho delas é árduo e, ao mesmo tempo que aparecem muitas conquistas ao longo dos anos, aparece sofrimento pelas dificuldades que permanecem.

Ao longo da narrativa, Neide comenta que também teve dificuldade em conciliar o trabalho com a família. Hoje ela comenta que os filhos ajudam e entendem o trabalho que ela faz, mas nem sempre foi assim, já que ela teve que diminuir a dedicação que daria a eles para tocar as atividades da UPM.

¹⁸ FEBRABAN: Federação Brasileira de Bancos

Por isso fico feliz, tenho carro, tenho meus filhos que me ajudam. Eles me veem na pior né? Demorou para eles compreenderem meu trabalho. Porque meu trabalho aqui fez com que eu diminuísse algumas coisas com eles né? Então não me dei tudo para eles né? Eu trazia eles junto. Então teve um filho que ficou meio assim. Tudo é Casa, tudo é Casa. Eu falei, é você vai ver. Vem ver. (Neide, UPM)

Ao ser confrontada pelo filho por dedicar muito tempo à Casa da Mulher, ela decidiu aproximá-lo da iniciativa para que ele soubesse mais sobre o trabalho que ela faz.

Sulália passou por uma situação similar quando estava voltando às atividades no Ângela de Cara Limpa e já tinha tido um filho. Para ela, o que afetou no retorno às atividades foi a questão financeira, que não era garantida, dependia de como o empreendimento ia se sair ao longo do processo.

Eu falei, nossa, agora ficou difícil porque eu já era mãe, meu projeto particular de vida que era ser mãe. Eu falei, quando você é solteira você mora com seus pais, é um pouco diferente. Você tem a responsabilidade de contribuir, mas se você não leva a contribuição você não vai deixar de ter a comida no seu prato, você não vai deixar de ter sua roupa lavada, sua caminha e um teto na sua cabeça. Agora quando você casa que você tem família, a responsabilidade é muito maior. Você tem pessoas que dependem de você. Mas mesmo assim eu aceitei o compromisso, cheguei aqui. (Sulália, ACL)

Ela ficou na dúvida entre aceitar ou não a proposta de voltar, pois agora tinha outras responsabilidades, tinha dado início ao seu projeto particular de vida que era ser mãe.

Em determinado momento da sua narrativa, quando fala das críticas ou dos olhares que recebeu pelo fato de trabalhar com “lixo”, Sulália fala de uma força de olhar para sua origem e para quem ela é, para perceber suas conquistas.

Falando é, trabalhou nisso, fez aquilo, trabalhou na Câmara, e hoje está trabalhando no lixo. Então eu tive que fazer um trabalho comigo mesma. Independente do que o outro falasse, quem eu sou,

daonde eu vim e o que eu queria com isso. Então eu falei, nossa, eu to fazendo coisas que essas pessoas nunca vão fazer, elas nunca vão entender a importância disso. Então isso foi para mim, um momento assim, né? Do recomeço mesmo. Você falar, quem eu sou, eu Sulália. Nasci na Bahia, sabe? Mulher, guerreira, negra, da região do Jardim Ângela. Eu não vou me importar com essas coisas. O que importa é aquilo o que eu sinto, eu sei o que eu estou fazendo. Eu tô contribuindo. Então isso me deu uma força grande. Porque acho que tudo na vida temos que voltar para dentro da gente mesmo e fazer uma análise né? Porque se não a gente não consegue trabalhar. Então acho que foi isso o que aconteceu né? Me deu ânimo, me deu força, mas principalmente quando consegui colocar na cabeça o tipo de trabalho que eu faço. (Sulália, ACL)

Fica claro nessa fala como foi importante olhar para sua história e perceber a força que tem e a importância do trabalho que faz para lidar com o preconceito. Perceber que ela já tinha trabalhado em um órgão público, onde teve um status maior do que no empreendimento, inicialmente a deixa com uma percepção de declínio profissional. Por outro lado, perceber os benefícios e objetivos do trabalho atual, dá um significado de outra dimensão, mais humana, para ela.

A rotina e a falta de equilíbrio entre vida pessoal e profissional são pontos de tensão para elas. Trata-se de um problema que atinge muitas pessoas em posição de liderança de diferentes contextos, pois elas costumam ser convidadas a assumir múltiplas funções. Olhando para sua história pessoal e para as histórias das pessoas que as cercam, elas encontram forças e motivação para seguir em frente e dar continuidade às iniciativas.

4.6. Inspiração

As duas mulheres falam das pessoas que as inspiram. Elas se inspiram naqueles que, assim como elas, fazem a diferença na comunidade. Sulália comenta sobre as pessoas que conheceu e que a inspiraram a trabalhar com projetos na comunidade.

E foi aí onde eu conheci um pouco uma liderança muito forte, que era o padre Jaime e o padre Eduardo e outras pessoas na época. Dona Marli advogada, a Mara na área da educação. E muitos outros, mas que fez com que eu quisesse trabalhar com projetos, e

trabalhar na comunidade. E a partir de então eu me dediquei a trabalhar realmente na região. Ajudei a construir o, hoje é CAPS-AD, mas antigamente era chamado CAD. Participei das entrevistas dos movimentos que fazia tratamento de álcool e outras drogas, né? Que hoje tá aí na cidade, como um todo né? É política pública. (Sulália, ACL)

A inspiração aparece tanto nas pessoas com quem convivi como naqueles projetos em sua vida que tiveram sucesso e que provocam transformações. Ter participado da construção do CAPS-AD é uma conquista.

Ainda que no empreendimento sintam-se solitárias em alguns momentos, a rede de outras pessoas que fazem trabalhos consistentes a comunidade parece ser um dos pontos chave para que elas consigam continuar.

Eu fui muito motivada na minha vida. Eu encontrei muitas pessoas, igual eu comentei, o padre Jaime, Marli, Tamara. Pessoas que me motivaram muito. Então a motivação que eu tive lá eu consigo reproduzir e passar para eles. Porque por mais difícil que seja a gente não pode desistir. Desistir significa acabar com tudo. Então a gente sempre temos que ir em frente. (Sulália, ACL)

A motivação aqui aparece como proveniente de outras pessoas. Sulália diz que foi motivada por pessoas e que graças a essa motivação recebida ela consegue motivar as pessoas do empreendimento.

Neide, quando fala de inspiração, lembra dos membros da sua família que já realizavam projetos na comunidade e também daquelas pessoas que, junto com ela, realizam os projetos de transformação no empreendimento.

E: E quem são as pessoas que te inspiram?

N: Hoje?

E: Pode ser na vida também

N: Na vida minha mãe, meu pai. E eu me inspiro nessas pessoas que estão pensando em tirar essas mulheres da violência. Essas mulheres são meu apoio que aqui mesmo a Rose, eu.. eu... As qualidades dela sabe? O que ela representa, o amor. É capaz de noite e dia ir socorrer as mulheres. Vai buscar às vezes na rodoviária uma mulher em extremo perigo, ela vai buscar. Enfrenta

cada coisa. Eu me inspiro nas mulheres que hoje estão se doando. E eu acho assim, pro mundo, esse papa muito lindo. Bate com várias coisas que eu sonho. Tem várias coisas sabe que me inspiram! Eu amo muito. (Neide, UPM)

Ela se inspira no amor e nas pessoas que possuem visões de mundo parecidas com as suas. Ela cita pessoas que também querem lutar contra a violência contra a mulher e pessoas que se doam pelas causas, assim como ela faz.

A inspiração aparece para elas como um tema essencial para que continuem por anos nesse trabalho difícil de transformação social. É natural que se inspirem em seus iguais e que olhem para essas pessoas em momentos de dificuldades e desânimo. Olham também para essas pessoas para ver resultados e para relembrar resultados de suas trajetórias.

SEGUNDA PARTE – Reflexões sobre o contexto da pesquisa

Capítulo 5 - As mulheres da pesquisa

Elas não foram selecionadas, foram indicadas e convidadas a participar da pesquisa. Aceitaram e falaram das suas vidas, das suas histórias. Cada uma delas possui características e histórias muito específicas. Elas falaram de questões pessoais, sonhos e de percepções que julgaram ser relevantes falar para uma pesquisadora que estava lá para ouvir suas histórias. Obviamente nem tudo foi falado. Mas ao longo das entrevistas e do convívio com elas, alguns aspectos sobre sua identidade e suas questões ficaram marcados.

5.1. Identidade

São cinco mulheres que passaram (ou passam) por dificuldades financeiras. Elas narram em suas trajetórias dificuldades atribuídas às obrigações da mulher, como cuidar da casa e dos filhos. Uma delas não tem filhos e diz que por isso “teoricamente não teria problemas”. Uma delas é negra e faz questão de dizer que tem orgulho de ser negra.

O tema da desigualdade racial e de orientação sexual não aparece muito nas falas. Aparecem em momentos em que as participantes relatam alguma situação específica que vivenciaram e na qual dizem que não concordam com discriminação de raça ou de opção sexual, principalmente quando se trata de ser negra (outras raças são menos abordadas) ou de ser homossexual.

Seja nas entrevistas, seja na rotina semanal com as participantes ou ainda em falas pontuais, são marcantes as necessidades de dar luz à identidade dessas mulheres. Falar da identidade é entender essa identidade como metamorfose, ou seja, o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas (CIAMPA, 1998). É certo que se as mesmas mulheres participarem de um processo similar a esse atualmente, outros aspectos de seus cotidianos, histórias e percepções serão abordados. Elas já são outras mulheres e essa pesquisa capta parte do que elas eram na época em que tivemos contato.

Considerando as discussões teóricas e as observações e a escuta a essas mulheres, a consciência identitária de cada uma mostrou-se bastante aprofundada. Pelo que passaram na vida e pelo contexto do empreendimento do qual participam, essas mulheres aprenderam a se reconhecer de maneiras distintas, seja como mulheres, seja como participantes de um empreendimento, seja como moradoras da periferia ou ainda como religiosas, amigas e tantas outras identidades. Isso traz para elas uma consciência e clareza quando narram sua história. Mostra também um certo poder de decisão sobre os rumos de sua rotina e de suas vidas a partir das alternativas que se apresentam a elas.

Nesse olhar, vale considerar as diferentes perspectivas identitárias presentes na vida dessas mulheres. Para essa análise, serão abordadas distinções em análises identitárias de gênero considerando as teorias de relações sociais de sexo e a interseccionalidade¹⁹.

Obedecendo a um enfoque que preza pela situacionalidade do conhecimento, a perspectiva interseccional nos ajuda a compreender os sentidos da opressão em contextos delimitados, reservando um lugar essencial à raça e etnia por serem marcadores

¹⁹ A literatura existente aponta o uso desse termo para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, pela jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw. Embora ele tenha sido mais difundido a partir da segunda metade dos anos 2000, pode-se dizer que sua origem remonta ao movimento do final dos anos de 1970 conhecido como Black Feminism (Feminismo Negro), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo. (Hirata, 2014)

fundamentais na construção da chamada modernidade colonial. Nesse sentido, o corpo, seus significados e práticas merecem um lugar central na pesquisa. A raça funciona como experiência de constituição do eu e como criação de uma comunidade de sentidos e de destino interpelada pela cor. Essa concepção articula-se a sexualidade e gênero de uma forma constitutiva e inextrincável. É necessário trabalhar com a perspectiva dos sujeitos que vivem essas relações. (Alves, 2018). O corpo marcado por gênero, sexualidade e raça aparece como um distintivo fundamental para a constituição das situações de opressão. Por isso, as situações de opressão, de marginalização, de fronteiras sociais são o terreno propício das investigações interseccionais.

Nesse contexto, vale abordar a modernidade colonial ou colonialidade. Isso passa por observar um processo moderno e permanente de desumanização que não se esgota em um passado colonial distante e superado. De acordo com Alves (2018), a colonialidade permite, incentiva e necessita da produção constante de classificações sociais que reduzem os seres humanos a objetos quantificáveis e controláveis. Categorizar, criar dicotomias e hierarquizar são atividades características da colonialidade. Ao engendrar, racializar e sexualizar, a colonialidade produz a diferença colonial como medida absoluta de todas as formas de vida, obscurecendo outras práticas e maneiras de existência. No entanto, faz parte dos processos de resistência à colonialidade a construção de subjetividades que escapam à desumanização.

Por isso, a abordagem interseccional compromete-se em investigar as relações de opressão considerando fundamentalmente o ponto de vista daquele que se encontra marcado por essas relações.

5.2. Desigualdade de gênero e violência contra a mulher

Mais que entender as questões de identidade de uma maneira ampla e tentando captar toda sua complexidade, é necessário tratar da desigualdade de gênero e como ela parece ser um gatilho para as violências sofridas pelas mulheres.

Para Galvão (2015), deparar-se com a temática da violência é deparar-se com relações entre pessoas circunscritas em normas de gênero específicas. A partir de desigualdades socialmente estabelecidas para comportamentos “masculinos” e

“femininos” são articulados outros marcadores sociais²⁰ na produção de desigualdades e violências, como a classificação de raça, sexualidade, geração e classe, dentre outros. A desnaturalização de papéis é importante para construir uma cultura de respeito aos direitos humanos das mulheres em sua diversidade.

A violência contra a mulher apareceu em duas das cinco entrevistadas e foi relatada como algo frequente tanto pelas duas quanto pelas demais.

Então aqui é um lugar, parece uma esponja, sabe? Atrai o sofrimento. Daqui que a gente manda as mulheres para serem atendidas vítimas de violência. Tem muita vítima de violência. (Neide, UPM)

Além de uma situação chocante, é de difícil solução pois, além da raiz dessa violência estar muito além da agressão em si, muitas mulheres têm dificuldade de falar sobre o assunto e pedir ajuda. Daí a importância de espaços de acolhimento e de trabalho profissionalizado para apoiar essas mulheres.

A utilização das falas das mulheres ao longo da pesquisa, nos permite perceber como as desigualdades de gênero estão naturalizadas em suas narrativas. Betânia, por exemplo, fala de como foi trabalhoso cuidar dos filhos, algo que era responsabilidade exclusiva sua:

Mas era muito trabalho. Era 4 horas da tarde eu não tinha ido nem fazer o primeiro xixi do dia, nem penteado o cabelo. Porque eu tinha que cuidar deles, eu ia me cuidar? Porque é o tempo todo, você sabe né? Um só já é difícil imagina 3! (Betânia, ACL)

Em outro momento ela diz que ficou doente “porque não soube lidar com a situação, não soube lidar com aquilo tudo que estava acontecendo”. Ela sente que precisava lidar com o que estava acontecendo e coloca como sua responsabilidade a necessidade de lidar sozinha com todas as dificuldades pelas quais ela passava (criação dos três filhos, brigas com o marido, trabalho como empregada doméstica fora de casa) quando teve um “apagão”.

²⁰ Os marcadores sociais da diferença são um campo de estudo das ciências sociais que tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre as pessoas. (Fonte: Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença. Disponível em <http://numas-usp.blogspot.com/>, acesso em 06.08.2018).

A auto culpabilização da mulher sobre a desigual distribuição das responsabilidades domésticas e violência contra a mulher é tema recorrente nas discussões feministas. E mesmo tendo passado por terapia em grupo trabalhando a temática da violência doméstica, é algo difícil de ser alterado tanto na prática quanto no discurso.

5.3. Desigualdade de gênero e social

Nas questões de classe, a consciência da desigualdade se mostra mais explícita. Em diversas falas e ao longo dos encontros semanais, o discurso sobre a desigualdade e injustiça aparecia. Mais do que aparecer, elas demonstraram consciência sobre o processo e também conseguiram reivindicar seus direitos para minimizar os impactos da injustiça.

Um exemplo é o caso de uma regularização de conta bancária que demorou meses de idas e vindas ao banco sem serem atendidas, com diferentes pedidos de documentos e cópias de documentos a cada visita. As mulheres que passaram pela situação relatam ter sentido um tratamento que as colocava em situação de inferioridade por se tratar de uma agência da periferia. Ainda que tenham tido essa consciência, em outros momentos, a fala é conformada, de constatação da situação. De qualquer forma, elas reivindicaram um atendimento melhor e mudaram de agência, conseguindo resolver seu problema e também se posicionar frente ao tratamento ruim que vinham recebendo.

Aqui, em contraponto à interseccionalidade, o conceito de consubstancialidade também ajuda a analisar as diferentes formas de desigualdade e opressão existentes. Conforme entende Kergoat (2010), o conceito de interseccionalidade parece vincular gênero, raça, classe, entre outros conceitos, de uma forma geométrica e adaptável. Assim, os vínculos possíveis entre variadas relações sociais de poder dependeriam da realidade social em análise. O conceito de consubstancialidade por outro lado, propõe uma construção coletiva entre as relações sociais de sexo, as relações sociais de classe e as relações sociais de raça. Tais relações sociais seriam operadas por meio de uma tríade: opressão, dominação e exploração. Nesse caso, nem a separação e, menos ainda, a dissociação entre essas relações sociais seriam possíveis.

Nessa linha, as dificuldades pelas quais as mulheres da pesquisa passam tem relação direta não apenas com o fato de serem mulheres, pobres e/ou negras, mas também

com a forma de opressão, dominação e exploração se dá em cada uma das relações com o poder dominante de cada categoria e que ocorre ao longo de suas vidas. Trata-se de uma teia complexa e arraigada em seus cotidianos e, de tão complexa e profunda, parece fazer parte da história.

Complementar às abordagens da interseccionalidade e consubstancialidade, a abordagem das relações sociais de sexo contempla a noção de que as relações de trabalho são sexuadas e portadoras de hierarquias de gênero. Fraser (2009), uma das críticas centrais do feminismo liberal dos anos 1970 ao Estado de bem-estar, baseou-se na denúncia de que o modelo do homem provedor como paradigma da família contribuiu para o confinamento das mulheres ao mundo privado. Ela aborda a questão da desigualdade de gênero a partir de um princípio que organiza a estrutura econômica da sociedade. Considerando uma divisão que paga o trabalho “produtivo” e não paga o trabalho “reprodutivo” e doméstico, divisão essa em que as mulheres são responsáveis pelo trabalho não pago, fica clara a origem da injustiça social e marginalização sofrida pelas mulheres. Gênero não é apenas uma divisão como a divisão de classe, é também uma divisão de *status*. Os códigos e padrões culturais de gênero reforçam a desigualdade na medida em que o valor cultural padrão é o androcentrismo, que privilegia características tidas como masculinas em detrimento das consideradas femininas. Um exemplo é a fala de Sulália que ouviu de um amigo que precisa parar de ser ‘mãezona’ do espaço.

Eu sei que muitas vezes o pessoal me vê aqui como a mãezona, né? Eu falei muito tempo, teve um amigo que falou, você tem que parar de ser mãe. Eu falei tá bom, agora vou ser madrastra. Mas é difícil porque eu acho que as pessoas me vê como alguém da família mesmo. Que eu acho legal isso. (Sulália, ACL)

O perfil de ser mãezona é visto negativamente, como se essas características impeçam que o empreendimento tenha mais resultados. E embora ela ache bom que as pessoas a vejam como alguém da família, ela diz ter pensado em mudar de postura para seguir o conselho do amigo.

Esse conceito trazido por Fraser e tantas outras, é emblemático e também aparece na fala das mulheres da pesquisa. Na fala da Vera, por exemplo, quando ela pensa em um novo casamento, aparece o ideal de homem como provedor econômico:

Não vou dizer, assim, que quero viver sozinha para o resto da minha vida. Mas é complicado, né? Não sei se isso um dia vai acontecer. Porque aí depois de tudo que vivi com... com esse meu segundo casamento... eu não penso não. Enquanto minha mãe for viva, enquanto tiver morando com meus filhos não. A não ser que eu arrume aquele homem! Que me sustente de tudo, me dê uma casa e pronto. Agora, para viver tudo embolado, não dá certo. (Vera, UPM)

Ela fala que só vale a pena casar de novo se for com ‘aquele homem’, e explica seu ideal de homem como um homem que a sustente financeiramente, que dê uma casa.

Joan Scott (1991), ao contrário, explica que a diferença sexual inscrita nas práticas e nos fatos é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam, e não como um reflexo das relações econômicas. Ela considera insustentável a difundida tese de que a industrialização provocou uma separação entre o trabalho e o lar, obrigando as mulheres a escolher entre o trabalho doméstico e o assalariado. Para ela, o discurso masculino, que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres, que definiu a partilha “aos homens, a madeira e os metais” e “às mulheres, a família e o tecido” provocou:

“Uma divisão sexual da mão-de-obra no mercado de trabalho, reunindo as mulheres em certos empregos considerados menos qualificados, substituindo-as sempre por baixo de uma hierarquia profissional, e estabelecendo seus salários em níveis insuficientes para sua subsistência”. (SCOTT, 1991, p. 453)

Segundo Guérin (2005), as iniciativas de Economia Solidária possuem contribuições com potencial impacto nas desigualdades de gênero, principalmente no que diz respeito às concepções entre o público e o privado. Para ela, essas iniciativas criam espaços intermediários entre o privado e a vida pública, entre o monetário e o não-monetário, e preenchem três funções que podem favorecer a diminuição desses bloqueios. Em primeiro lugar, desempenham um papel de justiça de proximidade que é essencial diante do caráter multidimensional da pobreza. Em segundo lugar, são espaços de discussão, de reflexão e de deliberações coletivas; permitindo acesso à fala pública para pessoas que geralmente não o têm. Dessa forma, os participantes podem atuar na transformação das instituições, seja via legislação ou normas sociais. Em terceiro lugar, elas contribuem com a redefinição da articulação entre família, autoridades públicas, mercado e sociedade civil, e participam da revalorização das práticas recíprocas. Essa

redefinição e essa revalorização devem tornar possível que se lute contra as desigualdades intrafamiliares ao permitir que as mulheres, e também os homens, conciliem melhor vida familiar e vida profissional.

As questões identitárias falam, portanto, sobre as muitas mulheres que compõe as cinco entrevistadas. Falam também principalmente de como é impossível separar o fato de serem mulheres das suas múltiplas identidades. Além da identidade-mulher, elas lidam com uma série de outras que transformam suas vidas. E se relacionam entre si para continuar lutando por melhores condições e por mais conquistas e alegrias.

Na busca pelas melhores alternativas de vida, o trabalho ocupa um espaço importante. E a proposta de Economia Solidária surgiu mesmo como alternativa às desigualdades com as quais elas vinham se deparando, ainda que inconscientemente na época. Vale, portanto, aprofundar um pouco mais sobre os conceitos e discussões acerca da teoria e prática da Economia Solidária nos contextos observados na pesquisa.

Capítulo 6 - Economia (ou relação) solidária

6.1. Trabalho e realização pessoal

A atividade produtiva já não é mais compreendida como o cumprimento do dever social, ela se tornou uma possibilidade de auto realização. Esse fato em alguns casos justifica a eliminação de seguranças legais para garantia de status ou expectativa de maior flexibilidade. A mudança passa também pela tendência de colocar em foco características desenvolvidas individualmente para analisar o potencial ou não de sucesso. Em postos bem remunerados é introduzida a exigência de uma atitude criativa.

Os direitos políticos de participação, por exemplo, serviriam para evitar dominação ilegítima e surgem como condição prévia para realizar de fato os direitos cívicos de liberdade. A institucionalização dos direitos de status social no Estado de bem-estar social funciona como confissão de que os direitos políticos e de participação social não podem ser realizados na prática sem que exista um sustento material mínimo.

Entretanto, apenas no momento em que os sujeitos contam com um determinado grau de sustento material independente de seu desempenho é que podem efetivamente participar com mais ou menos os mesmos direitos das instituições e práticas sociais. Ou

seja, os direitos de liberdade e participação política só se concretizam se os sujeitos dispõem de um nível de vida que em determinados casos não pode ser alcançado por si mesmo.

Entra nesse âmbito o papel do Estado como provedor de serviços que garantam os direitos sociais da população. E quanto menor a possibilidade de usufruir da atuação do Estado de bem-estar como um direito, maior o perigo de que essa atuação seja deixada a critério de uma burocracia institucionalizada ou da capacidade de associações da sociedade civil de atingirem atenção pública e disposição de doar suficiente para todas as emergências existentes.

A própria vinculação das posições de status social ao trabalho corrobora com o princípio de rendimento²¹ de Marcuse (1975) que tem por base uma estrutura universalista, já que ninguém deve ser excluído unicamente por motivo de nascimento ou origem.

Nesse sentido, o princípio do rendimento contém também um sentido emancipador, pois quanto mais o sujeito consegue êxito com base em esforços próprios, maior a probabilidade de igualdades de oportunidade em posições de status social. É claro que essa conceituação e a consequente possibilidade de igualdades de oportunidades pressupõem um nivelamento do processo de socialização, no qual haveria uma participação equitativa no mercado orientado para o desempenho.

Essa perspectiva tende a justificar as desigualdades de maneira sistemática desprestigiando modelos alternativos de produção e distribuição social, em uma argumentação pautada em resultados atingidos por indivíduos em postos de poder, que passam a servir como referência para aqueles que desejam ter sucesso.

Ainda que as críticas existam e sejam justificadas, o princípio do rendimento é parte de uma expectativa normativa que impregna consciências e continua cumprindo uma função de pauta avaliadora para julgar as estruturas de distribuição e premiação sociais. Muitas vezes, essa lógica é sustentada mesmo em contextos de crítica a esse princípio. Em pesquisas sobre o fenômeno de justiça de desempenho, encontra-se a tendência de admitir o êxito no mercado como único critério para pagamento dos resultados produzidos. O mercado aparece como uma inevitável instância para avaliar o desempenho.

²¹ Para Marcuse (1975, *Eros e Civilização*), o princípio de rendimento é o de uma sociedade orientada para o ganho e concorrência entre os indivíduos, num processo ininterrupto de expansão. De acordo com esse princípio, a sociedade é estratificada de acordo com o rendimento competitivo de seus membros.

Na medida em que as sociedades viram mercadoria, fatores como sorte, azar ou herança também entram no debate como legítimos critérios de distribuição de bens materiais ou simbólicos. Não é claro se uma relação de trabalho se estabelece com base em aspectos objetivos ou afeto pessoal, já que se combina a dificuldade de objetivar as competências decisivas para o capitalismo de redes. As melhorias de reputação que se associam à realização de um projeto apenas correspondem às equivalências nacionais de um certificado ou diploma, de seu efeito se limita ao interior do projeto.

Assim, o discurso de rendimento que domina as discussões políticas e econômicas deixa de ser um meio potencial de emancipação e se transforma em um meio para minar tanto os aspectos de bem-estar social ligados ao desempenho quanto para sugerir a possibilidade de participar de um status que de fato não existe. Em um cenário como esse, fica difícil o sujeito ter certeza ou confiança no verdadeiro valor de suas contribuições e resultados individuais.

A ideologia do rendimento ou desempenho aparece na tríade meritocrática de Kreckel: qualificação, posição e salário (em Souza, 2012). A qualificação, que refletiria a importância do conhecimento com o desenvolvimento do capitalismo é o aspecto mais relevante que condiciona os outros dois. Posição e salário estariam, portanto, condicionados a uma determinada qualificação.

No caso estudado, há uma jornalista (qualificada) que não consegue salário nem é a pessoa em posição de liderança do empreendimento. Por outro lado, a pessoa em posição de liderança não cursou uma universidade (menor qualificação). Neste empreendimento econômico solidário, o conhecimento não condiciona salário e posição.

Ainda assim, a ideologia do desempenho é presente na fala das pessoas e contribui com a diminuição de reconhecimento social e autoestima aos sujeitos e grupos sociais excluídos de imediato da dimensão competitiva pelo desempenho diferencial. Essa redução de reconhecimento e autoestima ocorre pela ausência de pressupostos mínimos para uma competição bem-sucedida.

6.2. Economia Solidária

Em contraponto a esses padrões sociais estabelecidos e que dificultam processos de transformações profundos, surgem projetos sociais de desenvolvimento em busca de fortalecimento de comunidades. Dentre as diversas possibilidades, fomentadas por agentes públicos e privados, uma perspectiva de atuação é a da Economia Solidária.

Conforme relatado no capítulo dos empreendimentos, participar de empreendimentos solidários não foi propriamente uma escolha das participantes. Foi uma alternativa para que cada uma delas encontrasse seu espaço, buscasse obter alguma renda e construísse significados para suas rotinas. Ao longo da pesquisa, os empreendimentos mostraram-se mais como espaços para transformações psíquicas e sociais do que econômicas. São espaços para a elaboração de temas como violência contra mulher, desigualdade social, baixa escolaridade e baixa autoestima. São também espaços em que a motivação de permanecer vai para além da renda, mas também para uma rotina flexível e um senso de pertencimento.

Falar de empreendimentos econômico solidários pode carregar muitas interpretações e é importante entender os conceitos de Economia Solidária e sua história recente para captar as percepções das experiências estudadas nessa pesquisa.

A Economia Solidária surgiu no Brasil como uma alternativa ao contexto de desemprego por obra da Cáritas²², da igreja católica, em tentativas de organizar os desempregados em associações de trabalhadores. Reunidos em torno de um objetivo comum, produziam bens e serviços de primeira necessidade, para serem trocados ou vendidos e assim aliviar as necessidades mais urgentes (Singer, 2014). Ela começa a ressurgir no Brasil na década de 1980 e toma impulso crescente na segunda metade dos anos 1990.

Luis Inacio Gaiger, em seu artigo “A Economia Solidária e o valor das relações sociais vinculantes” (2008), relata que as experiências de Economia Solidária são instrutivas ao desbloquearem nosso olhar quanto à possibilidade de existirem efeitos positivos entre decisões ‘econômicas’, que afetam os seres humanos, e decisões ‘sociais’, que tratam de considerar os seres humanos, seja no âmbito interno das organizações, seja no plano da deliberação política sobre os rumos da sociedade. Sob a perspectiva de incentivar práticas econômicas calcadas em princípios de justiça, equidade, responsabilidade social e ambiental, a Economia Solidária é regida por princípios que, pelo menos em teoria, estariam internalizados em termos de compreensão e prática dos agentes das experiências econômico solidárias.

²² A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. (Disponível em caritas.org.br, acesso em 19 de junho de 2018)

Coutinho e Magro (2008), ponderam que uma das questões que atravessam as práticas econômico-solidárias é a dúvida sobre se elas estão conseguindo projetar uma transformação sistêmica em direção à superação do capitalismo ou têm sido apenas uma resposta à crise do trabalho em que vivemos, funcionando como estratégia de sobrevivência dos trabalhadores pobres e excluídos do mercado de trabalho formal. Outra questão que suscita interesse nos empreendimentos é compreender se eles conseguem produzir novos sentidos em relação aos processos de trabalho em relação aos sujeitos neles inseridos.

Para analisar os empreendimentos participantes da pesquisa, é interessante avaliar de que forma as características usualmente atribuídas a empreendimentos solidários apareceram ao longo das entrevistas e convivências semanais. A análise a seguir utilizará os fundamentos propostos por Singer (2002): solidariedade, autogestão e repartição dos ganhos. Poderiam ser analisadas muitas outras características dos empreendimentos solidários, mas esses três fundamentos foram os que mais apareceram na pesquisa e se desdobram também em outras características comumente abordadas, como sentido do trabalho, democracia e igualdade.

6.3. Solidariedade

A solidariedade do ponto de vista da Economia Solidária trata da associação entre iguais e, sob o princípio da igualdade, considera que todos possuem os mesmos direitos naquele espaço (Singer, 2002). Trata-se da proposta de cooperar ao invés de competir. Internamente, nas relações dentro do empreendimento e externamente, na comunidade e no mercado.

Rosa, Tureta e Brito (2006) sublinham que “qualquer tentativa de ruptura com a lógica do capital que esteja baseada numa racionalidade de caráter instrumental estaria fadada ao fracasso”, uma vez que, se o empreendimento solidário é contaminado pela busca incessante de eficiência econômica, a qual requer a competitividade e não a solidariedade, não há possibilidade de ruptura (Rosa, Tureta e Brito, 2006, p. 263).

Os princípios da solidariedade aparecem em muitas falas das entrevistas. As mulheres falam de solidariedade com a comunidade e do cuidado que as pessoas do

empreendimento têm uns com os outros. Vera, por exemplo, fala de como o banco ajuda a comunidade, no acolhimento às pessoas e no uso da moeda social.

Acho que ajuda a gente a se unir como comunidade né? Como te falei, tem as mercearias que aceitam o dinheiro daqui. Aí tem chega uma pessoa que precisa, está necessitada né? Aí a gente acolhe, ajuda. Então a gente vai acolhendo as pessoas da comunidade. (Vera, UPM)

Entretanto, ao surgir em bases solidárias, o primeiro desafio das cooperativas e empreendimentos solidários é a construção do consenso. A cooperativa pressupõe, como preceitos basilares, a existência de uma postura mais ética e de respeito mútuo que, todavia, não garante a inexistência de conflitos.

6.4. Autogestão

A análise do caráter autogestionário dos empreendimentos solidários é uma tarefa complexa e atravessa de forma recorrente os estudos de caso pesquisados no campo da Economia Solidária. Ela envolve questões diversas, como o processo de organização do trabalho no empreendimento, as formas de participação nas decisões, os conflitos que emergem nesses contextos e a forma como os participantes os encaminham, assim como o papel ocupado pelas organizações apoiadoras na gestão.

Na “construção” do contrato social entre empreendimento solidário e associados, não são estabelecidos acordos “que garantam a entrega da produção”. Construção entre aspas, no sentido de que esse “contrato” está implícito “pelo fato do cooperado fazer parte da organização e ser responsável pelo seu desenvolvimento e sustentabilidade” (Simioni et al., 2009, p. 741). Esse fato importa uma dupla qualidade, a qual Barbosa (2007) situa no sentido de que os sócios cooperativados, além de proprietários, são provedores da força de trabalho, ou seja, há uma duplicidade de identidade do cooperado. Essa dupla qualidade advém do regime autogestionário e auxiliar que caracteriza as cooperativas.

A dupla qualidade dos membros da cooperativa explica-se porque este tipo de sociedade inverte os meios e fins que caracterizam as sociedades empresariais não cooperativas: enquanto nestas, a atividade societária é um alcance dos fins empresariais (lucro), nas

cooperativas, as atividades empresariais são o meio de alcance do objetivo societário (acréscimo de renda direta ou indireta) (Krueger, 2003, p. 9).

Nos empreendimentos mapeados ficou clara a existência de uma hierarquia na tomada de decisões. Embora o tema não tenha sido muito abordado nas entrevistas e também não muito debatido na dinâmica semanal, houve momentos e falas em que a tomada de decisão e de responsabilidade pelas decisões pareceu ser centralizada nas lideranças.

Então, no primeiro momento, o pessoal que começou ficava: a patroa, a patroa. Mas nós não tem patrão. Né? Na verdade, existe sim uma hierarquia, porque tem que existir, porque eu ocupo um cargo aqui que é um cargo de confiança da Sociedade Santos Mártires. E eu tenho que levar o retorno para eles. Mas eu trabalho muito aqui a questão da confiança, do olhar. (Sulália, ACL).

Sulália fala da existência de uma hierarquia, diferenciando o sentido de patrão dessa hierarquia. Ela relata a importância da confiança e do olhar para cada participante. Ela ocupa um cargo por ter sido indicada por um dos apoiadores do empreendimento, mas é possível que se houvesse uma eleição no empreendimento ela fosse eleita, como ocorreu na UPM com a reeleição de Neide em 2018.

A autogestão é, portanto, um tema complexo nesses empreendimentos. Embora exista a perspectiva de trabalhar o tema, são poucos os participantes que aparentemente se posicionam com vontade de participar ativamente da gestão dos empreendimentos. Pode ser também que essas pessoas existam, mas não se sintam à vontade para posicionar. De qualquer forma, as lideranças se mantêm há anos cumprindo o papel de gestoras e tomadoras de decisões, tentando na medida do possível contar com a participação dos participantes.

6.5. Repartição dos ganhos

Por fim, a repartição dos ganhos na Economia Solidária trata de uma repartição a partir da receita obtida pelas atividades do empreendimento e definida pelos participantes. Normalmente são repartidos de acordo com o escalonamento de trabalho e eventualmente

de acordo com o tipo de atividade realizada. Além disso os empreendimentos solidários dividem em assembleia a destinação de recursos para fundos de reinvestimento, manutenção ou educação. Claro que essas propostas de fundos nem sempre são encontradas em empreendimentos, considerando que a maioria mal consegue uma distribuição de ganhos adequada a seus membros.

No caso dos empreendimentos da pesquisa, muito se falou da falta de renda e da necessidade de ter mais recursos. A lógica de distribuição que apareceu nas falas foi uma lógica de distribuição igualitária, mas diferente para cada empreendimento. Trata-se da forma que os empreendimentos encontraram para se organizar considerando a realidade e os recursos que conseguiram alavancar com suas atividades.

No caso do Ângela de Cara Limpa, cada núcleo distribui a renda de acordo com a receita que chega para aquele núcleo. A liderança e a responsável pela limpeza recebem ajudas de custo com valores distintos da organização apoiadora, a Sociedade Santos Mártires. Na União Popular de Mulheres, a lógica é um pouco diferente pela própria diversidade de iniciativas existentes. Os núcleos que possuem convênios com instituições públicas, possuem salários fixos. Quando os convênios não são renovados, as pessoas saem da instituição ou são alocadas em outros projetos, para realizar outras atividades e receber outro valor. Já o banco e a padaria realizam distribuição igualitária a partir da receita proveniente das operações de empréstimos e da venda dos pães.

Gaiger (2008) pontua que as experiências de Economia Solidária tendem a desenvolver e acionar relações geradoras de vínculos sociais, na mão oposta dos intercâmbios de natureza utilitária e pragmática que interditam tais desdobramentos e seccionam o universo das relações, entre pessoas e grupos, da esfera das trocas materiais. Talvez seja muito mais esse o sentido que permite que esses empreendimentos se mantenham atuantes mesmo em condições econômicas tão desfavoráveis.

Capítulo 7 – Relações e o reconhecimento

Conforme percebido na trajetória desses grupos, relacionar-se com pares deu outros significados às vidas e rotinas das participantes e permitiu que elas se posicionem de outra forma na sua comunidade. Honneth (2013) constrói um paralelo teórico para a

definição de grupo pautado na necessidade de reconhecimento do indivíduo. Para ele, o grupo é um mecanismo que ajuda o indivíduo a ter estabilidade e ampliação pessoal. Vamos aprofundar esses aspectos e um pouco mais sobre os conceitos que estão por trás da teoria do reconhecimento.

7.1. Luta por reconhecimento

No seu processo de socialização, os indivíduos aprendem a interiorizar normas de reconhecimento específicas da cultura na qual estão inseridos e tais normas, quando interiorizadas, regulam o modo como eles tratam legitimamente uns aos outros nas diferentes esferas das relações sociais.

A necessidade de reconhecimento social, segundo Honneth (2013), traz uma dependência do indivíduo de ter experiências em diferentes grupos sociais. Normalmente o número de membros dos grupos é aquele que permite interações diretas que ajudam o indivíduo a adquirir consciência do valor de sua competência para fazer julgamentos. Em grupos maiores, quando as interações face a face não são mais possíveis, podem ser considerados movimentos sociais em que as normas de respeito são generalizadas e estabelecem-se rituais e símbolos coletivos que provém aos membros o respeito compensatório.

Sendo um dos principais teóricos a analisar a teoria do reconhecimento de Hegel, Honneth (2003) aborda a importância de três esferas de reconhecimento que constituem condições sociais para o sujeito possuir uma atitude positiva em relação a ele mesmo: reconhecimento do amor, do direito e da estima, que conseqüentemente vão gerar autoconfiança, autorrespeito e autoestima.

O amor remete às interações afetivas com pessoas íntimas, sejam elas pais e filhos, dois parceiros que possuem uma relação erótica ou relações de amizade. Em casos bem-sucedidos de relações amorosas, o indivíduo pode se reconhecer como uma pessoa inteira e autoconfiante. As relações de amor são as mais importantes para a estruturação da personalidade, principalmente na relação entre mãe e filho na primeira infância. É a primeira etapa do reconhecimento recíproco, os seres se unem em suas carências e dependências amorosas.

O direito está relacionado às relações com instituições sociais que podem oferecer reconhecimento jurídico a partir de princípios garantidos a toda a sociedade. O indivíduo insere-se em círculos sociais mais amplos e pode se reconhecer como um cidadão, um igual na coletividade instituída. Para Honneth (2003), quando os sujeitos são proibidos de reclamarem seus direitos, ocorre uma limitação da autonomia da pessoa e também o sentimento de não possuir uma interação igual às demais pessoas.

Por fim, a estima social remete à ideia de um grupo social que compartilha valores morais. Refere-se às relações de solidariedade e relações simétricas em que os sujeitos podem se considerar reciprocamente à luz de valores que fazem com que as capacidades e as propriedades do outro sejam significativas para a práxis comum. Reconhecendo-se a partir da estima social, o sujeito possui autoestima. Caso seja desrespeitado nessa esfera, expressa-se a humilhação social.

É a partir desses três aspectos, vivenciados em conjunto, que uma pessoa pode se conceber de modo absoluto como um ser autônomo e individualizado, ou seja, capaz de se identificar com seus objetivos e seus desejos. Na ausência dessas esferas, há uma luta por autoconfiança, autorrepeito e autoestima contra a violação, o desrespeito e a humilhação.

Essa abordagem trata não só da autonomia moral do ser humano, mas também das condições de autorrealização, entendendo a moral como um aspecto do respeito universal que se torna um dos dispositivos de proteção para possibilitar uma vida digna a todos os indivíduos.

Desse modo, fica clara a necessidade de os sujeitos serem agentes de seu próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, a enorme falta de perspectivas existentes em contextos que historicamente não disponibilizaram escolaridade, saúde e cuidados básicos para seus habitantes.

O reconhecimento só pode acontecer reciprocamente. Não se trata de uma simples identificação, mas de um processo subjetivo que traz a noção dialética na concepção do eu e do outro. Por isso, o indivíduo busca um sentimento de coletivo na vida em grupo, pois depende de formas de reconhecimento social que motivem e confirmem valores compartilhados para manter sua autoconfiança, autorrepeito e autoestima. A análise a seguir irá abordar as três formas de reconhecimento e quais as percepções acerca da realidade percebida.

7.2. Amor e autoconfiança

A autoconfiança tem a ver com o amor e como o indivíduo se relaciona com seus próximos significativos, sua família na maioria dos casos. É a partir dos outros próximos que vem a generalização do outro e as regras universais, daí o fato da família aparecer tão rotineiramente na fala das entrevistadas. Além disso, as violências sofridas por algumas das mulheres são claras barreiras para a existência de autoconfiança. A autoconfiança é uma confiança em si que permite aos indivíduos estarem só despreocupadamente.

O amor existente na família aparece em praticamente todas as falas das mulheres. Quando falam de suas infâncias, falam da família e das brincadeiras. Falam de amor de mãe e de amor de irmãos.

Na fala de Sulália, as palavras amor e confiança inclusive apareceram juntas em um determinado trecho de sua narrativa:

E aí eu pedi ajuda mesmo pros meus familiares, meu cunhado que tem caminhão, meu irmão minha irmã, meus sobrinhos. Eles foram as pessoas que carregavam. Eles olhavam pra mim e falavam, minha tia está doida. Mas assim, eles têm tanta confiança, tanto amor à tia aqui, que eles não falavam nada. Eles simplesmente fizeram. Mas eu olhava no olhar deles. (Sulália, ACL)

Ela fala de como no retorno ao Ângela de Cara Limpa, ao receber um monte de materiais para serem separados, foi importante pedir ajuda aos membros da sua família. E em contrapartida, foi o amor e a confiança que eles sentem por ela que fez com que eles a ajudassem sem precisar fazer muitas perguntas ou comentários.

Após passar por um relacionamento violento e ter se recuperado dos prejuízos que isso lhe provocou, Betânia fala um pouco sobre a opção por estar só. Quando perguntada sobre a vontade de ter um novo relacionamento, diz que não tem mais vontade e que quando se sente sozinha, busca outras formas de compensação da solidão.

Porque... tá tão bom, né. Aí você tá namorando, aí quer saber... não tá com esse fica preocupado se já tá com outra, que que tá fazendo, ah não. Eu já passei... Então, aí às vezes sinto sozinha, assim, mas eu ligo a televisão e... ou saio e vou para casa dos meninos ou da minha filha, que mora muito longe, casa do, do Nando. Então, para mim, graças a Deus. Você sabe o que é? Parece que esfriou tudo? Porque o normal de quando está casado, é, aquele carinho, é namorar mesmo. É normal, é bom, é gostoso. É a

natureza, foi Deus que... só que não tenho mais vontade. (Betânia, ACL)

Ela diz que não tem mais vontade de estar com um companheiro porque já passou o tempo de ter essas vontades. Fala também das preocupações que existem quando está namorando, preocupações sobre a fidelidade do companheiro. Por outro lado, quando sente essa vontade de ter o carinho de alguém, tenta falar com os filhos ou ir até a casa deles.

O amor parece ter estado presente em diferentes momentos das vidas das mulheres entrevistadas e, para cada uma delas, tem uma importância relativa. Sulália, Neide e Selvina especificamente falam mais do amor de família e da infância. Elas narram também esse sentimento de amor para com os pais delas quando são perguntadas sobre quem são as pessoas que elas admiram. Betânia e Vera falam menos sobre essa temática e quando perguntadas sobre as pessoas que elas admiram, falam dos filhos.

7.3. Direitos e autorrespeito

Do ponto de vista da existência de normas e a generalização dessas normas no cotidiano, o autorrespeito aparece quando o indivíduo se percebe como um ser de direitos e vê seus direitos atendidos. Conforme observado por Habermas (em Honneth, 2003), ver-se como um sujeito de direitos passa por viver em uma sociedade em que o sistema jurídico é entendido como expressão dos interesses universalizáveis de todos os membros da sociedade, de sorte que ele não admite exceções e privilégios.

Enquanto o direito moderno representa um reconhecimento que expressa propriedades universais de sujeitos humanos de maneira diferenciadora, o reconhecimento deve expressar as diferenças de propriedades entre sujeitos humanos de maneira universal, isto é, intersubjetivamente vinculante. Essa tarefa de mediação é operada, no nível social, por um quadro de orientações simbolicamente articulado, mas sempre aberto e poroso, no qual se formulamos valores e os objetivos éticos, cujo todo constitui a autocompreensão cultural de uma sociedade (Honneth, 2003).

Nos grupos pesquisados, os direitos e sua universalização foram recorrentemente abordados principalmente nos cafés e almoços. O tema mais recorrente foi o dos direitos das mulheres e de acesso ao ensino básico. Mas apareceram também situações em que as mulheres citaram as dificuldades de ter acesso à rede pública de saúde e outros serviços básicos.

Passando da esfera pública para a privada, pode-se fazer a análise das decisões citadas no capítulo sobre as relações solidárias. Apesar de ser um valor nos dois empreendimentos, a dificuldade em observar princípios democráticos no cotidiano influencia na de tomadas decisões democráticas e participativas em todas as esferas dos empreendimentos.

Trata-se de limitadores à liberdade individual e restrição de capacidade e opções reais em realizar determinadas ações. Esses aspectos não podem ser analisados com exclusividade, pois existem componentes internos do indivíduo que podem ser obstáculos à liberdade e que Amartya Sen (2011) denominou como teoria das *capabilities* (ou capacidades, em tradução livre). O termo não se refere à capacidade de executar uma ação, mas a opções reais que o indivíduo possui em fazê-la. Refere-se às capacidades e habilidades, aos estados mentais, aos estados subjetivos (saúde, alfabetização, etc.) e às circunstâncias externas. Trata-se de um conjunto de qualidades que permitem que o indivíduo tome decisões e as coloque em prática.

Para ser livre, é necessário que o indivíduo desenvolva um conjunto de capacidades para exercer essa liberdade. Por exemplo, um indivíduo que queira sair de uma comunidade rural para um município urbano, precisa dispor de um conjunto de capacidades que incluem um determinado nível de escolaridade, autoconfiança, habilidade em entender e servir-se de novos códigos, bom estado físico e psíquico.

“As faculdades humanas de percepção, juízo, sentimento discriminatório, atividade mental, mesmo preferência moral, só se exercitam fazendo uma escolha. Quem faz algo porque seja o costume não escolhe. Não ganha prática quer de discernir quer de desejar o melhor. Os poderes mentais e morais, como os musculares, só se aperfeiçoam pelo uso.” (Mill, 1991, p. 98)

As capacidades são desenvolvidas ao longo da vida, mas caso não sejam, provocam uma série de barreiras que fazem com que o indivíduo permaneça com poucas opções reais de mudança.

Três das mulheres entrevistadas relatam terem mudado de estado na infância com suas famílias, para tentar melhorar as condições financeiras em que viviam. Eram famílias com dificuldades financeiras, mas que de alguma forma conseguiram estrutura física e mental para exercer essa liberdade de mudança. Esse aprendizado na infância, da possibilidade de mudança, pode ter contribuído com os movimentos de mudança que fizeram ao longo da vida, seja no âmbito pessoal, ao sair de relacionamentos abusivos,

seja no âmbito profissional, ao tentar trabalhar em uma lógica diferente do emprego com carteira assinada.

No livro *Vozes do Bolsa Família*, Rego e Pinzani (2014) ponderam que a renda básica não se limita a assegurar as condições materiais de vida e a fornecer a base de autonomia ética e moral dos indivíduos. Ao serem incluídos no conjunto de cidadãos brasileiros, os beneficiários ganham um sentimento de identificação com o país por passarem a ser reconhecidos pelas instituições políticas do Estado. Em contrapartida, precisam assumir responsabilidades que resultam em um aprendizado da cidadania nas dimensões de sujeito de direitos e sujeito de deveres. Dimensões essas que fazem com que os indivíduos possam se considerar cidadãos e não meros clientes do Estado.

Atualmente a comunidade cultural tomou o lugar do ideal de grupo. Considerado o ambiente onde o indivíduo pode desenvolver uma personalidade mais forte, esse tema se fortalece quando é trabalhada a formação de grupos comunitários e a interação em populações de baixa renda, muitas vezes marginalizadas e tratadas à parte tanto das políticas quanto das mídias de cultura de massa.

Faz-se necessário nesses grupos, o estabelecimento de vínculos e relações que lhes permitam fortalecer sua identidade como indivíduo, não como um grupo em si mesmo, mas indivíduos que fazem parte de um grupo, que se relacionam com outros grupos em condições de igualdade. Trata-se de uma luta interna e social para que as populações marginalizadas historicamente tenham seu espaço de afirmação social.

O conceito de reificação pode ajudar a explicar essa realidade. Na reificação é anulado o reconhecimento que faz com que cada pessoa se constitua como um outro indivíduo em nós mesmos. Sem a realização desse reconhecimento prévio em relação ao outro, ele é tratado apenas como um objeto inanimado. A explicação sobre essa possibilidade de desaparecimento do reconhecimento pode ser dada, de acordo com Lukács (em Honneth, 2008) pelas exigências de abstração que a participação contínua na troca capitalista de mercadorias exige. É essa forma de *práxis* contínua, exercida rotineiramente, que pode ser descrita como causa social da reificação, ou seja, não é apenas a *práxis* em si, mas a constância que possui força para neutralizar a postura de reconhecimento que provoca a desconsideração de todas as características de ser humano do próximo.

A sociedade capitalista permite e reforça que esses indivíduos se mantenham sempre em desvantagem perante outros grupos, ao fortalecer também na cultura de

massas estereótipos distantes da realidade dessas pessoas. É um reforço tanto do ponto de vista do modelo e de suas rotinas, quanto da cultura estabelecida.

As relações observadas nessa pesquisa claramente tentam barrar esses modelos e padrões. Em diversos momentos, falou-se mais das histórias das pessoas do que das funções ou necessidades concretas do empreendimento. Por outro lado, encontram dificuldades por estarem inseridas em um contexto que reforça a lógica oposta.

As mulheres em posição de liderança mostraram-se importantes fontes de resistência e afirmação dos grupos. Elas têm consciência das lutas, das necessidades e dificuldades de fazer diferente. Melhor do que ninguém, elas sabem que seu papel é importante nesse processo e por isso, continuam.

7.4. Comunidade e autoestima

Por fim, as relações de solidariedade e o sentido de comunidade geram autoestima. Nas sociedades modernas, as relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar o valor das capacidades associadas à sua forma de vida.

Para Honneth (2003), a estima social assume um padrão que confere às formas de reconhecimento associadas a ela o caráter de relações assimétricas entre sujeitos biograficamente individuados. São os interesses que os grupos sociais possuem na valorização das capacidades e das propriedades representadas por eles que concretizam as interpretações culturais dos objetivos abstratos da sociedade. Entretanto, no interior das ordens de valores efetivadas por via conflituosa, a reputação social dos sujeitos se mede pelas realizações individuais que eles apresentam socialmente no quadro de suas formas particulares de autorrealização. De acordo com sua história pessoal, cada um se sente diferente num mesmo grupo e constrói uma trajetória específica a partir dos significados que os acontecimentos em grupo terão para si.

Nesse âmbito, vale resgatar a fala da Selvina, dizendo que se sentia entre iguais mesmo sendo diferente das mulheres que participavam dos encontros de capacitação antes da formação do empreendimento.

Porque eu tenho muito baixa autoestima. As pessoas têm, as pessoas do grupo tinham muito baixa autoestima, então não é à toa que eu me sentia bem, eu estava, digamos, entre os meus. Eram pessoas muito afetadas internamente, muito magoadas

internamente e tal. E eu embora graças a Deus não tivesse passado por nada daquilo, mas eu tinha minhas sensações de incapacidade, de inferioridade. (Selvina, ACL)

No grupo, cada um tinha sua história específica e, mesmo percebendo diferenças em suas histórias, Selvina sentia-se entre iguais justamente pelas sensações de inferioridade e incapacidade. Esse ‘sentir-se entre iguais’ é um dos fatores que fez com que ela diminuísse essa sensação ao longo dos anos de convívio.

Da mesma forma Betânia, fala do processo e das pessoas que ajudaram a se sentir bem depois de passar pelas dificuldades que passou. Esse compartilhamento de dificuldades permitiu a ela elaborar o que estava sentindo e perceber que não estava sozinha na situação. Ela percebe em uma amiga uma oportunidade para relembrar esse pertencimento a um grupo no qual ela se sente compreendida.

A gente uma sabia da história da outra, amizade, conversar. Até hoje eu tenho amizade com uma que mora aqui para cima. Até hoje a gente às vezes se encontra e vai na igreja de São José. Aí a gente vai, toma um lanchinho e ela vai embora e eu vou para casa. E foi isso. Claro. A gente não está 100% todo dia. (Betânia, ACL)

Betânia sabe que não está bem todos os dias, mas encontrar com uma amiga da época em que pôde contar com ajuda para passar pelo processo de separação é importante para que ela relembre também que sua vida de forma geral está melhor do que naquela época.

Enquanto as relações familiares se mostraram importantes fontes de resgate da autoconfiança em momentos em que as mulheres se sentiram fragilizadas, as relações nos empreendimentos solidários se mostraram importantes para o aumento do autorrespeito e autoestima ao ajudá-las nas suas lutas por direitos e ao terem se tornado uma comunidade para elas. Esse reconhecimento, entretanto, não é linear para todas nem em todas situações. É tampouco suficiente para dar conta de tantas dificuldades pelas quais elas continuam passando nas suas vidas. Mas permite que elas se posicionem de outra forma perante suas vidas. São mulheres conscientes e que tentam às suas maneiras, continuar melhorando suas condições de vida.

Capítulo 8 - A liderança

8.1. Os processos de liderança

Nas entrevistas e nos contatos cotidianos, Sulália e Neide nem sempre apareceram como primeira fonte de inspiração. O pano de fundo das inspirações são as famílias, os movimentos e o conjunto de pessoas que faz parte deles. De toda forma, por serem do mesmo espaço, terem histórias de vida semelhantes e utilizarem o mesmo vocabulário, elas contribuem para as motivações de cada participante e para a continuidade das ações, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Ainda que ao longo dos anos os teóricos tenham elaborado diferentes concepções sobre liderança, e apesar de alguns considerarem liderança uma característica pessoal que pode ou não ser desenvolvida ao longo dos anos, entenderemos aqui a liderança como um processo que depende não apenas da pessoa que exerce liderança, mas também das pessoas e situações em que esse processo se dá. Utilizando a abordagem de Katz (1973), a liderança é o processo em que o indivíduo exerce consistentemente mais influência do que outros na execução das funções do grupo.

A análise de Cameselle (1996) sobre as teorias de lideranças identificou que as aproximações sobre o tema consideram algumas dimensões específicas: aspectos estruturais do grupo, função que o líder desempenha nessa estrutura, dinâmica grupal e interação dos grupos como responsável pela aparição da liderança, traços de personalidade do líder, tipo de influência ou poder que o líder exerce sobre seus seguidores e os aspectos facilitadores que o líder possui para realização dos objetivos do grupo.

Portanto, as formas e processos de liderança possuem estreita relação com as posições, ou o lugar social, que as lideranças ocupam em um grupo, considerando as contribuições que realizam e o grau de domínio que mantêm sobre ele. Além disso, são fatores de influência: o papel ou conduta próprios da função que os líderes desempenham e os processos de comunicação, coesão grupal e tomadas de decisão que derivam das relações de influência social (Domenèch, 2004).

Considerando que o campo de estudos acerca da temática da liderança é vasto e complexo, não se pode reproduzir os resultados e percepções para o âmbito de

organizações de base comunitária. Os teóricos da psicologia social comunitária destacam o caráter multidimensional, complexo e contextual da liderança comunitária.

Por isso, reforça-se a necessidade de estudar as situações da vida cotidiana em que esse fenômeno se produz, reformular metodologias de pesquisa, e questionar a concepção experimentalista e politicamente neutra da ciência para gerar um conhecimento que seja pertinente e aplicável socialmente (Espejo, 2013).

Assim é importante reconhecer o fenômeno como algo relacionado aos âmbitos específicos de interação e institucionalização na comunidade, já que tanto seu conteúdo quanto seus antecedentes e consequências irão variar de acordo com esses fatores.

O início do trabalho de Sulália como liderança comunitária formal, por exemplo, foi uma conjunção de fatores: ela tem um perfil propositivo, já tinha conhecimento sobre a região, conhecia uma liderança local que a indicou para um projeto específico e aceitou o convite.

O Padre Jaime pegou, me chamou e falou, “olha, tem um pessoal aí que tá procurando lideranças na região pra desenvolver um trabalho sobre a questão ambiental. E eu tô indicando alguns nomes e eu gostaria de indicar você”. Porque eu já conhecia bem a região e praticamente já vim pra cá aos 8 anos de vida. Aí todo o processo. Aí eu falei vamos, eu topo. Aí eu acabei ficando mesmo pra coordenar esse trabalho aqui. Eu e mais dois colegas da região. Aí nós começamos a desenvolver esse trabalho. (Sulália, ACL)

Ela já fazia uma série de trabalhos na comunidade e foi nessa interação com a comunidade e com lideranças locais que se firmou como líder do empreendimento e de outros projetos ao longo de sua trajetória.

Da mesma forma Neide, deu continuidade ao trabalho que seu pai vinha fazendo na comunidade ao longo dos anos. Além do histórico familiar, seu perfil agregador e as necessidades da comunidade em garantir seus direitos contribuíram para que ela ocupasse a posição de liderança na UPM. Ela enxerga a liderança como algo importante para que os movimentos sociais ocorram, em uma fala ela disse que “tendo alguém que tem liderança, a mulherada vai”. E ela, assim como outras do empreendimento, se coloca dessa forma, como alguém que ajuda as demais a irem atrás de seus direitos.

8.2. Responsabilidades: do individual para o coletivo

No interior de todo sistema social as lideranças são convocadas, ou acabam assumindo, múltiplas funções, como a articulação de parcerias, condução de projetos, representação de grupos, defesa de direitos ou posicionamentos, dentre outras.

Sulália e Neide falam desses fatores em diversos trechos de suas entrevistas. Elas relatam a sobrecarga e as dificuldades para garantir que todas as iniciativas aconteçam. Falam também da dificuldade em dividir tarefas com outras pessoas, que normalmente estão igualmente atarefadas com outras prioridades. Vale resgatar a fala de Sulália sobre as oportunidades que surgem, sempre com prazos apertados, e a necessidade de se desdobrar para atendê-las.

As oportunidades chegam, chegam oportunidades. Mas assim, é imediata. Então você tem que fazer. Do jeito, mesmo que não seja 100% adequado, mas você tem que fazer. Porque você não vai deixar essa oportunidade passar. Então aí você já... Tudo o que você ia fazer no outro dia, esquece. Ou você trabalha de madrugada, ou você faz aquilo, um pouquinho que a gente sempre faz. Para poder manter sua agenda no outro dia. Né? Ou então você esquece, se enrola no meio do caminho, desmarca uma coisa, desmarca outra, para poder tentar outro... Então é difícil. (Sulália, ACL)

O senso de responsabilidade é reforçado nessa fala. Mesmo sabendo das dificuldades ela ‘tem que fazer’ para não deixar a ‘oportunidade passar’. Nessa busca frequente pelo sucesso do empreendimento, ela deixa de seguir seu planejamento e se adapta, faz o que consegue ao longo dos dias.

Em um contexto um pouco diferente, já que na UPM são várias mulheres na diretoria, Neide também fala do excesso de trabalho.

Somos várias mulheres na diretoria, mas nem todas atuantes assim. Mas é porque não tem tempo né? Não é todas que podem né? Eu tô aposentada e meus filhos todos cada um já na sua vida né? Então eu posso me dedicar um pouco mais. Tenho muito serviço. Muito. Hoje já fiz duas reuniões e ainda tenho outra agora. Porque? Para resolver as questões né? E um monte de demanda todo dia. (Neide, UPM)

Falando da divisão de trabalho na UPM, Neide conta que existem outras mulheres na diretoria, mas que nem todas conseguem se dedicar, por conta das famílias e dos outros compromissos que já assumiram em suas rotinas.

No contexto capitalista, muitos estudos teóricos e empíricos sobre o tema da liderança têm sido direcionados a um reforço ao modelo de exclusão ou desigualdade social, de tal modo que uma *práxis* libertadora exige uma ruptura com esse tipo de enfoque (Ibanez, 1983). Romper com esse enfoque passa por romper com o reforço do poder para a liderança e do conformismo para os seguidores.

Nessa linha, Espejo (2013) observa que, assim como o estudo das lideranças em geral, o foco do estudo de lideranças comunitárias tem mudado de um viés temático de capacidade e estilo de liderança individual que mantém unida e potencializa a ação da comunidade na busca por suas metas, para um viés que busca o reconhecimento das habilidades do coletivo comunitário (em termos de recursos e características) e as dinâmicas de funcionamento do mesmo. Trata-se de um processo difícil e não óbvio, que demanda tempo e dedicação para quebrar a lógica habitual.

Para Montero (2006), o estudo de lideranças comunitárias possui especificidades não encontradas em outros estudos sobre liderança. Em uma organização formal (como por exemplo, empresas privadas e governo) dirigir grupos, dar ordem e exercer poder, podem ser ações valorizadas e até estimuladas intencionalmente. Já a liderança comunitária é um processo mais orgânico e menos intencional, mas igualmente exigente e desgastante. Em estruturas organizacionais, a liderança formal é um pré-requisito, ao contrário da liderança comunitária.

Independente das especificidades, as pessoas que atuam com comunidades precisam lidar com situações ocasionados pela presença ou ausência de líderes comunitários. Alguns autores como Kelly (2008) e Hasset (2006), destacam que ainda que a liderança comunitária tenha um papel importante no desenvolvimento de comunidades, deve ser compreendida em torno de suas limitações. A relação entre os líderes e os membros da comunidade é vista como resultado de uma interação contínua no tempo e o fenômeno da liderança é apenas mais um elemento de um conjunto complexo de processos organizacionais ancorados no tempo.

Consequentemente se pode adicionar que a ampla variedade de definições presentes em estudos específicos sobre o tema se deve à natureza multifacetada do fenômeno, atribuída em parte a seus componentes múltiplos e em parte pela complexidade da liderança relacionada a práticas sociais e culturas específicas. (Kelly, 2008)

As limitações e contradições relacionadas à motivação pela comunidade versus a sobrecarga do trabalho ao longo do tempo ficaram marcadas nas entrevistas das lideranças. Suas falas oscilam entre desejos e sonhos de novos projetos para que os empreendimentos provoquem mais mudanças na comunidade e entre a vontade que outras pessoas assumam ou dividam as múltiplas responsabilidades que elas possuem.

8.3. Liderança comunitária e seu papel político

Na temática da liderança comunitária, é possível traçar um paralelo com o conceito de liderança política trazido por Katz (1973). Para ele, a liderança política não é qualquer tipo de liderança, mas aquela que busca uma mudança no contexto do grupo no qual está inserida.

Ela pode ocorrer via uma atuação alinhada ao sistema vigente (utilizando ferramentas e políticas de transformação social) ou via uma atuação de contraponto ao sistema, com objetivo de modifica-lo. É pautada em distribuições de recursos e recompensas que pode ou não implicar em mudança do sistema específico. Não cabe ao líder uma atuação focada em burocracia ou aplicação mecânica de processos e condutas já desenhadas. Seguir as regras do jogo não exige liderança política, mas sim uma posição de autoridade. O que exige liderança política não é a execução das regras, mas sua formulação, extensão ou modificação.

Na análise de aspectos formadores da política, Adorno (1965) destaca a contribuição da ignorância para que o senso comum seja apropriado como verdade. A política aparece como algo desconexo do indivíduo em uma sociedade cada vez mais individualista. Nesse sentido, a melhoria da educação, muitas vezes colocada como a fórmula de resolução dos problemas sociais, é apenas um aspecto da transformação social necessária para efetiva mudança. A transformação do ambiente cultural também possui papel essencial nesse sentido.

A identificação com lideranças se estabelece com foco em rótulos, projeções e personificação, diminuindo a importância dada às pautas e realizações efetivas dos atores. Essa identificação não é natural, é produzida pela cultura de massas, onde, por exemplo, um filme de Hollywood produz heróis que serão consumidos pelos telespectadores. Nesse sentido, a produção cultural é idêntica à produção industrial e se sustenta pelo lucro. A concepção de personalidade para Adorno (1969) está ligada à reificação do ser humano,

transformando a subjetividade em objetividade por meio de uma construção social intencional.

Somado a isso, a opinião pública aparece desde o período pós-guerra com o objetivo de exercer legitimamente uma função de controle. Entretanto a opinião pública pode ser entendida como a tentativa de uma construção de verdade que não é válida em si, mas uma direcionada para todos ou muitos.

Na análise de Adorno (1969), existe a intenção de equiparar a opinião pública com seus órgãos de controle. Ele resgata a afirmação de Hegel acerca da contradição interna do conceito de opinião pública. Para ele, a opinião pública deve ser simultaneamente respeitada e depreciada. O paradoxo corresponde à contradição da realidade que a opinião pública vale e que a produz. Não existe liberdade sem uma opinião que possa discordar da realidade, mas essa mesma divergência coloca em perigo a liberdade. Assim, o direito à livre expressão das opiniões implica uma identidade entre os indivíduos e entre as consciências individuais e o interesse comum racional que justamente é dificultado num mundo que considera a liberdade como um direito vigente.

O sujeito, portanto, consegue ser menos um agente de transformação de sua realidade e de exercício de suas liberdades, e se transforma em mais um reprodutor de uma trajetória que possui uma previsibilidade frustrante. Ao invés de realizar suas potencialidades e contribuir para o desenvolvimento de seu contexto, o líder comunitário se vê travado e com poucas perspectivas de influência para a transformação real.

Esse olhar para a liderança sob o viés político e com limitações aparece nos processos encontrados na pesquisa. Tanto Neide quanto Sulália falam das lutas das quais participaram ao longo das suas vidas e de como esses processos de mobilização e engajamento comunitário foram importantes para as mudanças que foram percebendo com o passar do tempo.

A região, o pessoal não tinha um olhar para região. Mudou muito, quem conheceu o Jardim Ângela naquela época e conhece agora, mudou muito. Graças a deus. (...) Não só esse lado ruim, mas tinha o lado de movimento, de lideranças, de pessoas, de trabalhadores, e de luta e resistência. Sabe? Então a gente queria mostrar sabe? E pensamos muito alto, que através de um projeto a gente poderia mudar muita coisa. E é verdade. Hoje, pensando, mesmo sendo uma gotinha no oceano, mas nós fazemos a diferença. (Sulália, ACL)

Na análise de lideranças proposta por Montero (2004), a liderança comunitária é entendida como resultado de um processo de interação entre diversos atores que participam de um sistema social, definido como um processo de caráter complexo, ativo, participativo e democrático que fortalece o compromisso com a comunidade, gera modos e modelos de ação assumindo-se como um serviço prestado a essa comunidade. Nesse sentido é também um processo centrado no potencial de ação da comunidade, derivado dos próprios reconhecimentos que os líderes fazem em torno de suas características e necessidades.

As lideranças comunitárias se destacam dos demais membros da comunidade e passam a atuar de maneira mais intensiva nas ações que são ofertadas às comunidades e que buscam ampliar ou efetivar os processos de desenvolvimento.

Para Montero (2006), a identificação dos líderes comunitários acontece nas próprias reuniões de organização e planejamento de atividades comunitárias ou em circunstâncias que afetam a comunidade e que exigem uma atuação mais organizada. Os líderes comunitários usualmente são pessoas que já possuem como prática assumir algumas responsabilidades na condução dessas atividades ou na mobilização de outros membros da comunidade para uma atuação conjunta.

No contexto latino-americano, o caráter necessário e inevitável para o surgimento da liderança na comunidade, se complementa, de acordo com Montero (2003), com três características específicas:

- (i) Seu caráter ativo, ou seja, os líderes são a cabeça visível e, por vezes, o bode expiatório do grupo, assim como seus representantes perante outros grupos ou instituições do sistema social;
- (ii) O caráter democrático que caracteriza a participação, pois ainda que se fale de líderes e seguidores, no âmbito da liderança comunitária, os seguidores não podem ser classificados simplesmente como seguidores, idealmente a comunidade participativa demanda e permite a atuação do líder, gerando uma relação de dependência mútua;
- (iii) O modo com que as lideranças assumem o trabalho depende de suas próprias percepções de si mesmos e de sua relação com o grupo, com base na construção de sua credibilidade e legitimidade social construída ao longo do tempo.

Em um enfoque participativo, a atuação da liderança comunitária permite obter conhecimentos relevantes sobre o significado contextual que outorgam líderes de uma comunidade. Por exemplo, no exercício desse tipo de liderança, os líderes são

reconhecidos pela habilidade em gerar e fortalecer o compromisso com a comunidade e seus interesses, possuem capacidade de escutar ideias, propostas e conselhos, advertências e críticas, incorporando-as frutiferamente no terreno de suas ações.

Sua influência pode também ser reconhecida pela destreza de atuar de uma forma diferente à sugerida pela comunidade. A própria marca do líder, ainda que pequena, pode emergir reconduzindo as opiniões e vontades e, nesse contexto, se constitui como um traço de personalidade distintivo que revela o valor do seu potencial de ação social transformadora.

Nas situações observadas nesta pesquisa, as lideranças realmente deixam suas marcas na rotina dos empreendimentos e das comunidades do entorno. As pessoas citam características pessoais das lideranças como carinho, atenção, objetividade e olhar diferenciado, para falar das realizações dos empreendimentos. Pelo fato das lideranças utilizarem a gramática do acolhimento, as participantes sentem-se como se estivessem em suas famílias idealizadas, reforçando laços e sentido de pertencimento àquele grupo.

8.4. Reconhecimento da liderança

Nessa análise, um tema que merece destaque é a motivação para exercer a liderança. Segundo Laswell (1930), a principal motivação da liderança política é o amor ao poder. Além do poder, soma também a busca por status e reconhecimento, espírito de serviço à comunidade e necessidade de ter estima dos pares. Entender as causas da motivação é importante para fortalecer o impacto que a liderança provoca na comunidade e para estimular que outras pessoas exerçam esse papel perante a comunidade.

Outro fator interessante é o sistema de crenças existente na comunidade em determinado momento. Muitas crenças referem-se ao sistema de representatividade, ao tipo de líder desejado e às relações que deveriam existir entre o líder e o liderado. Mais um fator importante para a manutenção de um processo de liderança é a facilidade ou não de acesso a recursos para a comunidade. Quanto mais acesso o líder possuir a recursos (financeiros ou não) que sejam reversíveis à comunidade, maior estabilidade do processo de liderança. Ao contrário, quando ele não possui acesso a recursos, maior é o foco em negociação e flexibilidade.

Sob o ponto de vista de busca por poder, status e reconhecimento, as interações com as lideranças e com as participantes não permitiram captar comentários ou

percepções nessa linha. De qualquer forma, é fato que o reconhecimento das lideranças ocorre. Elas são chamadas para falar dos empreendimentos, para realizar novos projetos e mantém ativa a participação no ecossistema local de busca pelo desenvolvimento da comunidade.

A fala de Sulália, em alguns momentos, dá a entender que ela possuía mais *status*, no emprego anterior, mas aceitou continuar no empreendimento por “teimosia”. A essa teimosia pode-se dar o nome de persistência e vontade de fazer dar certo. E pode ser que a busca por poder e *status* tenha dado lugar a um cansaço depois de tantos anos de trabalho e das dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos.

A liderança, portanto, vista como um processo, é mais um dos fatores que contribui para as conquistas individuais e coletivas na comunidade. A liderança comunitária é uma conquista, mantida pela continuidade de aceitação e reconhecimento da comunidade. É um processo que passa por abrir mão de parte da vida pessoal, que traz o peso e o benefício de possuir um papel político e proporciona reconhecimento às pessoas que assumem esse papel.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA O CAMPO

As conclusões e recomendações desse trabalho foram construídas por mim e compartilhadas com as participantes dos empreendimentos. Em dois encontros separados (um em cada empreendimento), Neide, Vera, Betânia, Sulália e Selvina ouviram alguns trechos do texto para ilustrar cada tópico. Ao longo dessa escuta, deram opiniões, pediram algumas alterações e se interessaram por aspectos de histórias similares às suas, mas de outros empreendimentos e contextos. Em suas falas, se viram representadas nesse trabalho e validaram o processo, permitindo que as conclusões chegassem e pudessem ser aqui apresentadas.

Ao longo do processo de pesquisa, busquei captar como se dão as relações entre as pessoas e lideranças de empreendimentos de Economia Solidária. A importância do contexto para a forma com que se dão as relações mostrou-se essencial. Nesse sentido, estudar o território e a história dos empreendimentos, ainda que brevemente, foi importante. Sobre o contexto, ficou evidente a existência de um ecossistema local de

apoio e busca por melhorias sociais. Cada empreendimento faz parte desse ecossistema, contribui e se beneficia dele. As pessoas que chegam até o empreendimento chegam por outros projetos ou organizações locais relacionadas a ele ou às lideranças que deram início a ele.

As transformações sociais são a principal bandeira dos empreendimentos. Seja para lutar pelos direitos das mulheres ou por melhorias ambientais na região, é nessa temática que se ancoram, com a qual trabalham e conseguem parcerias para arrecadar recursos e realizar suas atividades. Embora nos dois empreendimentos a busca seja por sustentabilidade financeira e não queiram ações assistencialistas, nenhum dos dois consegue financiar suas ações exclusivamente a partir de suas próprias atividades. Trata-se de um paradoxo visto em muitos empreendimentos de Economia Solidária no país.

Por outro lado, as relações geradoras de vínculos sociais são muito significativas e transformadoras para as mulheres que participaram da pesquisa. Elas contrapõem frequentemente as queixas por não terem renda a partir do trabalho no empreendimento à sensação de pertencimento e aos ganhos pessoais que conquistaram por fazer parte deles. Elas citam apoio em períodos depressivos, melhoria de qualidade de vida por trabalhar no bairro e não ter que perder seis horas de deslocamento diárias para trabalhar em bairros ‘centrais’ e falam do orgulho de ter um trabalho diferente do trabalho como empregada doméstica.

Ao observar a história das mulheres e os assuntos que elas trazem à tona, é interessante perceber como alguns temas são recorrentes: violência, escolaridade e religião estão presentes em muitos relatos e de maneiras distintas.

As dificuldades para estudar são relatadas frequentemente com um pesar e acompanhadas de um comentário de que ‘se tivesse estudado estaria em melhores condições’ financeiras, teria mais oportunidades. Não tratam como um direito que lhes foi negado. O trabalho na infância e as atribuições que couberam às mulheres após a maternidade, também são relatados como impedimentos à continuidade nos estudos de maneira quase natural ou de sua responsabilidade. Soma-se a isso o fato dos métodos de ensino não serem atraentes para algumas delas. “Não priorizei”, “não gostava”, aparecem em algumas falas sobre esse tema. Por outro lado, apareceram também relatos de que estudar “era muito gostoso”, “queria estudar e não pude”, simbolizando que essas relações, como tantas outras, são muito particulares. O paradoxo de que os estudos

garantem mais oportunidades profissionais também está presente. Para aquela que possui ensino superior completo, existem cobranças pessoais. O fato de ter estudo carrega para ela uma espécie de responsabilidade por uma condição financeira melhor que não se concretizou. De toda forma, a escolarização é um tema presente não apenas na elaboração do passado, mas também quando analisam a situação em que se encontram atualmente.

A violência contra a mulher, em ambiente doméstico, aparece como um problema presente no cotidiano. Algumas as mulheres relatam casos de vizinhas, mulheres que participaram ou participam dos empreendimentos, histórias que ouviram. Aquelas que sofreram violência não falam muito sobre ela. Introduzem o assunto para abordar a transformação que passaram em suas vidas ao participarem de grupos de apoio a mulheres vítimas de violência. Elas falam de violência psicológica e física. E falam também de traição, mentiras e seu impacto psicológico. A problemática da violência é complexa e marca a história de quem passa por ela direta ou indiretamente. Está presente nos cotidianos e mobilizou movimentos de lutas para combater essa violência e também para acolher quem passa por ela. Nesse sentido, os empreendimentos mostraram-se espaços interessantes de acolhimento e ressignificação da rotina.

A religião ocupa diferentes espaços na história das mulheres dessa pesquisa. Aparecem influências positivas e negativas em suas decisões e autopercepção. Dependendo da forma como lidam com os ensinamentos religiosos e das pessoas com quem elas convivem nos espaços religiosos, contribuem para ampliar sua visão de mundo, ajudam em processos depressivos, mas também podem provocar aceitação de situações de opressão para garantir a continuidade do casamento.

Nesse quadro de diferentes situações e atribuições de significados, as mulheres relacionam-se entre si e com os empreendimentos em múltiplas maneiras. Após longos anos de esforços, aparece a oscilação entre a vontade de sair e a de ficar. A “cura das questões humanas e não do bolso” faz com que surja uma vontade de tentar algo diferente, pensar em outras possibilidades. Por outro lado, as possibilidades fora do empreendimento não são muitas. Considerando a idade e sua história, elas não se veem mais trabalhando “do outro lado da ponte”, como empregada doméstica. Além disso, fatores como o acolhimento para questões pessoais, a flexibilidade em relação aos horários e à rotina pessoal, as relações de amizade construídas, fazem com que exista sentido em continuar tentando mais um pouco.

Na relação umas com as outras, e com as demais pessoas dos empreendimentos, estar em comunidade contribuiu para melhorar a autoestima. Mesmo tendo cada uma sua história, “estar entre iguais” é bom e esse senso de pertencimento fortalece a vontade de continuar e inclusive permite falarem abertamente sobre as dúvidas e a vontade de sair.

Ao falar dos sonhos, aparecem a vontade de viajar e adquirir bens materiais, mas também de garantir saúde para si e para a família. Ter dinheiro e independência financeira aparecem nas falas, mas é complementado por outros aspectos que garantiriam ‘o suficiente’.

As duas lideranças que participaram dessa pesquisa são lideranças com perfis acolhedores e que possuem em seu trato com as pessoas um olhar para as histórias. Cada uma delas tem uma história e motivações distintas, e existem aspectos similares em suas falas e histórias. Se outros empreendimentos e outras lideranças participassem da pesquisa, certamente outros fatores apareceriam e possivelmente alguns dos que ficaram marcados por essas duas mulheres, teriam um peso menor. Sulália e Neide são duas mulheres que tiveram dificuldades financeiras na infância e que construíram uma trajetória de lutas e conquistas sociais ao longo de suas vidas. Elas estão ligadas a movimentos sociais há muitos anos e preocupam-se com o futuro da comunidade e dos empreendimentos em que estão atualmente.

Para elas, os resultados dos empreendimentos estão nas transformações ocorridas na vida de cada pessoa que passa por eles. Embora seja ‘uma gota no oceano’, sabem que para aquela pessoa faz a diferença. Elas têm consciência de que existem ganhos e também muitas dificuldades. Ao mesmo tempo que o convívio e as atividades do empreendimento, transformam as vidas das pessoas, a dificuldade financeira existe e frustra. Elas comentam que, para que as transformações ocorram, é necessário apoio do Estado e compromisso de longo prazo.

É na perspectiva do compromisso que ambas se pautam para falar do futuro dos empreendimentos e dos sonhos. Comentam que o trabalho social é intrinsecamente ligado ao tipo de governo no qual esse trabalho está inserido. As mudanças de viés governamental modificam as relações e acordos pré-estabelecidos. Essas mudanças dificultam o atingimento dos resultados. Falam de que precisam de oportunidades para fazer e realizar as mudanças, apoio político que não seja assistencialista.

Ao falar de suas rotinas, falam da dificuldade e da solidão. Dificuldade de dividir o trabalho com outras pessoas (seja da diretoria, seja outros membros do empreendimento), pois todas as outras pessoas estão também sobrecarregadas. Além da sobrecarga, a rotina e a quantidade de assuntos rotineiros com os quais precisam lidar impedem que foquem na captação de recursos. É perceptível um cansaço por anos de trabalho e a necessidade de conciliar o trabalho com a família. Para se manterem firmes e ‘não desistir’, ancoram-se em pessoas inspiradoras que, assim como elas, fazem a diferença na comunidade. A família e movimentos que provocaram mudanças na comunidade também as inspiram.

Ao observar os temas que aparecem na história das lideranças e das participantes, existem aspectos comuns às cinco *mulheres* que participaram da pesquisa. De maneiras diferentes elas percebem suas múltiplas identidades. A identidade é múltipla e passa por metamorfoses ao longo de suas vidas: menina, mulher, mãe, da periferia, negra, liderança, avó, empregada doméstica, dentre tantas outras. Desigualdades de gênero estão naturalizadas: responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos é da mulher. É algo difícil de ser alterado tanto na prática quanto no discurso. Sobre a desigualdade social, existe consciência sobre o processo e reivindicação de direitos para minimizar os impactos da injustiça. Em alguns momentos, a própria participação nos empreendimentos parece ampliar essa consciência sobre as desigualdades e alimentar o a vontade de continuar participando e lutando. Em outros momentos, entretanto, aparece o cansaço e a sensação de que a vida vai continuar assim mesmo, que é melhor seguir vivendo.

A *Economia Solidária* apareceu na vida delas como um convite. Esse convite nem sempre fez sentido. Para algumas das mulheres é difícil porque ‘o mundo lá fora é capitalista’ e porque ‘não fomos educadas para sermos empreendedoras’. Para outras, faz parte do processo. Embora não tenham clareza de toda a ideologia por trás dos princípios da Economia Solidária, solidariedade e repartição consensual das retiradas são temas falados e aceitos por todas. Já o processo de autogestão não é tão claro nem citado. Esse aspecto muito provavelmente está relacionado às dificuldades enfrentadas pelas lideranças para lidar com as múltiplas tarefas do dia-a-dia e garantir a gestão coletiva do empreendimento. Está também relacionado ao fato de os demais participantes dos empreendimentos não demandarem esse tipo de gestão e legitimarem a atuação das lideranças da forma com que elas atuam ao longo do tempo.

Sob a perspectiva da teoria do *reconhecimento*, os empreendimentos e, principalmente, as relações dentro dele, permitiram ampliar o reconhecimento nas três categorias de análise: autoconfiança, autoestima e autorrespeito. Os empreendimentos mostraram-se como um espaço para ampliação de autoestima, ao poder compartilhar dificuldades e sentir-se entre iguais, em comunidade. A autoconfiança é ampliada pela sensação de estar com pessoas que acreditam nas suas capacidades de realizar, de fazer. Ao ser reduzida em casos de violência e ampliada em casos de amor nas relações de amizade, a autoconfiança aparece fragilizada quando algumas das participantes chegaram e foi ampliada após os anos de convívio e criação de vínculos afetivos. Em relação à luta por direitos, os empreendimentos apoiam a busca por direitos da mulher e a direitos básicos (saúde, jurídico, etc), por meio do ecossistema de outros empreendimentos sociais aos quais estão relacionados.

A teoria das capacidades se mostrou importante para trabalhar essa temática. Trata das opções reais que o indivíduo possui em realizar determinadas ações. Opções que passam pelas capacidades e habilidades, mas também pelos estados mentais e subjetivos de cada indivíduo, além de circunstâncias externas. Esses aspectos são influenciados pela história de cada um, que inclui o acesso a serviços de saúde e alfabetização, que vão dar mais ou menos confiança para que aquela pessoa consiga tomar suas decisões. A liberdade exige o desenvolvimento dessas capacidades. E é para esse conceito de liberdade ampliada e real que vale a pena trabalhar.

As *lideranças* muitas vezes fizeram o papel de estimular essa liberdade e também foram pontes entre projetos e empreendimentos. Elas, ao assumir múltiplas funções na comunidade e nos empreendimentos, assumem um papel mais complexo que liderança formal de uma empresa, pois precisam de representatividade e aceitação. Em processos de liderança formal, a representatividade e aceitação também são importantes, mas podem ficar ocultos em normas e regras que impedem a percepção desses fatores no cotidiano. É importante observar esse fator, porque, embora sejam lideranças comunitárias, as duas mulheres dessa pesquisa também ocupam cargos formais. É talvez pelo papel político nos processos de mobilização e engajamento que mantenham a aceitação dos demais participantes, dada a relevância de sua atuação para as mudanças que foram ocorrendo com o passar do tempo.

De toda forma, Neide e Sulália deixam suas marcas na rotina dos empreendimentos. As participantes sentem-se em família e as lideranças sentem-se

responsáveis pelas pessoas e pelo sucesso dos empreendimentos. Os anos de luta e o cansaço aparecem e são contrapostos com os laços e sentido de pertencimento ao grupo.

O futuro da vida das mulheres e dos empreendimentos que participaram da pesquisa é incerto. Hoje já estão diferentes e talvez com outras questões e percepções sobre suas vidas e seus desejos. De toda forma, construímos juntas recomendações para possíveis apoiadores e pesquisadores que, seja com esses grupos ou grupos similares, podem aproveitar para construir metodologias em conjunto e tentar contribuir para a melhoria das condições de vida e do trabalho em comunidades.

- As relações se estabelecem influenciadas pelas lideranças e pelas histórias de quem participa: é importante dar espaço para fala e compartilhamento de experiências pessoais. Esse processo facilita criação de vínculo e senso de pertencimento
- As principais transformações acontecem na vida das pessoas: deixar que os resultados apareçam sob o viés da percepção dos participantes contribui para que as principais transformações venham à tona e seja possível construir a partir daí.
- Em empreendimentos com anos de existência, muito já foi tentado: o resgate de histórico dos empreendimentos antes de começar qualquer nova iniciativa de apoio permite que as novas propostas sejam construídas considerando aprendizados anteriores
- Mudanças sociais demoram para acontecer e o contexto local nem sempre é fértil: é importante deixar claro tempo e intensidade de apoio possível ao longo do processo e o tempo de permanência deve ser acordado com os participantes
- Apoio financeiro estruturado é importante para a continuidade das ações: o paradoxo da dificuldade financeira é real e se perpetua em diferentes níveis. Embora não garanta sustentabilidade financeira, a flexibilidade nas linhas de aplicação de recursos facilita o atingimento dos resultados esperados
- É preciso ter cuidado para não reforçar o sistema de poder vigente ao trabalhar com as lideranças comunitárias. Trabalhar as habilidades do coletivo, a distribuição de tarefas e de poder na comunidade poderia reduzir a sobrecarga das lideranças e permitiria a ampliação do impacto das ações nas comunidades
- Ter contato com a educação formal não foi atrativa ou possível para muitas pessoas ao longo das suas vidas e elas podem ter interesse em saber mais sobre temas que são discutidos na academia e entender a relação de suas vidas com esses temas. Ao ouvir as conclusões que foram apresentadas sobre a pesquisa e ao saber que já existiam

estudos sobre suas realidades, as mulheres se sentiram representadas e acolhidas. Pesquisadores podem apresentar teorias, conceitos e relações teóricas que buscam estabelecer ao longo das pesquisas, de modo que a construção de conhecimento seja realmente coletiva e possa ficar no campo também. Por outro lado, anterior a isso, pesquisadoras e pesquisadores podem entender melhor as demandas das comunidades onde vão realizar sua pesquisa e produzir conhecimento compartilhável já a partir do ponto do desenho da pesquisa.

Por fim, essa pesquisa tornou-se mais do que uma pesquisa sobre o processo de lideranças, tornou-se uma pesquisa sobre as relações que se estabelecem em empreendimentos solidários. As lideranças exercem um papel muito importante e deixam marcas. E as demais pessoas que participam desses empreendimentos também exercem papéis importantes e deixam suas marcas. São relatos de processos vivos de convívio e luta por espaço e acolhimento na sociedade. De alguma forma esses empreendimentos conseguem dar esse espaço e acolhimento às pessoas que por lá passam. E precisam de ajuda e compromisso para que tenham mais resultados e consigam gerar mais transformações.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO. Theodor. W. *Personalidad Autoritaria*. Madrid: Taurus. 1965

ADORNO, Theodor. W. *Opinião, Locura, Sociedad* In Theodor W. Adorno. Intervenciones: nueve modelos de crítica. Caracas: Monte Avila, 1969

ALMEIDA, André de Camargo, SANTOS, Alessandro de Oliveira e PAIVA, Vera *O incremento da participação comunitária em pesquisas sociais: a estratégia de trabalho com a agenda local*, em Vulnerabilidade de Direitos Humanos: Prevenção e Promoção da Saúde Livro III. Curitiba: Juruá Editora, 2012

ALVES, Andrea *Pensar o gênero: diálogos com o Serviço Social* Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 268-286, 2018

BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho *A Economia Solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil*. São Paulo, Cortez, 317 p, 2007

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 2006

BARROS, Vanessa Andrade. *De la représentation au pouvoir: une étude sur les trajectoires politiques des dirigeants syndicaux au Brésil*. Tese de doutorado. Lille: Presses de Septentrion, 2000

WENTZEL, Marina *O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo* BBC Brasil : Suíça, 2018. Disponível em : <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953> Acesso em 06.08.2018

CAMESELLE, José Manuel Sabucedo. *Psicología política*. Madrid: Síntesis, 1996

CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais - Bloco Qualitativo*. São Paulo: SESC-CEBRAP, 2016

CIAMPA, Antonio da Costa *Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*. São Marcos: Interações. Vol. III N° 6, 1998

COUTINHO, Marcia L. P. D. e MAGRO, Maria C. *Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em empreendimentos solidários* Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 703-711, out./dez. 2008

DOMENÈCH, Miguel. *Grupos, movimientos colectivos e instituciones sociales*. Em: Tomás Ibañez Gracia (Coord.) *Introducción a la psicología social*. Barcelona: UOC, 2004.

ESPEJO, Maria Izabel R. *Liderazgo comunitário y capital social: una aproximación desde el campo biográfico*. Tese de doutorado. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2013

ESTEVES, Egeu G.; SILVA, Cleberson P; SPINK, Peter K. *Conexões da Zona Sul: levantamento participativo da Economia Solidária na Zona Sul da cidade de São Paulo*. Relatório de pesquisa Número 10. São Paulo: FGV-EAESP / CEAPG, 2016

FERNANDES, Antonia Prata (Alguns) *quadros teóricos da Psicologia Comunitária*. Análise Psicológica, volume 2 (XVIII). Beja: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2000

FRASER, Nancy *O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história*, em Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais Mediações: Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, 2009

GAIGER, Luiz Inácio & Grupo Ecosol, *A Economia Solidária no Brasil: uma análise de dados nacionais*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014

GAIGER, Luiz Inácio *Economia Solidária no Brasil*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

GAIGER, Luiz Inácio *A outra racionalidade da Economia Solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, 2007

GAIGER, Luiz Inácio *A Economia Solidária e o valor das relações sociais vinculantes* Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2008

GAIGER, Luiz Inácio e CORREA, Andressa da Silva *O diferencial do empreendedorismo solidário* Ciências Sociais Unisinos: São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 34-43, jan/abr 2011

GALVÃO, Agência Patrícia *Dossiê Violência Contra as Mulheres*, São Paulo, 2015. Disponível em < <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/>> Acesso em: 31/07/2018.

GUÉRIN, Isabelle. *Introdução Geral*. Em: *As mulheres e a Economia Solidária*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 11-30.

HASSETT, Alexander *Individual, organizational and community empowerment: applying a community psychology framework to a school development programme* Tese de doutorado. Johannesburg: University of the Witwatersrand, 2006

HIRATA, Helena *Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais* Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, 2014

HONNETH, Axel; *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* São Paulo: Editora 34, 2003

HONNETH Axel *O Eu e o Nós: reconhecimento como força motriz de grupos* Porto Alegre: Sociologias, 2013

HONNETH, Axel *Observações sobre a reificação* São Paulo: Civitas Revista de Ciências Sociais, v. 8, n. 1, 2008

IBANEZ, Tomás *Poder y libertad*. Barcelona: Hora, 1983

KERGOAT, Daniele *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. Revista Novos Estudos, ed. 86, 2010

KATZ, Robert. *Patters of Leadership*, em KNUTSON, J. N., Handbook of political psychology. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1973.

KELLY, James *Community Psychology in practice*. New York: Haworth Press, 2008

KRUEGER, Guilherme *Cooperativas de trabalho na terceirização* Belo Horizonte: Mandamentos, 2003

LASSWELL, Harold D. *Psychopathology and politics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1930

MARCUSE, Herbert *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975

MARTÍN-BARÓ, I. Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-Americana. In: GUZZO, R.S.L; LACERDA, JÚNIOR, F. *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. São Paulo: Alínea, 2009

MILL, John Stuart *Sobre a Liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1991

MONTERO, Maritza. *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad*.- 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2003.

MONTERO, Maritza. *Introducción a la psicología comunitária*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

MONTERO, Maritza. *Hacer para transformar: el método em la psicología comunitaria*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia de. *Teoria geral da administração*. 3.Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

NOSSA SÃO PAULO, *Mapa da Desigualdade 2017*. Rede Nossa São Paulo: 2017
Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/portal/arquivos/mapa-da-desigualdade-2017.pdf>>. Acesso em 25 de julho de 2018.

REGO, Walquiria. Leão; PINZANI, Alessandro Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Unesp, 2013

ROSA, Alexandre Reis; TURETA, Cesar, BRITO, Mozar José *Resíduos sólidos e políticas públicas: reflexões acerca de uma proposta de inclusão social*. Organizações Rurais & Agroindustriais: Lavras, v. 8, n. 2, p. 257-267, 2006

SCOTT, Joan *A mulher trabalhadora* em DUBY, Georges e PERROT, Michelle *História das Mulheres no Ocidente* vol IV: O século XIX Edições Afrontamento: Porto, 1991 (p 443 a 477)

SEN, Amartya. A ideia de justiça. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SIMIONI, Flavio José; SIQUEIRA, Elisabete Stradioto; BINOTTO, Erlaine; SPERS, Zilda; ARAUJO, Aparecida Soares *Lealdade e oportunismo nas cooperativas: desafios e mudanças na gestão* Revista de Economia e Sociologia Rural vol.47 no.3 Brasília, 2009

SINGER, Paul *Dez anos de Secretaria Nacional De Economia Solidária (SENAES)*
IPEA: Mercado de trabalho, n. 56, 2014

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002 1ª edição.

SOUSA, Jesse *Construção Social da Subcidadania*. Belo Horizonte: UFMG. 2012